

PREFÁCIO

Os conceitos de homossexualidade e homoerotismo

Existem determinadas situações sobre as quais o ser humano não consegue comunicar verbalmente, devido ao facto de serem inefáveis, como por exemplo a experiência estética, ou a experiência religiosa. Nessas situações a grandiosidade da experiência em causa, com a qual o ser humano por vezes se confronta, origina determinadas dificuldades de comunicação, em que uma pessoa por vezes não encontra palavras para descrever o seu estado de espírito. Existem também situações como as da paixão amorosa, sobre a qual o ser humano tem dificuldade de comunicar verbalmente. Não há palavras para descrever realmente a paixão, o amor, o estado de enamoramento, não há palavras para dizer o que se sente, e esta indizibilidade tem como origem uma impossibilidade de ordem psicológica, devido ao facto dessa realidade sobre a qual o ser humano se pretende exprimir não ter uma correspondência verbal através da qual ele o possa efetivamente fazer.

A literatura tem contribuído para a construção de conceitos que expressem a realidade interior do ser humano, e para a compreensão de situações que só ela própria, do ponto de vista literário, torna possível uma maior compreensão, assim como a sua denominação. Por exemplo, a obra de Franz Kafka, principalmente *O Processo*, o seu romance mais conhecido, deu origem ao conceito de *kafkiano*, conceito esse que costuma ser empregue para denominar determinadas situações, ambientes, estados de espírito, e atitudes psicológicas. Pode ver-se algo semelhante noutras denominações, a partir da obra de vários autores: *platónico*, de Platão, *dantesco*, de Dante, *cartesiano*, de Descartes, *dostoiévskyano*, de Dostoievsky, *masoquista*, de Masoch, *sádico*, de Sade, *orwelliano*, de George Orwell, *queirosiano*, de Eça de Queirós, etc., e ainda com personagens literárias: *quixotesco*, do *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes, por exemplo, ou mesmo com os estilos literários, como por exemplo o conceito de *fabuloso*, das *Fábulas* de La Fontaine.

Por outro lado, existem também determinadas situações sem designação, ou onde existe dificuldade em serem expressas, não devido a razões psicológicas, mas sociais. Há determinadas coisas que sempre existiram ao longo da História, mas para as quais não havia propriamente uma designação oficial ou

socialmente aceite e estipulada, devido ao pudor ou ao preconceito, como por exemplo no caso da homossexualidade, palavra esta que só apareceu no século XIX. Excetuando as palavras pejorativas, de cariz popular, ao longo da História não havia uma designação propriamente dita, para o amor que não ousava dizer o seu nome. Só muito tarde, através da obra de escritores e intelectuais, passou a empregar-se lentamente determinadas designações, umas de forma subentendida, outras de forma eufemística ou metafórica, e ainda outras de forma pejorativa: amor grego, amor socrático, pederastia, sodomia, unissexualidade, inversão sexual, sensibilidade sexual contrária, uranismo, terceiro sexo, desvio sexual, comportamento contranatura, vício francês, vício aristocrático, vício burguês, decadentismo, degenerescência, etc.

Fernando Pessoa emprega também algumas destas designações ao longo dos seus textos. Fala algumas vezes no *amor grego*, tanto em poemas como em fragmentos genéricos e em frases soltas, de que são exemplo os apresentados no capítulo *Textos e fragmentos genéricos* do presente livro. Fernando Pessoa emprega também a designação de *unissexual* no seu conto *O eremita da serra negra*; sugere a expressão *vício francês* em alguns dos textos do heterónimo Jean Seul; emprega algumas vezes as palavras *decadentismo* e *degenerescência* como metáforas de *homossexualidade*. Num dos heterónimos não identificados, no texto *O catolicismo imoral*, emprega a palavra *uranistas*. Há outras designações que Fernando Pessoa emprega, como por exemplo *esteta*, *artista*, *amigo*, *amigo íntimo*, e *impossível amigo*, que podem ser interpretados no sentido homoerótico. A amizade esteve sempre muito ligada ao amor, na Antiguidade clássica, onde os amantes eram denominados *amigos*, assim como nas canções medievais, pois como é sabido, as *Cantigas de Amigo*, apesar da palavra *amigo*, não eram poesias de amizade, mas sim de amor.

No entanto, muitas vezes a homossexualidade está presente nos textos de Fernando Pessoa, mesmo que ele não empregue essas denominações, nomeadamente na poesia, como por exemplo no poema *Antínoo*. Sabemos que esses poemas são de conteúdo homoerótico, não porque neles esteja presente algum dos termos ou designações acima referidos, mas sim porque nesses poemas existem referências a alguém (no sentido amoroso ou erótico) tendo como destinatário uma pessoa do sexo masculino (por exemplo através da palavra *ele*). O emprego das designações mais comuns, nomeadamente as de *homossexualidade*, e de *inversão sexual*, só existem nos textos em que Fernando Pessoa fala diretamente sobre o tema da homossexualidade, ou quando fala desse tema a propósito de determinados escritores. Quando não se trata de um texto de ensaio ou de crítica literária, em que por vezes se faça referência à homossexualidade, mas sim de um texto homoerótico, não existem em Fernando Pessoa designações propriamente ditas, mas sim expressões ou palavras poéticas de afeto e de exaltação da beleza masculina,

ou do amor entre homens, expressões e palavras essas empregues umas de forma direta, e outras de forma indireta ou metafórica, como nos muitos poemas sentimentais que Fernando Pessoa dirigiu a destinatários do sexo masculino, que estão reunidos no presente livro.

Historicamente, existia uma palavra próxima do que hoje se entende por *homossexualidade*: a palavra *sodomia*. Esta palavra formou-se a partir de uma história bíblica (narrada no Génesis, cap. XIX) que fala dos visitantes de Ló, com quem os homens naturais de Sodoma queriam ter relações sexuais, e na subsequente destruição de Sodoma. Este episódio constitui a base para o uso da palavra *sodomia*, mas o episódio bíblico não fala em sexo nem em homossexualidade. Muitos teólogos cristãos, tanto católicos como protestantes, defendem hoje que a destruição da cidade de Sodoma não foi devida à homossexualidade mas sim a falta de hospitalidade e de compaixão pelos pobres.

O emprego da palavra *sodomia* referia-se tradicionalmente ao comportamento homossexual, mas era uma designação limitada, pois associava-se a homossexualidade apenas a um determinado ato físico (o coito anal), que aliás também existe na heterossexualidade. Através da palavra *sodomia* restringia-se a homossexualidade a um determinado ato, e não se incluía outras formas de expressar os sentimentos, o amor, e a sexualidade, nem a identidade desse indivíduo. Fernando Pessoa não emprega a palavra *sodomia* para falar de homossexualidade, mas emprega a palavra *sodoma* no seu texto *Protesto pela apreensão das Canções*, quando defende a obra de Raúl Leal, *Sodoma Divinizada* (uma designação que não é portanto de Fernando Pessoa), e noutros textos de caráter geral, para criticar a apreensão da então chamada *literatura de sodoma* (uma designação que foi empregue pela Imprensa do seu tempo), apreensão essa feita pelo Governo Civil de Lisboa, nomeadamente em relação às obras de António Botto, Raúl Leal, e Judith Teixeira.

Também existia e continua a existir a expressão *inversão sexual*, que é a expressão que foi empregue inicialmente, sobretudo em França e em Itália, desde que Charcot e Magnan, em 1882, publicaram os seus estudos sobre esse tema em *Archives de Neurologie*. Já havia sido empregue em Itália por Tamassia na revista *Sperimentale di Freniatria*, em 1878. Possivelmente apareceu pela primeira vez em língua inglesa, pois muito antes do artigo de Charcot e Magnan, num comentário anónimo ao primeiro artigo de Westphal no *Journal of Mental Science* de outubro de 1871, a expressão *Conträre Sexualempfindung* havia sido traduzida como “inclinação sexual invertida”. A expressão *inversão sexual* foi empregue, como sendo mais apropriado, pela primeira vez em inglês por J. A. Symonds, em 1883, no seu ensaio *A Problem in Greek Ethics*, numa edição de autor. Mais tarde, em 1897, essa expressão foi adotada numa edição pública em inglês desse mesmo livro, e até aos dias de hoje continuou a ser empregue (embora atualmente o seja menos) referindo-se à homossexualidade.

Fernando Pessoa emprega também algumas vezes a expressão *inversão sexual*, que se pode encontrar nos seguintes textos incluídos no presente livro: *Não encontro dificuldade em definir-me* (quando ao falar sobre si próprio afirma: “é uma inversão sexual fruste”); no texto *A imoralidade das biografias* (quando fala sobre Shakespeare) ; no texto: *O Ritmismo Estático*; ; no texto *O conceito de homossexualidade*; diversas vezes no texto *Porque é que as mulheres se detestam tanto umas às outras?* Fernando Pessoa emprega também a palavra *invertido* (com a mesma conotação), nos seguintes textos incluídos no presente livro: *A arte e a sensualidade*; *Coisas pensadas durante a noite de 2 para 3 de Fevereiro de 1917*; *António Botto e o ideal estético em Portugal*; *António Botto e a forma artística do ideal estético*; *Sobre a novela António* (texto II); *Óscar Wilde*; *Declaração de diferença*; *A França em 1950* (do heterónimo Jean Seul); *Contra a revista Orpheu* (dos heterónimos e personagens não identificados).

No entanto, a palavra que Fernando Pessoa mais emprega é a palavra *pederastia*, e que está presente nos seguintes textos incluídos neste livro: *Não encontro dificuldade em definir-me*; *Sobre o horóscopo de Óscar Wilde*; *Carta a João Gaspar Simões*; *Carta à editora de Aleister Crowley*; *Charles Dickens*; *A imoralidade das biografias*; *A arte é a eliminação de um excesso de sensibilidade*; *Aviso por causa da moral*; *A moderna literatura é uma literatura de masturbadores*. Emprega a palavra derivada de *pederastia*, a palavra *pederasta*, nos seguintes textos incluídos neste livro: *Pobres diabos sempre com fome*; *A verdade acerca de homens como Shaw*; *A pederastia como requinte*; *Elogio dos castos, dos pederastas, e dos masturbadores*; *William Shakespeare*; *Só o homem pode ser casto*; *Ode Triunfal*; *Saudação a Walt Whitman*; *Passagem das Horas*; *Declaração de diferença*; *Página do Diário* (do heterónimo Vicente Guedes); *As nossas perpétuas mentiras, as nossas hipocrisias* (do heterónimo António Mora); *Formato género Povo de Aveiro* (de heterónimos e personagens não identificados).

Historicamente, a palavra *pederastia* significava o relacionamento amoroso e sexual entre homens mais velhos e jovens do sexo masculino. No entanto, o significado da palavra *pederastia* evoluiu, e no tempo de Fernando Pessoa era empregue para expressar as relações amorosas e sexuais em geral, e portanto referia-se a todos os homossexuais. Veja-se por exemplo a generalização da palavra *pederastia* na seguinte afirmação de um médico e investigador do século XIX, referindo-se às relações amorosas entre homens: “(...) Tive a ocasião de ler a correspondência de pederastas confessos, e encontrei entre eles, sob as formas de linguagem mais apaixonada, epítetos e imagens saídos dos mais ardentes transportes de verdadeiro amor”.¹ Existem também exemplos de autores portugueses, como o de António Asdrúbal

¹ Ambroise TARDIEU, *Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs* (“Estudo médico-legal sobre os atentados aos costumes”), Paris, Ed. Baillière, 1859.

d'Aguiar, autor do livro *Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa: contribuição para o estudo da inversão sexual*, que foi um autor contemporâneo de Fernando Pessoa, que mostra que no tempo de Fernando Pessoa a palavra *pederastia* era empregue como é hoje a palavra *homossexualidade*, empregando-se para os homens a palavra *pederasta*, e para as mulheres a palavra *lésbica*.²

As designações de *pederastia*, e de *pederasta*, são as designações que Fernando Pessoa também emprega nos seus textos, como era próprio no seu tempo, e emprega-as também para se referir à homossexualidade masculina em geral, como por exemplo na *Saudação a Walt Whitman*, em que chama *pederasta* a este poeta, que não o era no significado grego da palavra, mas sim no significado de *homossexual* (Walt Whitman teve como namorado principal Peter Doyle, um homem que era motorista de autocarros, que conheceu por volta de 1866, e de quem foi inseparável durante vários anos). Por outro lado, nos seus poemas Walt Whitman canta a camaradagem homoerótica, tendo como referência indivíduos do sexo masculino em geral, ou quando nesse poema o próprio Fernando Pessoa expressa sentimentos de amor homoerótico para com Walt Whitman, a quem a determinada altura, na sequência de declarações homoeróticas, chama amorosamente: “meu velho”. Houve mais autores da geração de *Orpheu* que empregaram a palavra *pederastia* em referência à homossexualidade no sentido geral, e portanto em referência aos homossexuais, como por exemplo Almada Negreiros, no poema que dedicou a Fernando Pessoa, mais propriamente ao seu heterónimo Álvaro de Campos, o poema *Cena do Ódio*, que começa assim: “Ergo-me pederasta apupado d’imbecis” (apesar de Almada Negreiros não ser homossexual). Também por exemplo Mário de Sá Carneiro emprega a palavra *pederasta* em referência à homossexualidade, empregando-a como adjetivo, no seu poema *Manicure*: “(...) meu elzevir de curvas pederastas”, ou como substantivo, na sua narrativa *A Confissão de Lúcio*: “Sinto tantas afinidades com essas criaturas... como também as sinto com os pederastas”. Portanto, *pederastia* é uma palavra cujo significado evoluiu, e que se emprega como designação para o relacionamento amoroso ou sexual entre homens, e a palavra *pederasta* para o indivíduo que tem esse relacionamento ou orientação sexual.³

No entanto, a palavra que hoje mais se emprega é a palavra *homossexualidade*. Esta palavra provém do grego *homos* (igual) e do latim *sexus* (sexo), e refere-se à atração física e emocional por uma pessoa do mesmo sexo, e aos

² António Asdrúbal d’AGUIAR, “Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa: contribuição para o estudo da inversão sexual”, in *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. XI, 1926

³ Ver por exemplo no conto de Vergílio Ferreira “A palavra mágica, in *Contos*, Lisboa, Ed. Quetzal, 2009.

respetivos comportamentos amorosos e sexuais. A palavra *homossexual* foi criada em 1868 por um jornalista austro-húngaro de língua alemã, Karl-Maria Kertbeny (1824-1882), ativista dos Direitos Humanos, que designou através da palavra *heterossexuais* os homens que se sentiam sexualmente atraídos por mulheres. Em 1880 Kertbeny escreveu um capítulo sobre homossexualidade para o livro *Die Entdeckung der Seele* (“A Descoberta da Alma”), de Gustav Jaëger, mas a editora retirou essa palavra, por a considerar polémica. Todavia, Jaëger veio a empregar no seu livro a palavra criada por Kertbeny. Mais tarde, no seu livro *Psychopathia Sexualis* (1886), o sexologista alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) empregou as palavras *homossexual* e *heterossexual* do livro de Jaëger. Este livro foi tão influente que acabou por converter estas palavras em designações de referência para a diferença da orientação sexual, em detrimento das designações anteriormente existentes (sodomita, invertido, pederasta, e uriano).

Dantes, não existia ainda o conceito de *homossexual* para quem tivesse relações amorosas e sexuais com um indivíduo do mesmo sexo, nem existia a palavra correspondente para se fazer referência à identidade de uma pessoa, o que só viria a surgir no século XIX, com o discurso clínico. Há que fazer uma distinção entre *ato homossexual*, e *identidade homossexual*, identidade entendida portanto não como algo ocasional, mas sim como algo inerente à própria personalidade. Foi apenas na sequência da separação da Medicina do sexo perante a Medicina geral, tendo como precursora a publicação, em 1846, da *Psychopathia Sexualis*, de autoria do psicólogo austríaco Heinrich Kaan (1816-1893), que passou a existir uma área médico-psicológica dedicada à homossexualidade. No entanto, embora tenha tido inicialmente uma conotação clínica, hoje a palavra *homossexualidade* usa-se de um modo geral, sem ter necessariamente essa conotação, que aliás não tinha, quando essa palavra foi criada por Kertbeny. *Homossexualidade*, e *homossexual*, são as designações mais empregue atualmente, para designar a atração física, o amor, e a prática de sexo de um homem com outro homem, ou de uma mulher com outra mulher. Fernando Pessoa também empregou essas designações, embora pouco, podendo ser encontradas nos seguintes textos reunidos no presente livro: *O conceito de homossexualidade*; *Proponho-me demonstrar que a homossexualidade não é imoral*; *Só o homem pode ser casto*; *Sobre a novela António*; *A moderna literatura é uma literatura de masturbadores*; numa outra versão de um dos versos do poema *Sei que desprezarias não somente*, em que escreveu: “Que mal há, se é que na alma há homossexual”. No entanto, conforme dissemos atrás, a designação que Fernando Pessoa mais empregou foi a de *pederastia*, e de *pederasta*.

Atualmente existem outras designações para a homossexualidade, ou com ela relacionadas, como por exemplo: homoerotismo, homoafetividade,

homossociabilidade, altersexualidade, homossexualismo, homocultura, estética *cam*, identidade LGBT, *gay*, *queer*, etc. Estas designações pretendem substituir a palavra *homossexualidade*, para alargarem o campo de vivências e possibilidades ligadas à homossexualidade, que não envolvem necessariamente atos sexuais, de modo a incluírem também os afetos, o vínculo emocional, o romantismo, o amor, a personalidade, a identidade de género, a identidade de grupo, uma cultura, uma comunidade, e uma estética. Porém, as novas designações por vezes também são alvo de polémica, mesmo entre os homossexuais, pois há alguns homossexuais que recusam por exemplo a palavra *homossexualismo*, que tem a ver com a chamada *ideologia homossexual*, com a qual alguns homossexuais não se identificam, ou que tem a ver com os indivíduos que militam em movimentos que defendem e reivindicam os direitos dos homossexuais, indivíduos esses que podem não ser homossexuais. Portanto, nem todos os homossexuais são homossexualistas, e nem todos os homossexualistas são homossexuais.

Não cabe aqui analisar o significado e as críticas feitas a cada uma dessas novas designações. No entanto, há que salientar que essas novas designações surgem geralmente como recusa da categorização fechada e permanente da orientação sexual e dos sentimentos ou envolvimento de um indivíduo com outro do mesmo sexo. Por outro lado, essas novas designações surgem também como alternativa, para solucionarem o facto de historicamente existirem preconceitos ligados à palavra *homossexualidade*. Esses preconceitos usavam essa palavra como referência negativa em relação ao que se entendia por *homossexualidade*. Isso sucedia porque por um lado associava-se demasiado ao sexo aquilo que se entendia por homossexualidade, e por outro lado porque se conotava clinicamente essa designação. Segundo as críticas feitas à palavra *homossexualidade*, esta palavra tem subjacente o facto da heterossexualidade ser encarada como a forma natural da sexualidade humana se expressar. Por outro lado, a palavra *homossexual* significa uma identidade da pessoa, uma personalidade, por isso o emprego dessa palavra também é criticado por indivíduos que se relacionam sexualmente com indivíduos do mesmo sexo mas que não se consideram homossexuais.

Devido às conotações pejorativas associadas historicamente ao conceito de *homossexualidade*, o emprego de novas denominações, como por exemplo as acima referidas, tem como objetivo tornar a linguagem mais neutra no que diz respeito à discriminação, de modo a evitar que as designações possam ser ofensivas para certas pessoas ou grupos sociais, designações ofensivas como existem por exemplo na linguagem racista ou sexista. As novas designações procuram apagar os preconceitos, dizendo as coisas de uma outra maneira (*negro* ou *afrodescendente*, em vez de *preto*; *desfavorecido economicamente*, em vez de *pobre*; *pessoa portadora de deficiência física*, em vez de *aleijado*;

calvo, em vez de *careca*; *obeso*, em vez de *gordo*, etc.). O mesmo sucede atualmente com a substituição da palavra *homossexual* por outras palavras, como por exemplo *gay*, sendo propostas para combater as conotações tradicionais negativas da palavra *homossexualidade*.

Porém, essas designações substitutas por vezes são também ambíguas, e a argumentação contra a palavra *homossexualidade* acaba também por ser discutível. Nessa argumentação afirma-se que uma pessoa que tem atos homossexuais não significa necessariamente que essa pessoa seja homossexual (e são geralmente essas pessoas as que criticam a palavra *homossexual*), mas mesmo assim os atos não deixam de ser homossexuais. Afirma-se que a palavra *homossexualidade* não existia na Grécia antiga, e por isso não deve ser utilizada em relação a essa época. É certo que essa palavra não existia, mas o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo já existia, por isso podemos aplicar a palavra que significa esse relacionamento. Afirma-se também que a palavra *homossexualidade* tem uma origem clínica, e que era empregue nesse sentido, e que por isso não se deve empregar essa palavra. De facto, era assim, mas hoje não é, pois atualmente emprega-se a palavra *homossexualidade* para o amor e a sexualidade entre pessoas do mesmo sexo, sem se atribuir a essa palavra e a essa conduta um significado clínico. Por outro lado, atualmente o emprego das palavras *homossexualidade* e *homossexual* não se refere apenas ao sexo, como sucedia no século XIX, mas refere-se também ao amor, e à expressão de afetos em geral. Por isso, empregamos neste livro as palavras *homossexualidade*, e *homossexual*.

Não existe em Fernando Pessoa uma reflexão, um tratamento ensaístico, sobre o tema da homossexualidade em si mesmo, embora ele tivesse projetado escrever uma obra sobre isso, como se pode verificar num dos seus projetos, onde emprega a palavra “obra”, o projeto: *Proponho-me demonstrar que a homossexualidade não é imoral*, que incluímos no presente livro, no capítulo de textos e fragmentos genéricos, obra essa que Fernando Pessoa não chegou a concretizar. O modo de Fernando Pessoa tratar da homossexualidade é por um lado escrevendo textos de caráter homoerótico, principalmente poesia, e por outro lado falando sobre o homoerotismo, quer em textos sobre arte e literatura, quer em textos sobre escritores, principalmente sobre António Botto e Raul Leal.

A homossexualidade é pensada e expressa por Fernando Pessoa, tendo sobretudo como fio condutor o homoerotismo. Os conceitos de *homossexualidade* e de *homoerotismo* têm a ver um com o outro, mas não são necessariamente idênticos. A homossexualidade e o homoerotismo têm em comum o prefixo *homo*, mas enquanto a palavra *homossexualidade* põe a ênfase na sexualidade, a palavra *homoerotismo* põe a ênfase no erotismo. A palavra *homoerotismo* foi criada por F. Karsh-Haak em 1911, e empregue por Sandor Ferenczi

no mesmo ano, ao criticar a Psicanálise. Enquanto a palavra *sexual* remete para o ato físico, a palavra *erótico* é mais abrangente, pois engloba um conjunto de ideias e de sentimentos, e expressa afinidades, desejos e necessidades afetivas entre pessoas do mesmo sexo, que nem sempre inclui a parte física, e que tem uma componente de criatividade e de expressão mais refinada, e por conseguinte a palavra *homoerotismo* nem sempre diz respeito ao ato sexual propriamente dito, diferentemente do que sugere, de uma forma geral, a palavra *homossexualidade*. Alguns autores preferem falar de homoerotismo, e há também alguns homossexuais que preferem empregar essa palavra, por um lado devido à carga tradicionalmente negativa da palavra *homossexualidade*, e por outro lado por ser uma palavra que coloca a ênfase numa maior delicadeza, e numa expressão mais rica, criativa, poética e profunda das expressões amorosas e sexuais.

Porém, o conceito de *homoerotismo* apresenta algumas dificuldades de compreensão, e pode portanto ser também discutível. A dificuldade de compreensão desse conceito resulta, antes de mais, do próprio conceito de *erotismo*. Este último provém do termo grego *eros* (“desejo amoroso”), designando o amor e a sexualidade. Porém, o conceito de *erotismo*, como é entendido hoje, não aponta diretamente para o sexo, mas para o que suscita a atração e o desejo sexual através da imaginação (as fantasias, por exemplo). A cultura e o importante papel que a imaginação desempenhou em todas as épocas na elaboração de códigos eróticos, conduziram à função especificamente criativa do erotismo, e ao caráter complexo, e de certo modo refinado, da sua expressão enquanto veículo da sexualidade. Assim como a comunicação verbal transforma e recria a linguagem em poesia, a comunicação verbal transforma e recria a sexualidade em erotismo. O erotismo joga com a imaginação e a criatividade, por esse motivo a melhor forma de fazer erotismo é recorrer à literatura e à arte, e o erotismo tem sido portanto uma fonte de inspiração constante nestas formas de expressão. O erotismo está sobretudo presente na literatura e na arte, e no caso da literatura um texto erótico é aquele que guia o leitor através de palavras criativas, subtis, indiretas, implícitas, e sugestivas, a propósito da sexualidade.

O conceito de *erotismo* remete para significados diferentes, e geralmente ambíguos: depende dos grupos sociais, da época, do contexto geográfico, da cultura, da mentalidade e da sensibilidade do leitor, do próprio contexto dentro da obra literária, da intenção do autor na obra, e da visão que se tem sobre o autor. O que para um leitor pode ser considerado como texto erótico, para outro leitor pode não ser: pode não ser bem erótico mas quase, pode ser erótico, ou pode ser mais do que erótico (pode ser considerado obsceno). Dado que a moralidade difere segundo a cultura e a época, determinadas obras literárias outrora consideradas como obscenas, hoje são

consideradas simplesmente como eróticas (por exemplo o poema *Epitalâmio*, de Fernando Pessoa).

O erotismo é, no entanto, um conceito muito abrangente, que permite integrar uma gama muito vasta e rica de emoções, afetos, sensações, ideias e vivências. Tudo o que contribui para fomentar a imaginação sobre o amor e o desejo sexual, pode ser considerado como erótico. Através da exploração do imaginário, pode-se descodificar as erotizações manifestas e latentes. Um certo erotismo pode ser expresso também através de olhares, gestos, enfim, da linguagem verbal e não verbal, da linguagem corporal e não corporal. O erotismo é portanto uma forma subtil e criativa da sexualidade, um determinado nível de abordagem, uma forma mais rica e complexa de a abordar.

Tratando-se da personalidade de uma pessoa que tem atração e sentimentos por pessoas do mesmo sexo, ou de uma pessoa que pratica atos homossexuais, é mais apropriado empregar a palavra *homossexualidade*. Mas tratando-se de literatura, os textos não são homossexuais, nem praticam atos homossexuais. Por isso, a palavra *homoerotismo* é mais apropriada em relação a determinados textos, que dado o facto de serem textos, não obstante tratarem de homossexualidade (implicitamente ou explicitamente), não são textos homossexuais mas sim homoeróticos (ou textos sobre o homoerotismo, ou a propósito do homoerotismo). Por outro lado, a palavra *homoerotismo* tem mais a ver com uma forma específica de tratar o tema da homossexualidade, tem mais a ver com uma estética, com a homossexualidade tratada de forma literária e artística.

Vejam agora a distinção entre textos homoeróticos e textos sobre o homoerotismo. Um texto pode não ser homoerótico mas ser sobre o homoerotismo, tratando este tema de forma filosófica, assim como um texto pode não ser religioso, mas ser uma reflexão filosófica sobre a religião. Um texto pode ser religioso (como por exemplo os poemas místicos de São João da Cruz), mas não ter como objetivo tratar do tema da religião. Um texto pode também ser sobre o humor (por exemplo a obra filosófica de Bergson *O riso*), e não ser um texto humorístico. Por outro lado, um texto pode ser humorístico, e não ter como objetivo tratar do tema do humorismo, e por vezes nem tem mesmo como objetivo fazer humor, pois aquilo que provoca humor num texto, pode não ter sido predefinido como tal pelo autor, mas resultar com esse efeito na interpretação do leitor.

No caso do homoerotismo, um texto pode ser homoerótico (por exemplo um poema) e não ter como objetivo pensar sobre o tema do homoerotismo, e por outro lado pode ser um texto sobre o homoerotismo, e não o fazer de forma erótica, mas sim histórica (por exemplo, o estudo do homoerotismo ao longo dos tempos). Portanto, nem todo o texto homoerótico é um texto sobre o homoerotismo, e nem todo o texto sobre o homoerotis-

mo é um texto homoerótico. O mesmo acontece com os seguintes exemplos: um texto literário não é um texto sobre a Literatura; um texto histórico não é um texto sobre a História; um texto religioso não é um texto sobre a Religião; um texto político não é um texto sobre a Política; etc. Uma coisa é estar por dentro, e tomar através do texto uma atitude religiosa, política, histórica, literária, erótica, etc., outra coisa é falar sobre essa atitude.

Há portanto que fazer a distinção não apenas entre homossexualidade e homoerotismo, mas também entre textos homoeróticos e textos sobre o homoerotismo, embora estejamos conscientes de que por vezes é difícil fazer a distinção entre um tipo de texto e o outro tipo de texto, pois um texto pode ser sobre o homoerotismo, mas despertar no leitor emoções homoeróticas, acabando algumas vezes por ser também homoerótico, como por exemplo um texto sobre a arte e a literatura homoerótica.

A arte e a literatura homoerótica

Existem diversos modos de abordagem sobre as relações amorosas e sexuais entre as pessoas do mesmo sexo: através das chamadas ciências exatas (por exemplo, a *Biologia da Sexualidade*), ou através das chamadas ciências sociais e humanas (por exemplo, a *História da Sexualidade*). As formas de abordagem têm aumentado nos últimos anos, principalmente nas ciências sociais e humanas (*Sociologia da Sexualidade*, *Antropologia da Sexualidade*, *Psicologia da Sexualidade*, etc.). Todavia, mesmo que tratem da homossexualidade e do homoerotismo, a biologia, a história, a sociologia, a antropologia, e a psicologia, não passam a ser homoeróticas. Não existe por exemplo biologia homoerótica, nem sociologia homoerótica. Ora, quando o tratamento das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo é feito através da arte e da literatura, estas têm a designação de *homoeróticas*. Porém, assim como é difícil definir o que é o homoerotismo, também é difícil definir o que é a *arte e a literatura homoerótica*.

Existem diversas designações da arte: de carácter temático (política, religiosa, popular, etc.), estilístico (gótico, barroco etc.), linguístico (figurativa, abstrata), cronológico (antiga, medieval, etc.), descritivo (puras, aplicadas), valorativo (maiores, menores), espacial (urbana, pública, galerista, etc.), ou de carácter mais genérico (Belas Artes, Artes Plásticas, Artes Visuais, Artes Auditivas, Artes do Espetáculo, Artes Decorativas, Arte Popular, etc.). No caso da literatura, temos por exemplo a literatura de viagens, o romance histórico, o realismo fantástico. No caso do cinema, temos por exemplo o cinema de terror, ou o cinema de ficção científica. No caso da literatura, temos ainda a sua designação pelo estilo (poesia, romance, teatro, etc.), pela língua (autores de língua portuguesa, francesa, inglesa, etc.), pelo período em

que as obras foram escritas (literatura medieval, romântica, etc.), pelas faixas etárias (romance juvenil), pelo conteúdo (literatura de viagens, romance histórico, romance policial, literatura do realismo fantástico, literatura de terror, literatura de ficção científica, etc.). Estas designações têm geralmente um alvo de referência definido, um significado e uma função normalmente elucidativos em relação ao objeto a que se referem.

Todavia, é impossível designar adequadamente uma obra artística ou literária utilizando apenas uma categoria de classificação. Por exemplo, um romance pode ser histórico, e simultaneamente policial, pode ser de viagens e simultaneamente juvenil, pode ser de terror e simultaneamente de ficção científica. Ora, a dificuldade de classificação e de interpretação da arte e da literatura ainda se coloca mais tratando-se da chamada *arte e literatura homoerótica*, pois por exemplo um romance pode ser histórico e simultaneamente homoerótico, ou pode ser policial e simultaneamente homoerótico. Interpretar e classificar determinado tipo de arte ou de literatura como *homoerótica*, por vezes dificilmente nos elucidam sobre do que estamos a falar, e isso acontece mais do que com as outras designações referidas para a arte e para a literatura, suscitando portanto interrogações quanto ao alcance concetual e à aplicação do conceito de *homoerotismo*.

A arte e a literatura do homoerotismo podem ter destinatários diferentes: destinatário interno (os próprios homossexuais, supostamente os seus interessados), ou destinatário externo (o público não homossexual). Por seu turno, pode também ter diferentes objetivos (retrato de costumes, crítica social, ou valorização).

Como retrato de costumes, mantendo uma certa neutralidade, temos como destinatário tanto os homossexuais como os não homossexuais. Como crítica social temos um tratamento de um ponto de vista externo, dirigindo-se ao público não homossexual, para criticar os homossexuais (por exemplo determinada literatura moralista sobre os costumes), apoiando-se na visão negativa do público, de modo a confirmar, a alimentar, ou a reforçar essa visão negativa. No caso da valorização dos homossexuais, dirige-se à visão negativa do público sobre a homossexualidade, mas de modo a combatê-la. Temos desta forma um tratamento artístico e literário de modo a incutir a tolerância, a aceitação, e a compreensão para com a homossexualidade. Este efeito pode ser direto (arte e literatura de intervenção social e política) ou indireto (ter o mesmo efeito, mas não ser esse o objetivo dessa arte e dessa literatura).

Existem diversas maneiras de, através da arte e da literatura, dar expressão ao homoerotismo, e de defender a homossexualidade. Isso pode suceder de forma extrínseca e indireta, ou intrínseca e direta. De forma extrínseca e indireta temos por exemplo os chamados *ícones gay*, ou *ícones LGBT*: figuras

públicas que em diversas áreas (na política, na arte, etc.), servem de referência à comunidades lésbica, gay, bissexual, transexual, e transgênero. Na arte há a destacar o cinema e a música, que sempre atraíram fortemente os homossexuais, que elevaram muitas das suas estrelas (atores e divas da canção) ao estatuto de *ícone gay*. Os *ícones gay* não são necessariamente homossexuais, podem ser pessoas heterossexuais, por isso trata-se de uma arte que pode não ter como proveniência personalidades da chamada *comunidade homossexual*. Por outro lado, o seu desempenho artístico, e no caso das estrelas da canção, as suas canções podem também não ter necessariamente a ver com a causa homossexual. Mas devido ao facto de alguns desses artistas defenderem os homossexuais, por exemplo através de declarações feitas publicamente, ou através de algumas das suas obras e intervenções artísticas defenderem os homossexuais (por exemplo através das letras de músicas), ou devido ao estilo original, criativo e exuberante desses artistas, com o qual muitos homossexuais se identificam, são considerados atualmente como *ícones gays*. Por exemplo, o cinema sempre atraiu fortemente um sector da *comunidade gay* que elevou muitas das suas estrelas ao estatuto de ícone. Entre as estrelas mais conhecidas encontram-se James Dean, Marilyn Monroe, Marlene Dietrich, Greta Garbo, Marlon Brando, Elizabeth Taylor, Joan Crawford, Rock Hudson, Julie Andrews, Audrey Hepburn, etc.

Por outro lado, e também de forma indireta, historicamente a própria arte protegeu o facto de se ser homossexual: um pintor ou ator homossexual não era encarado de forma tão negativa, comparados com uma pessoa com outra ocupação ou profissão. Os artistas, os atores, os poetas, etc., foram, geralmente, considerados como pertencentes a uma certa *anormalidade social*, por isso os casos de homossexualidade acabavam por se confundir com a sua atividade profissional, e vice-versa. Os artistas, de um modo geral, eram encarados como indivíduos que cultivam a exuberância e a excentricidade em nome da arte. Aos artistas, aos atores, aos bailarinos, aos cantores, e aos poetas, devido à sua originalidade estética, permitia-se e permite-se mais facilmente determinadas “excentricidades” que não eram nem são permitidas tão facilmente a outros indivíduos. Por isso, muitos homossexuais desde sempre se sentiram mais à vontade no mundo da arte e da literatura, como por exemplo no teatro, na ópera, no bailado, ou no meio de poetas. Era mais aceite socialmente o facto de uma pessoa ser homossexual, devido ao facto dessa pessoa ser artista ou poeta, e portanto muitos atores, cantores, bailarinos, poetas, etc., encontraram aí um terreno mais propício do ponto de vista afetivo e social, por um lado devido ao facto de sentirem-se identificados com a arte e a literatura, enquanto indivíduos homossexuais, e por outro lado devido ao facto do mundo artístico e literário tender a aceitá-los mais facilmente, até porque uma grande maioria dos artistas e dos escritores eram

homossexuais. Por conseguinte, a arte e a literatura foram uma forma implícita de proteger e expressar os afetos homossexuais. No caso da literatura, por exemplo, algumas das correntes literárias são disso um exemplo. Antes de haver palavras como *gay*, ou *lésbica*, os grandes autores e as grandes obras eram *salvos* da homossexualidade através de categorias artísticas e literárias eufemísticas como *esteticismo*, que tinham muito a ver com o *dandismo*, isto é, com a afetação no estilo e nos modos de comportamento, que faziam parte da maneira de viver a própria vida no dia a dia, e que estavam presentes na arte. Também o *decadentismo* – um corrente literária e artística que tinha como uma das características a ligação ao homoerotismo, via neste último a vivência privilegiada do erotismo, da estética, e da subversão, como sucedeu por exemplo em poetas decadentistas como Rimbaud, Verlaine, ou Óscar Wilde, muito admirados por Fernando Pessoa.

Porém, a arte e a literatura não existiam como formas de afirmação explícita dos homossexuais enquanto tais, não eram uma forma intrínseca e direta de visibilidade dos homossexuais, nem de dar protagonismo à causa homossexual, e de defender os seus ideais. As histórias de amor e as cenas de erotismo entre homossexuais não tinham visibilidade no teatro, no cinema, na música, etc. A arte poderia proteger os homossexuais da discriminação, indiretamente, ao seguirem a carreira artística (os bailarinos, os atores, os cantores de ópera, etc.) mas não visava combater a discriminação de que eles eram alvo. Ora, atualmente existe a chamada *arte homoerótica*, assim como a *literatura homoerótica*, que se tornou também hoje uma realidade, e que são uma forma explícita, intrínseca e direta dos homossexuais se afirmarem, de terem maior visibilidade, de exprimirem os seus afetos, e de mostrarem os seus ideais, e por conseguinte, podem ser também uma forma de manifestação e de defesa da causa homossexual.

Ora, uma coisa é através da arte e da literatura implicitamente e indiretamente dar-se afirmação e visibilidade aos homossexuais, outra coisa é a própria obra de arte e a literatura poderem ser consideradas como *homoeróticas*. O que é que define a arte e a literatura homoerótica? Diferentemente da arte e da literatura específica de um país, de uma região, de uma etnia, ou de uma cultura, a arte e a literatura homoerótica não se define a partir das suas raízes geográficas, pois a homossexualidade existe em todos os lugares do mundo (mesmo que não tenha visibilidade, ou seja interdita oficialmente). É também difícil considerar a arte homoerótica através dos seus conteúdos, objetivos, ou estilo. Veja-se o caso das muitas esculturas de corpos masculinos nus, como por exemplo as esculturas de *Apolo*, na Grécia antiga. Dado que o modelo de beleza na Grécia antiga era o corpo masculino, essas esculturas têm um significado homoerótico, mas se definirmos a arte homoerótica pelos seus conteúdos, o simples facto de serem corpos masculinos

nus não é suficiente para serem considerados arte homoerótica. Também na Roma antiga, as estátuas de Antínoo mandadas erigir pelo imperador Adriano, em memória do seu amado, tinham a ver com o relacionamento amoroso e sexual entre duas pessoas do sexo masculino, mas o seu conteúdo era apenas a estátua de uma pessoa, igual a tantas outras estátuas, e portanto não eram arte homoerótica.

Nos tempos de hoje, por exemplo um monumento erguido no espaço público, que tem como objetivo uma homenagem à libertação dos negros (por exemplo uma escultura em memória das vítimas do *apartheid* na África do Sul) não é necessariamente *arte negra*. Por outro lado, uma obra de *arte negra* (por exemplo uma máscara africana) não é uma obra de arte em homenagem aos negros. Também um monumento à causa homossexual, como por exemplo as esculturas representando casais homossexuais, de autoria do escultor George Segal, erigidas num parque em Nova Iorque, que homenageiam o movimento em defesa dos direitos dos homossexuais, não é necessariamente *arte homoerótica*. É difícil defini-la como tal atendendo aos conteúdos dessa representação escultórica, que são simplesmente dois homens e duas mulheres encostados um ao outro. Poder-se-á defini-la como homoerótica tendo em conta os seus objetivos, mas a defesa da causa homossexual não é suficiente para a definir como arte homoerótica. Por outro lado, muitas obras de arte consideradas homoeróticas não têm nem tiveram jamais como objetivo a afirmação, a visibilidade e a defesa da causa homossexual.

Dada a dificuldade a partir dos conteúdos e dos objetivos, dever-se-á definir a arte e a literatura homoerótica a partir dos seus autores? também é difícil, pois por um lado um autor pode escrever um romance homoerótico, ou que tenha conteúdos homoeróticos, e não ser um autor homossexual, assim como um autor homossexual pode escrever romances que não falem de homossexualidade. Também um cantor que defenda os homossexuais (por exemplo através das letras das suas músicas), não significa que seja um cantor homossexual, assim como um escultor que dá visibilidade aos homossexuais através de obras de arte com conteúdo homoerótico, pode não ser um escultor homossexual. A arte homoerótica não se define através dos seus autores, nem mesmo que eles tenham sido homossexuais. Tendo em conta a obra de pintores que foram homossexuais, desde os mais antigos (Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Caravaggio, etc.), até aos contemporâneos (Andy Warhol, Francis Bacon, etc.), o simples facto de serem pintores homossexuais não é um critério suficiente para que as suas pinturas sejam consideradas como *arte homoerótica*.

No caso da literatura, os poetas gregos (Anacreonte, Safo, etc.), e mesmo os poetas e escritores mais recentes (Walt Whitman, Óscar Wilde, Arthur Rimbaud, Paul Verlaine, André Gide, Jean Genet, Marcel Proust, Thomas

Mann, Garcia Lorca, Virginia Woolf, etc.), embora fossem homossexuais, a designação de *literatura homoerótica*, ou de *escritor gay*, não corresponde à realidade dessa literatura. Esses autores eram homossexuais, mas não reivindicavam uma literatura homoerótica propriamente dita, e não pretendiam fazer disso o objetivo da sua obra. A chamada *literatura gay*, hoje em dia, implica uma consciência dessa literatura enquanto tal, enquanto estilo, enquanto objetivo, enquanto afirmação política e social, e enquanto consciência da identidade de um grupo (de que esses autores seriam o exemplo). Só se pode falar de *literatura gay*, devido à sua visibilidade, e aos objetivos das suas obras em torno da causa homossexual, em sentido estrito, a partir da emergência da consciência de uma identidade homossexual, nos anos 60 e 70 do século XX.

Além da dificuldade de definição da arte e da literatura homoerótica através dos autores, também é difícil definir a arte e a literatura homoerótica através dos seus conteúdos. A arte e a literatura que fazem a defesa dos homossexuais não significa que sejam arte e literatura homoerótica, pois os seus conteúdos podem não ter nada de erótico (podem ter por exemplo um conteúdo social e político). O que define a arte e a literatura homoerótica serão os conteúdos em que há histórias de amor e cenas íntimas entre pessoas do mesmo sexo? a partir de quando é que se pode considerar que uma determinada escultura ou uma determinada pintura é arte homoerótica? só quando existe um abraço íntimo entre pessoas do mesmo sexo? só quando existe um beijo afetuoso entre dois homens? ou só a partir do momento em que a sexualidade é explícita? mas a que nível? ao nível amoroso? ou ao nível da sexualidade? Assim como por vezes é difícil distingui-los, também é difícil distinguir a partir de quando é que um conteúdo é homoerótico, pois aquilo que para umas pessoas é homoerotismo, para outras não é. A dificuldade parte deste logo do próprio conceito de *erotismo*, pois aquilo que para uns é interpretado simplesmente como romantismo, ou como uma simples expressão de afetos, de ternura, ou de amor, para outros é interpretado como conteúdo erótico ou sexual. A interpretação erótico-sexual existe principalmente em relação a cenas amorosas entre pessoas do mesmo sexo, pois se for em relação a heterossexuais, pode ser considerado apenas uma simples expressão de afetos, enquanto se for em relação a homossexuais pode desde logo ser considerado como erótico ou sexual.

O preconceito e os estereótipos interpretativos ao considerar-se determinada obra de arte e de literatura como homoerótica (no sentido negativo), podem no entanto ser *salvos* através da visão *idealizada* e *sacralizada* que se tenha sobre um autor. Se um determinado texto, com alguns conteúdos homoeróticos, tiver hipoteticamente como nome do autor alguém que é conhecido como homossexual, esse texto facilmente será interpretado como um texto homoerótico. Se não tiver nome do autor, e tratar-se do mesmo

texto, mais difícil será considera-lo como um texto homoerótico, e se for de um autor de quem não se espera que tenha escrito um texto homoerótico, exige-se mais para ser interpretado como um texto homoerótico, e muitas vezes acontece ser desculpado, dizendo-se que não se trata propriamente de homoerotismo. Quando o texto é considerado de conteúdo homoerótico, a elevada reputação de que goza o seu autor, do ponto de vista artístico e literário, sobretudo um génio, pode fazer com que seja tolerado, apesar de ter escrito ou criado obras homoeróticas.

Comparando a literatura com a arte (por exemplo uma pintura ou uma escultura), a arte é mais explícita e direta, mostra-se ao nosso olhar, por isso é mais fácil dizer se é ou não uma pintura e uma escultura homoerótica. Ora, pretendendo-se encontrar homoerotismo através dos conteúdos, existe maior dificuldade no caso da literatura. Vemos uma cena de um filme, olhamos para uma pintura, ou uma escultura, e dizemos mais facilmente se nelas há ou não homoerotismo. Em contrapartida, a literatura tem muitas formas, mais subtis, de apresentar uma mensagem: jogos de linguagem, metáforas, entreditos e não ditos, subentendidos, muitas formas de falar de um determinado assunto através de diferentes palavras, de modo implícito, como sucede em Fernando Pessoa. Vítimas da censura ou da autocensura, muitos escritores elaboraram, ou elaboram, ao nível simbólico, uma espécie de *mística* do desejo homossexual, utilizado para tal certas técnicas de expressão (transposição, sugestão...), que se por um lado enriqueceram a linguagem e tornaram mais criativa a literatura, por outro lado deixam o leitor por vezes perdido, perante as diferentes e complexas hipóteses de interpretação.

Por outro lado, o problema não está apenas no texto mas também no leitor, devido ao caráter situado de toda a interpretação, por isso deve abandonar-se a tendência para buscar um “sentido original verdadeiro” do texto. O processo interpretativo constrói-se sempre a partir de uma situação individual, cultural, e espaço-temporal, de uma série de pressupostos pessoais, sociais e epocais acerca do conceito de *homoerotismo*. Os textos trazem em si diferentes possibilidades de interpretação, e essas diferentes possibilidades provêm de diversos fatores: a sensibilidade do leitor, a cultura, o contexto geográfico, histórico, e social. Tendo em conta as indeterminações e dúvidas que o texto por vezes apresenta, o leitor é levado a fazer uma interpretação sobre o texto, considerando-o ou não como homoerótico. Os silêncios e as falas, os jogos literários e estilísticos entre o dizer e o não dizer, entre o explícito e o implícito, que estão presentes na literatura, suscitam diversas e complexas interpretações. O homoerotismo num texto enquanto conteúdo (latente), ou enquanto estilo, deriva não apenas do seu autor, mas da interpretação do leitor, sobretudo quando se está perante um texto de poesia, e ainda mais quando se está perante determinados autores como

Fernando Pessoa. É necessário interpretar o texto, e considerá-lo como um texto homoerótico, quer em sentido lato, quer em sentido estrito, em relação ao conceito de *homoerotismo*. Em Fernando Pessoa há textos em que apenas uma parte é homoerótica, enquanto outros são totalmente homoeróticos. Há textos que têm totalmente a ver com o homoerotismo, enquanto há outros onde o homoerotismo é apenas referido em algumas passagens, não deixando no entanto esse tema de estar presente. Há que interpretar os vazios do texto, a ausência, aquilo que se sugere, que por vezes fala mais do que aquilo que diretamente se diz. A ambiguidade, as alusões, as referências indiretas, as preterições, são uma das principais características de determinadas obras literárias, como por exemplo as de Fernando Pessoa, por isso algumas delas é necessário interpretá-las e considerá-las como sendo homoeróticas, ou como tendo a ver com o homoerotismo

Contra “o preconceito científico”, num dos contos de Fernando Pessoa – *Quaresma decifrador*, uma das personagens defende que não há factos mas apenas interpretações. O Tio Porco, nesta história policial de Fernando Pessoa, afirma o seguinte: “*Não há factos, meus amigos, há só preconceitos. O que vemos ou ouvimos, ou de qualquer modo percebemos, percebemo-lo através de uma rede complexa de preconceitos – uns longinquamente hereditários como são os que constituem a essência dos sentidos, outros proximamente hereditários como são os que constituem a orientação dos sentidos, outros propriamente nossos, derivados da nossa experiência, e que constituem a infiltração da memória e do entendimento na substância dos sentidos*”.⁴

Atitudes sobre a sexualidade e o amor em Fernando Pessoa

Os preconceitos de que fala o conto *Quaresma Decifrador*, citado no capítulo anterior, têm influenciado as atitudes sobre a sexualidade e o amor em Fernando Pessoa. Poucas têm sido as abordagens sobre este tema em Fernando Pessoa, nomeadamente sobre a homossexualidade, e as que têm havido têm-na abordado de passagem, ou através de eufemismos, e de rodeios, pois contornam esse tema, procuram desculpá-lo, ou tendem a abordar o assunto da homossexualidade em Fernando Pessoa como sendo um tema apenas acessório, ou como sendo um tema meramente literário. Isso sucede em autores como por exemplo João Gaspar Simões, que apesar de falar do *enigma de eros* em Fernando Pessoa, recusa falar de homossexualidade em Fernando Pessoa, preferindo falar de “sexualidade frustrada”.⁵ Embora alguns críticos pessoanos tenham notado a importância da sexuali-

⁴ *Quaresma decifrador*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2008, pp. 357-358.

⁵ João Gaspar SIMÕES, *Vida e obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Bertrand, 1954.

dade na obra de Fernando Pessoa, só nos últimos anos é que a sexualidade em Fernando Pessoa passou para um plano mais visível e não secundário,⁶ e alguns livros sobre os homossexuais famosos ao longo da História, passaram a incluir também Fernando Pessoa.⁷

No entanto, nos colóquios e nos congressos sobre Fernando Pessoa analisam-se muitos temas (as questões literárias, a heteronímia, a arte, o esoterismo, a sociologia, a política, a identidade nacional, etc.), mas quase nunca a sexualidade, e muito menos a homossexualidade. Por vezes fala-se na polémica causada pela *Geração de Orpheu*. Ora, essa polémica seria apenas devido ao facto de na poesia dessa revista o verso ser livre em vez de ter métrica e rima? seria apenas devido ao facto de Álvaro de Campos fazer das máquinas e dos motores um tema poético? Isso não é suficiente para que tivesse havido tanta polémica. O próprio Fernando Pessoa fala das críticas que se faziam aos “malucos de Orpheu”, e essas críticas, conforme ele afirma num texto, tinham também a ver com sexualidade, melhor dizendo, com homossexualidade (confirmar isso no presente livro, no capítulo dos heterónimos não identificados, o texto *Contra a revista Orpheu*). Essas críticas deviam-se não apenas ao homoerotismo existente em alguns textos da revista *Orpheu* (de forma explícita ou implícita), mas também devido ao facto de alguns dos autores que escreveram nessa revista (mesmo não escrevendo sobre esse tema) terem amigos homossexuais.

Existem muitas obras sobre Fernando Pessoa, que têm diversos capítulos a falar de vários temas, mas que não têm nenhum capítulo sobre o amor e a sexualidade. Falam sobre as questões literárias, e sobre outros temas, como por exemplo as questões sociais e políticas, o esoterismo, o sebastianismo e o Quinto Império, etc., mas não têm um único capítulo sobre o amor e a sexualidade.⁸ Há livros que dedicam um capítulo ao relacionamento de Fernando Pessoa com Ofélia Queiroz, fazendo consistir apenas nisso

⁶ Ver por exemplo Anna M. KLOBUCKA e Mark SABINE, (org.), *O corpo em Pessoa – corporalidade, género, sexualidade*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2010.

⁷ Ver, por exemplo, o artigo sobre Fernando Pessoa, de Robert HOWES, na obra coletiva dirigida por Robert ALDRICH, e Garry WOTHERSPOON, *Who's who in gay and lesbian History . from Antiquity to World War II*, (“Quem foi quem na História gay e lésbica: da Antiguidade até à Segunda Guerra Mundial”), London and New York, Ed. Routledge, vol. I, pp. 141-143.

⁸ É o caso, por exemplo, da obra de Fernando Cabral MARTINS, *Introdução ao estudo de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2014. A apresentação desta obra, feita na contracapa, afirma que esta obra percorre “as essenciais linhas temáticas” em Fernando Pessoa. Dado que esta obra não tem nenhum capítulo sobre o tema do amor e do erotismo, deduz-se que, segundo o autor, este tema não faz parte das “essenciais linhas temáticas” em Fernando Pessoa.

o amor e a sexualidade em Fernando Pessoa.⁹ Até mesmo determinados livros que pretendem ser um estudo exaustivo e pormenorizado sobre Fernando Pessoa, que pretendem ser uma espécie de enciclopédia sobre este autor, falam de muitos e variados temas, mas excluem o tema do amor e da sexualidade.¹⁰ Por outro lado, têm sido publicadas algumas obras que falam sobre o amor e a sexualidade em Fernando Pessoa, mas que não falam sobre a homossexualidade,¹¹ e até mesmo determinadas obras onde seria de esperar que se falasse sobre esse tema, como por exemplo obras de Psicanálise.¹²

Muitas das omissões vindas da opinião pública, ao ignorarem esse tema, incluindo as omissões dos estudiosos de Fernando Pessoa, têm subjacente, de uma maneira geral, o preconceito sobre a homossexualidade, ou no caso dos não preconceituosos, um certo receio de a abordar publicamente. Alguns indivíduos consideram até ofensivo falar de homossexualidade em Fernando Pessoa, consideram isso um abuso, o que têm como origem a sua visão negativa sobre a homossexualidade. É difícil para alguns indivíduos encararem e aceitarem que exista homossexualidade num dos maiores génios da Humanidade, numa poeta que tanto admiram e em alguns casos idolatram, como é o caso de Fernando Pessoa. Que um autor considerado um herói nacional, um ídolo, o maior símbolo da cultura portuguesa depois de Camões, esteja ligado à homossexualidade, que tenha escrito sobre isso ou a propósito disso, e que seja homossexual, é algo que é difícil encarar por uma grande parte da opinião pública. Muitos indivíduos procuram em Fernando Pessoa um conselheiro espiritual, consideram-no como uma espécie de Mestre, alguns consideram-no mesmo como uma espécie de sábio, e por isso têm dificuldade em admitir que Fernando Pessoa seja homossexual, ignorando ou esquecendo que ao longo da História houve muitos escritores, poetas, artistas, e filósofos, alguns deles considerados génios, e que também foram homossexuais. O preconceito, o tabu, o complexo e a recusa em encarar e aceitar a homossexualidade em Fernando

⁹ É o caso, por exemplo, da obra de Robert BRÉCHON, *Estranho estrangeiro – uma biografia de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Quetzal, 1996.

¹⁰ É o caso, por exemplo, da obra de José BLANCO, *Pessoana*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2008. Esta obra está dividida em 25 temas, e com muitas referências bibliográficas. No entanto, nenhum desses temas é sobre o amor e a sexualidade.

¹¹ É o caso, por exemplo, da obra de José Martins GARCIA, *Fernando Pessoa, coração despedaçado (subsídios para um estudo da afetividade na obra poética de Fernando Pessoa)*, Ponta Delgada, Ed. Universidade dos Açores, 1985.

¹² É o caso, por exemplo, da obra de José MARTINHO, *Fernando Pessoa e a Psicanálise*, Coimbra, Ed. Almedina, 2002. Não tem um único capítulo sobre esse tema, e nos outros capítulos também não fala nisso, exceto duas vezes, mas de passagem.

Pessoa faz lembrar a afirmação de Robert Browning sobre Shakespeare, citada pelo próprio Fernando Pessoa numa carta a João Gaspar Simões, datada de 4-10-1929, quando Robert Browning ficou a saber que Shakespeare era homossexual: “Então ele é menos Shakespeare?”. Com o objetivo de que Fernando Pessoa não seja menos Fernando Pessoa, para aqueles que consideram que isso o diminui, é-lhes preferível esquecer, ignorar, negar, ou não abordar esse tema, como se ele não existisse.

Há também investigadores que estão conscientes da homossexualidade em Fernando Pessoa, e concordam que ela é o elemento importante da sua personalidade, a causa da sua angústia e do seu desassossego, mas que raramente abordam esse tema, ou que evitam falar nisso, não por preconceito contra esse tema, mas porque, dado que são figuras conhecidas, e alguns deles são reputados académicos, receiam que ao porem a ênfase nesse tema em Fernando Pessoa, ao acentuarem-no como elemento importante da obra e da personalidade de Fernando Pessoa, e ao dedicarem-se a esse tema, se possa pensar que estão a defender a homossexualidade ou que se pense que esses investigadores são homossexuais. No entanto, uma coisa não significa necessariamente a outra. Um investigador pode fazer investigação sobre determinadas coisas nos autores (escritores, artistas, etc.), apesar de não se identificar com elas, não as sentir, não as partilhar, não acreditar nelas, não serem a sua forma de vida. Um investigador tem que ser isento, manter neutralidade do ponto de vista científico e académico, e falar das coisas com naturalidade, como por exemplo Sigmund Freud, que teve uma vida amorosa e sexual convencional, muito diferente das sexualidades problemáticas que estudou. Fazer uma investigação sobre o paganismo em Fernando Pessoa não significa que esse investigador seja pagão, assim fazer uma investigação sobre a homossexualidade em Fernando Pessoa não significa que esse investigador seja homossexual.

É surpreendente a forma como por vezes alguns investigadores de Fernando Pessoa ignoram, omitem, ou contornam a homossexualidade em Fernando Pessoa, mesmo quando estão perante textos homoeróticos. Ou não percebem, ou fingem que não percebem, ou não querem dar a entender que percebem, dando a entender que percebem outra coisa. Certamente muitos percebem, mas apresentam outros comentários aos textos, comentários transcendentais, metafísicos, idealistas, e moralistas. Muitas omissões em relação ao amor, ao erotismo e à sexualidade em Fernando Pessoa, tendem a privilegiar os “temas filosóficos”, e mesmo algumas interpretações quando estão perante textos homoeróticos, conduzem esses textos para outras interpretações, geralmente interpretações “filosóficas”, esquecendo ou ignorando que o amor, o erotismo e a sexualidade, também são temas filosóficos, como se pode ver em alguns autores, todos eles filósofos, que

sobre isso se interessaram e refletiram: Lucrécio, Platão, Montaigne, Schopenhauer, Feuerbach, Jean-Jacques Rousseau, Kierkegaard, Nietzsche, Bertrand Russell, Jean-Paul Sartre, Roland Barthes, Georges Bataille, Michel Foucault, Michel Onfray, etc.

A Psicanálise desenvolveu também, depois de Sigmund Freud, e de Jacques Lacan, as suas próprias análises sobre a paixão e o desejo. Segundo a Psicanálise, uma das componentes mais importantes da identidade do ser humano é a sexualidade, a qual desde a infância define toda a sua personalidade. O próprio Fernando Pessoa, numa carta a João Gaspar Simões, chama a atenção para a importância de Freud e da Psicanálise, afirmando: “É utilíssimo porque chamou a atenção dos psicólogos para três elementos importantíssimos na vida da alma, e portanto na interpretação dela: 1.º) – o subconsciente e a nossa conseqüente qualidade de animais irracionais; 2.º) – a sexualidade, cuja importância havia sido, por diversos motivos, diminuída ou desconhecida anteriormente; 3.º) – o que poderei chamar, em linguagem minha, a *translação*, ou seja a conversão de certos elementos psíquicos (não só sexuais) em outros, por estorvo ou desvio dos originais, e a possibilidade de se determinar a existência de certas qualidades ou defeitos por meio de efeitos aparentemente irrelacionados com elas ou eles”.¹³

Desde muito cedo que Fernando Pessoa se interessou por sexualidade. Sabemos por exemplo, através de uma carta real de um dos seus colegas no colégio para rapazes na África do Sul, onde Fernando Pessoa viveu e estudou, o colega C.E. Geerdt, escrita por este anos mais tarde, que Fernando Pessoa “tinha em seu poder algumas bandas desenhadas francesas e portuguesas indecentes”.¹⁴ Fernando Pessoa, já adulto, tinha também na sua biblioteca pessoal alguns livros sobre sexo, como por exemplo o *Kama Sutra*¹⁵, e o *Décameron*,¹⁶ (que ainda hoje se conservam, guardadas na sua biblioteca pessoal, na Casa Fernando Pessoa em Lisboa), e tinha também alguns livros de Psicanálise, de entre os quais Freud,¹⁷ que revelam portanto o seu interesse pela sexualidade. Nos seus diários Fernando Pessoa revela a sua tendência para analisar do ponto de vista sexual as pessoas, não apenas as pessoas fictícias da sua obra,

¹³ *Correspondência, 1923-1935*, org. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 1999 (carta de 4-10-1929), a primeira carta transcrita no presente livro.

¹⁴ *Pessoa por conhecer*, org. Teresa Rita Lopes, Lisboa, Ed. Estampa, 1990, vol. II, p. 35.

¹⁵ VATSYAYANA, *Le Kama Soutra*, Paris, traduzido e editado por E. Lamairesse (s/d.).

¹⁶ Giovanni BOCCACCIO, *Le Décaméron*, Paris, Ernst Flammarion (s/d.), dois volumes. Esta obra ainda hoje se conserva na biblioteca de Fernando Pessoa, em Lisboa, na Casa Fernando Pessoa.

¹⁷ Sigmund FREUD, *Un souvenir d'enfance de Leonardo da Vinci* (“Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci”), Paris, Ed. Librairie Gallimard, 1927.

mas também as pessoas reais com quem se cruzou. Por exemplo, numa passagem do seu diário datado de 20 de Março de 1906, afirma: “Fui apresentado casualmente, pelo Dr. Ferraz, ao Padre Sena Freitas, outrora um grande polemista. Observei-lhe o semblante. Nariz curvo e combativo, largo na ponta; lábios finos, queixo quadrado. Propenso à sordidez e à obscenidade, como pude perceber nos cinco minutos que durou a conversa”.¹⁸

Alguns dos heterónimos de Fernando Pessoa são também reveladores da importância da sexualidade, pois é esse o tema principal dos seus textos, nomeadamente em Charles Anon, Marcos Alves, Pero Botelho, Jean Seul, Frei Maurice, e no Barão de Teive. Por exemplo, o heterónimo Pero Botelho afirma: *Sexuality in all, sexual elements in genius* (“Sexualidade em tudo, elemento sexual no génio”).¹⁹ As obras de Jean Seul são um tratado sobre sexualidade (o amor livre, o exibicionismo, o voyeurismo, a impotência sexual, a poligamia, o poliamor, a homossexualidade, etc.) Através de uma personagem fictícia (Jean Seul), Fernando Pessoa encarna o papel de um observador crítico sobre os costumes do seu tempo, reproduzindo ironicamente as críticas que se faziam à sexualidade, cujos costumes avançados Fernando Pessoa retrata, tendo como auge os anos 50 (errou por uma década, pois a chamada *libertação sexual* surgiu nos anos 60). Também em Marcos Alves, conforme Fernando Pessoa afirma, a sexualidade “enchia todo o cérebro” e “coloria tudo com a sua intenção”. O “destrambelhamento sexual” de Marcos Alves, afirma Fernando Pessoa, dava-lhe uma “acuidade estranha para analisar”, orientada sempre para as “bases sexuais dos atos dos indivíduos”, incluindo dos atos dele próprio,²⁰ e que parece ser um autorretrato de Fernando Pessoa. Há vários textos ao longo da obra de Fernando Pessoa, que revelam a sua tendência para analisar as coisas sob o ponto de vista sexual, ou para falar de sexualidade, direta ou indiretamente, e isso desde muito jovem, como revela o seu heterónimo Alexander Search, onde se vê a sua preocupação de ter que se controlar, fazendo propósitos de vida, nomeadamente no seu *Pacto para a vida de Alexander Search*, um pacto de intenções, em que afirma que devia “nunca escrever coisas sensuais, ou de outro modo perversas, que possam lesar e prejudicar quem as ler”.²¹

¹⁸ “Prosa íntima e de autoconhecimento”, *Obras essenciais de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2007, vol. V, p. 34.

¹⁹ Jerónimo PIARRO, *Fernando Pessoa entre génio e loucura* Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007, p. 165.

²⁰ Fernando PESSOA, *Escritos sobre génio e loucura*, Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006, t. II, p. 523.

²¹ *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2014, p. 75.

A sexualidade está muito presente ao longo da sua obra, pois conforme o próprio Fernando Pessoa afirma no seu texto *Elogio dos castos, dos pederastas e dos masturbadores*: “A vida sexual é a base de toda a vida, por isso, para uma vida anormal, como é a vida artística ou literária ou científica, é preciso uma anormalidade basilar, sexual portanto”. Em alguns dos seus contos, Fernando Pessoa é bem explícito, como por exemplo quando afirma: “No homem feito, e em idade plenamente viril, a ausência de relações sexuais, e, mais a presunção de nunca as ter tido, tornam-no, aos nossos olhos sociais, estranho e ridículo”.²² Existe um vasto vocabulário ligado à sexualidade (*orgia, masturbação*, etc.), que Fernando Pessoa emprega mesmo quando fala de outros assuntos. Existe também nele a tendência para analisar sexualmente as personagens, e por exemplo quando fala do corpo de um homem, Fernando Pessoa revela a importância que dá ao órgão sexual masculino, como se pode ver no texto *Jacob Dermot*: “Dermot. O seu corpo era fálico. Sim, o seu corpo era um falo enorme, e cada confim, cada fosso imensamente visual e trémulo uma vulva evidente. Os próprios cabelos da cabeça pareciam ser do púbis. As mãos possantes, ignóbeis, masturbavam o incerto” (BNP, E3, 138-66). Mesmo quando trata de outros assuntos, conforme já referimos, Fernando Pessoa fala também em sexualidade, e especialmente em homossexualidade, conforme se pode verificar nos textos que selecionámos para o capítulo *Sobre Arte e Literatura*, incluídos no presente livro.

A sua poesia contém também muitas referências, implícitas e explícitas, à afetividade homossexual (é aliás através da poesia que mais se exprimem os afetos homossexuais em Fernando Pessoa). Ao contrário do que sucedeu com alguns dos seus heterónimos, que duraram apenas uma determinada fase da sua vida literária, ou que forma mesmo criados num só dia, para depois os abandonar, nomeadamente os seus heterónimos pouco conhecidos, Fernando Pessoa revelou-se essencialmente através do seu ortónimo, sendo portanto do ortónimo a maior parte daquilo que ele escreveu: poesia, textos filosóficos, ensaios políticos, contos e outros textos de ficção, textos autobiográficos, textos mediúnicos, textos astrológicos, correspondência, textos sobre arte e literatura, textos sobre as mulheres, textos sobre António Botto e Raúl Leal, textos e fragmentos genéricos, listas de projetos, poemas traduzidos e recriados, etc.

Ora, por um lado, há a destacar o facto de o tema do homoerotismo e da homossexualidade estar presente nos mais variados textos de Fernando

²² Conto: “A morte do Dr. Cerdeira”, in *A estrada do esquecimento e outros contos*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2015, p. 224. Neste livro o tema da sexualidade existe também nos seguintes contos: *Manuel Fontoura* ; *Gastrónomo* ; *O crime do Dr. Cerdeira* ; *O elogio histórico de D. Miguel Rozpinho*.

Pessoa, e portanto de não se encontrar apenas na sua poesia, e por outro lado há a destacar o facto desse tema ter sido uma constante ao longo dos poemas que Fernando Pessoa foi escrevendo ao longo da sua vida. Ao contrário de outras personagens que criou mas abandonou, ou de outros heterónimos, ou de outros temas que também abandonou, Fernando Pessoa começou a escrever textos homoeróticos ou relacionados com o homoerotismo, desde muito jovem, e foi-os escrevendo ao longo da sua carreira literária, nomeadamente poesia. Portanto, não se pode dizer que isso foi uma determinada fase da sua vida, não se pode dizer que foi apenas numa determinada época que Fernando Pessoa escreveu poesia homoerótica, ou que isso correspondeu a uma fase passageira, pois o interesse de Fernando Pessoa pelo homoerotismo esteve presente até quase ao final da sua vida, conforme se pode confirmar através das datas em que escreveu os seus textos. Em suma, o homoerotismo e a homossexualidade não foi um interesse passageiro, mas sim algo que nele existiu sempre.

A obra de Fernando Pessoa está carregada de sentimentos de angústia e tristeza. Porquê? Isso tem sido interpretado de várias maneiras, e alguns estudiosos afirmam por exemplo que é devido a saudades da sua infância. Mas se assim é, porque razão Fernando Pessoa tinha saudades da sua infância? Isso sucedia porque agora, na idade adulta, não era amado, nem podia amar. Apesar das tentativas de alguns investigadores em lhe encontrarem mulheres a quem amou, ao longo da sua obra mostra o seu ceticismo em relação ao amor, como no *Fausto*, em que afirma “O amor causa-me horror”. Num dos seus poemas explicita aquilo que diz em muitos outros: “Meu coração esteve sempre sozinho” (*Poesia-1918-1930*, p. 301), e no *Livro do Desassossego* (parágrafo 208 da edição citada no presente livro) Fernando Pessoa diz: “Nunca amei ninguém”. Conforme afirma João Gaspar Simões, a mãe de Fernando Pessoa foi o “único amor” da sua vida.²³ Alguns poemas dirigidos a uma ela, como por exemplo o poema *Adens*, são dirigidos à sua mãe. Também o poema *Quando ela passa* foi dedicado à sua irmã. É certo que existem alguns poemas dirigidos a mulheres, sem ser apenas a pessoas da sua família, mas são encenações da heterossexualidade. Alguns investigadores insistem em levar à letra esses poemas, como por exemplo o poema a uma rapariga loura, que é um poema com ironia, e que afirma sobre essa rapariga: “Sim, os feios também amados, e às vezes por mulheres” (o que revela portanto o seu conteúdo homossexual).

Fernando Pessoa também escreveu poemas ao ópio, e no entanto não se drogava. Fernando Pessoa também escreveu poemas a Cristo, e no entanto não era cristão. A presença feminina nos seus poemas é apenas uma figura

²³ João Gaspar SIMÕES, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, o. c., pp. 489, 491, 497, e 507.

poética, conforme o próprio Fernando Pessoa declara num dos seus poemas, ao dizer que a mulher para ele são tercetos, isto é, versos: “Mulher, amor, (alcova?) – sois tercetos!.../ Só vós ó mar e céu nos libertais”.²⁴ A personagem feminina nos seus poemas é apenas uma presença decorativa, como nos poemas de Omar Khayyam: *Rubaiyat*, que conforme Fernando Pessoa afirma, “apenas serve vinho”: “(...) nem amor até – por aquela mesma Saki que aqui e ali aparecem nos rúbayat não é como mulher que aparece, senão, e somente, como moça que serve o vinho, e canta para dizer-nos que nada tem que nos dizer. Quem é ela? Uma mulher? Não: é só a moça que serve o vinho”.²⁵

Fernando Pessoa escreveu centenas de poemas, e alguns deles falam de uma “amada”, que entra como personagem, mas os textos homoeróticos que Fernando Pessoa escreveu, e outros que podem ser interpretados como tal, foram muitos mais. A maioria desses textos foram poemas, de um homoerotismo muito sentido e emotivo, muitos deles com grande profundidade psicológica, exprimindo sentimentos de dor, e foi-os escrevendo ao longo de toda a sua vida de escritor. Por outro lado, há poemas de amor em Fernando Pessoa que não se sabe se são dirigidos a um homem ou a uma mulher, pois não referem o género (masculino ou feminino) do destinatário. Havendo tantos textos homoeróticos em Fernando Pessoa, porque razão interpretar como sendo dirigidos a uma mulher, os poemas de amor que não têm referência quanto ao género masculino ou feminino? Existe um preconceito interpretativo, neste como noutros casos. Por exemplo, há poemas dirigidos ao sexo masculino, que são interpretados como sendo apenas de amizade (apesar de alguns falarem por vezes de amor), enquanto os poemas dirigidos ao sexo feminino são imediatamente interpretados como sendo de amor.

Há também alguns poemas de Fernando Pessoa cuja letra, no manuscrito, é difícil de decifrar. Por exemplo na língua inglesa a palavra *he* refere-se a uma pessoa do sexo masculino, e a palavra *she* refere-se a uma pessoa do sexo feminino, e portanto a diferença entre essas palavras é clara. Também na língua francesa as palavras são graficamente diferentes: a palavra *il* refere-se a uma pessoa do sexo masculino, enquanto a palavra *elle* refere-se a uma pessoa do sexo feminino. Ora, na língua portuguesa, por vezes não se percebe bem se a palavra é “ele”, ou “ela”, pois são palavras muito parecidas, e entre um “e” e um “a”, escrito à mão, e muitas vezes em letra corrida, o desenho da letra é parecido, e em papéis amarelados pelo tempo, e com a tinta gasta,

²⁴ Álvaro de Campos, *Livro de versos*, “Costa do sol”, org. Teresa Rita Lopes, Lisboa, Ed. Estampa, 1993, p. 162.

²⁵ *Apreciações Literárias de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013, p. 160.

por vezes ainda se torna mais difícil decifrar. A maior parte dos poemas de Fernando Pessoa foram escritos à mão, muitas vezes em letra corrida, pouco legível, e não foram passados a limpo. Ora, perante algumas dificuldades de se perceber bem se a palavra é *ele* ou *ela*, os decifradores da poesia de Fernando Pessoa atualmente editada, optaram por pôr a palavra *ela*.

Numa edição dos poemas de Fernando Pessoa, existe um poema de 9 de Novembro de 1924, cujo conteúdo é o seguinte: “Sim, poderia ser.../Mas era preciso ver.../Eu preciso ver.../Poderei? Talvez.../Tu és aquele que és.../Eu sou isso por quem vês...”²⁶ Numa outra edição, cujos poemas foram decifrados por outro intérprete, e publicados por outra editora, existe também esse poema, mas com um conteúdo um pouco diferente: “Sim, poderia ser.../Mas era preciso ver.../Eu poderia ver.../Poderei? Talvez.../Tu és aquela que és.../Eu sou isso por quem vês...”²⁷ No terceiro verso, na primeira versão foi escrito por quem decifrou: “eu preciso ver”, enquanto na segunda versão o decifrador escreveu: “eu poderia ver”. Mas para o tema que aqui nos interessa, o que há a salientar nas duas decifrações é sobretudo a mudança do género masculino para o feminino, no que diz respeito ao destinatário deste poema. Numa edição desse poema, o investigador decifrou e escreveu assim: “Tu és aquele que és”, enquanto numa outra edição, feita por outro investigador, ele decifrou e escreveu assim: “Tu és aquela que és”. Portanto, numa das decifrações da letra de Fernando Pessoa esse verso foi decifrado como dirigindo-se a um homem, enquanto na outra decifração esse verso foi decifrado como dirigindo-se a uma mulher. Também no poema de amor, que começa deste modo: *Sim, tudo é certo, logo que o não seja*, na oitava linha existe um verso que numa edição dos poemas de Fernando Pessoa o decifrador interpretou assim: “Filho, eu que que te desejo não te perder”²⁸, sendo portanto um poema que se dirige a um homem, enquanto noutra versão do mesmo poema, publicado por outra editora, o decifrador interpretou assim: “Filha, eu que te desejo não sei qu’rer”,²⁹ sendo interpretado como dirigindo-se a uma mulher (além do resto do verso também não ser igual). Existem mais exemplos como estes, que têm decifrações divergentes (no curto espaço de tempo desta introdução não cabe mostrar todos). Portanto, o que há que realçar é que existem edições dos poemas de Fernando Pessoa que têm alguns poemas interpretados como sendo dirigidos a uma “ela”, mas cuja letra original, no manuscri-

²⁶ *Poesia 1918-1930*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2005, p. 214.

²⁷ *Poemas de Fernando Pessoa*, 1921-1930, edição crítica, vol. I, tomo III, Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001, p. 70.

²⁸ IDEM, p. 141

²⁹ *Poesia*, 1918-1930, p. 315

to, não se percebe bem, e alguns desses poemas são provavelmente dirigidos a um “ele”, e não a uma “ela”.

É certo que em Fernando Pessoa há alguns poemas que são dirigidos a uma *ela*, pois percebe-se que o conteúdo é dirigido a alguém do sexo feminino. Qual o significado disso? Em alguns poemas trata-se simplesmente de um recurso verbal, de uma forma de criar rima, quando por exemplo, para rimar com a palavra *ainda*, Fernando Pessoa escreve noutro verso a palavra *linda*. Noutros poemas onde existe a presença feminina, trata-se de situações banais do quotidiano, e não de poemas amorosos. Em poemas mais sentimentais, a presença feminina é simplesmente um tema poético e decorativo, uma encenação, a mulher é a *musa* do poeta, e torna-o mais *sensível* enquanto poeta, poemas esses em que Fernando Pessoa imita a tradição lírica, na qual o poeta canta o chamado *belo sexo*. O lirismo é a expressão duma emoção pessoal intensa, e a mulher surge aí como um tema lírico, que reforça a componente poética do texto, como era próprio da tradição literária. A poesia lírica trata de temas como a mulher, a Natureza, a morte, o destino, etc., e são portanto temas tradicionalmente poéticos. Cantar a mulher do ponto de vista poético não é a mesma coisa que desejá-la do ponto de vista amoroso e sexual, e o próprio Fernando Pessoa expressa essa ideia, ao dizer a uma mulher: “Quero-te para sonho,/ Não para te amar”.³⁰ Em alguns poetas, como Verlaine, que era homossexual, e que escreveu também poemas a mulheres, a mulher é a encarnação do belo criado por Deus, a mulher surge aí como um ser assexuado, como sucede também em Fernando Pessoa, como por exemplo em algumas passagens do *Livro do Desassossego*, em que fala da mulher, mas como um ser assexuado. A mulher (tradicionalmente dita “o belo sexo”) é uma presença estética e não sexual.

Fernando Pessoa escreveu sobre muitos temas, encenou várias situações, como por exemplo também a do amor entre homem e mulher. Mas houve muitos outros poetas homossexuais que, apesar de serem homossexuais, também escreveram poemas a mulheres, poetas esses cuja maioria dos poemas de amor são homoeróticos. Por exemplo, num escritor homossexual que Fernando Pessoa muito admirava, William Shakespeare, os sonetos 1 ao 126 são dirigidos a um jovem do sexo masculino, por quem exprime o seu afeto, enquanto os sonetos 127 a 152 são dirigidos a uma mulher, a quem chama “dama morena”. Verlaine, um outro poeta homossexual, conforme já referimos, escreveu a maior parte dos seus poemas de amor dirigidos a homens, mas escreveu também alguns poemas de amor dirigidos a mulheres.³¹ Por seu turno, Rimbaud, o namorado de Verlaine, apesar de ser ho-

³⁰ *Poesia 1918-1930*, o. c., “Là Bas”, p. 225.

³¹ Paul VERLAINE, *Hombres e algumas mulheres*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2011.

mossexual, também escreveu alguns poemas a mulheres (*Ophélie; Au cabaret vert; Vénus Anadyomène; L'étoile à pleuré rose; Première soirée*). Frederico Garcia Lorca, outro poeta homossexual, também escreveu poemas a mulheres, como tema meramente literário (*Casida de la mujer tendida; La dama de negro; Encuentro (Maria del reposo)*). Existem mais poetas homossexuais cujo conteúdo literário e temático variado inclui alguns poemas de amor sobre mulheres, em que eles encarnam o personagem de poeta apaixonado por uma “musa”, e portanto como uma encenação e uma representação literária da heterossexualidade. Demos aqui apenas alguns exemplos, pois o curto espaço desta introdução impede-nos de referir e de citar todos um por um.

No caso de Fernando Pessoa, nota-se por vezes o fingimento e também uma certa ironia em relação ao afeto para com as mulheres. Por exemplo o poema *Uma rapariga inglesa*, de Álvaro de Campos, transcrito no presente livro, é dirigido a uma mulher, mas até mesmo nesse poema se revela a homossexualidade do narrador, através do seguinte verso: “Escuso de me achar feio, porque os feios também são amados/ E às vezes por mulheres!”³² Num outro poema, que começa com o verso: *Talvez não seja mais do que um sonho*, Álvaro de Campos fala de uma rapariga loura, e diz-lhe por exemplo: “Cada vez que te encontro lembro-me de versos que esqueci/ É claro que não me importo nada contigo”,³³ e portanto não está interessado nela. Há outro poema de Álvaro de Campos, o poema *Acaso*, onde ele também fala de uma rapariga loura, mas segundo Álvaro de Campos, essa ou outra rapariga loura, “é a mesma afinal”.³⁴ Existe também um poema dirigido a uma mulher, aparentemente de amor, mas em que Fernando Pessoa afirma: “Maria, (tu és Maria?)/ Gosto de ti realmente/Mas não como gostaria/ Quem gosta só porque sente./ Meu gostar é diferente/. Se sendo a mesma que és/ Tu fosses outra, e eu/ Sendo o mesmo que aqui vês,/ Fosse outro, nem teu nem meu,/ Este amor que deus nos deu/ Talvez desse resultado”.³⁵ Há mais poemas em que Fernando Pessoa fala no seu fingimento amoroso para com o sexo feminino, como por exemplo no seguinte poema: “Vejo o meu realejo/E já não tenho razão./Maria, dá-me esse beijo/Que me chega ao coração./ O amor é melhor que árias,/ Mesmo que seja a fingir,/ As conseqüências são várias/ E tudo se leva a rir”.³⁶

³² *Obra Completa de Álvaro de Campos*, Lisboa, Ed. Tinta da China, 2014, pp. 251-252

³³ *Idem*, p. 222.

³⁴ *Idem*, p. 226.

³⁵ *Poemas de Fernando Pessoa, 1921-1930*, edição crítica, Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001, p. 241.

³⁶ *Poesia, 1918-1930*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, p. 421.

A renúncia afetiva e a aversão sexual em relação às mulheres, está presente em vários textos de Fernando Pessoa, como por exemplo, nos seguintes poemas transcritos no presente livro: *Conselhos*; *Oração (Súplica) aos Novos Deuses*; *Soneto Positivo*; *Amem outros a graça feminina*. Nos textos mediúnicos, por exemplo o texto *Um homem informará outro da tua aversão pelas mulheres*; nos *Diários* (15 de Março e 13 a 17 de Abril de 1906, e 15 e 27 de Fevereiro de 1913). Nos textos *Sobre as Mulheres* (por exemplo “Só o homem pode ser casto”). Em alguns casos Fernando Pessoa serve-se de alguns autores para reforçar a sua atitude de desprezo em relação às mulheres, como por exemplo no texto sobre *Charles Dickens*, ou no texto sobre *Leopardi*. Também em alguns dos seus heterónimos (Jean Seul, António Mora, Bernardo Soares, etc.), se encontra essa atitude. Existem mais textos onde se pode ver a rejeição e a aversão de Fernando Pessoa em relação às mulheres.³⁷

Quando Fernando Pessoa fala em mulheres, critica-as não apenas do ponto de vista social e político, mas também afetivo e sexual, pois recusa a mulher carnal, exalta a mulher virgem, e de preferência que seja uma mulher ausente. É admirador de uma feminilidade que seja imaterial, não física, mas etérea, fora da esfera dos sentidos, fora do corpo, portanto uma mulher assexuada, que Fernando Pessoa, considerava ser o ideal de mulher, conforme se pode ver no *Livro do Desassossego*, no texto “Nossa Senhora do Silêncio”, onde a propósito da atitude de escrever versos a uma figura feminina, afirma: “Os idealistas falsos da vida real fazem versos à Esposa, ajoelham à ideia de Mãe... O seu idealismo é uma veste que tapa, não é um sonho que crie”, e conforme se pode ver também no *Livro do Desassossego*, “a mulher é o “sexo sujo”.³⁸ Fernando Pessoa ao dizer que a mulher é o sexo sujo (e repare-se que ele põe a ênfase no sexo, pois não diz simplesmente “a mulher”), pressupõe que há um sexo que não é sujo, e que portanto esse é que é de admirar. Se o “sexo sujo” é o da mulher, o “sexo não sujo” é o do homem.

Também o discurso do heterónimo Ricardo Reis é pautado por recusas a contactos com mulheres reais, e Lídia aparece constantemente como objeto dessa recusa. Lídia representa o amor idealizado, e irrealizável, assim como Chloe, a quem Ricardo Reis diz: “Não quero, Chloe, o teu amor, que oprime/ Porque me exige o amor. Quero ser livre”. Por outro lado, conforme nos revela o heterónimo Álvaro de Campos, no seu texto *As figuras de amadas, que aliás não existem como figuras*, as referências a Lídia e a Chloe são disfarces, que são dirigidos a um destinatário do sexo masculino (ver no

³⁷ Para mais exemplos, ver José BARRETO, *Misoginia e antifeminismo em Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Ática, 2011.

³⁸ *Livro do Desassossego*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2011, apêndice 18.

texto *As figuras de amadas, que aliás não existem como figuras*). Até mesmo em Alberto Caeiro, um heterónimo aparentemente heterossexual (ver nos fragmentos genéricos a frase segundo a qual Alberto Caeiro seria a rapariga, e o texto de Álvaro de Campos que diz que Ricardo Reis se tornou mulher quando tomou contacto com Caeiro), se analisarmos em pormenor, descobrimos que em Alberto Caeiro o seu relacionamento com uma mulher é um falso amor, como se pode depreender por exemplo através dos seguintes versos: “Quando eu não te tinha/Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo.../ Agora amo a Natureza como um monge calmo à Virgem Maria” (...) “Quem ama é diferente de quem é, é a mesma pessoa sem ninguém” (...) “Eu gosto tanto dela que não sei como a desejar” (...) “A minha voz fala dela como se ela é que falasse” (...) “Passei toda a noite sem saber dormir/ Vendo sem espaço a figura dela/ E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que ela é quando me fala” (...), e no poema IV do *Pastor amoroso*, a confusão entra na mente de Caeiro, que mexe com a sua identidade. O pastor perdeu o seu cajado (uma metáfora fálica), e viu que ninguém o tinha amado afinal. Alberto Caeiro acordou da falsa verdade desse “amor” que o invadia, viu-se livre do papel que andava a representar, e finalmente, conforme Fernando Pessoa afirma, “sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito”.

O fingimento amoroso é uma das características principais de Fernando Pessoa, que num dos seus poemas mais conhecidos, a *Autopsicografia*, diz que “o poeta é um fingidor”. Num dos seus textos em prosa diz também: “(...) Daí a arte, feita para entretenimento dos outros, e a nossa ocupação, dos que somos ocupáveis desse modo. Negada a verdade, não temos com que entreter-nos senão a mentir”.³⁹ Um dos seus heterónimos, Alexander Search, também afirma: “Desde que tenho consciência de mim, apercebi-me de uma tendência inata em mim para a mistificação, a mentira artística”.⁴⁰ Também por exemplo no *Livro do Desassossego* afirma: “Tenho sido ator sempre, e a valer. Sempre que amei, fingi que amei, e para mim mesmo o finjo” (fragmento 261). Há também um poema de Fernando Pessoa em que ele exprime o desejo de um dia poder escrever “Um poema próprio, em que me vá o ser,/ Em que eu diga o que sinto e o que sou,/ Sem pensar, sem fingir e sem querer,/ Como um lugar exato, o onde estou, / E onde me possam como sou me ver”.⁴¹ A máscara, muito empregue em Fernando Pessoa, a que não é alheio o próprio étimo latino do nome “Pessoa” (*perso-*

³⁹ *Pessoa por conhecer*, Lisboa, Ed. Estampa, 1990, vol. II, p. 114.

⁴⁰ *Prosa Íntima e de autoconhecimento*, Obra Essencial de Fernando Pessoa, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2007, p. 55.

⁴¹ *Poesia 1931-1935 e não datada*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2006, p. 136.

na), que significa “máscara”, leva a pensar no que está por trás dessa máscara, na presença de um rosto autêntico, de uma pessoa real, que Fernando Pessoa não mostrou, sendo disso um dos melhores exemplos a sua relação com Ofélia Queiroz, de que falaremos no capítulo seguinte.

O equívoco em relação a Ofélia Queiroz

Desde muito novo que Fernando Pessoa revelou o seu fingimento amoroso em relação às mulheres. Esse seu fingimento pode ver-se por exemplo no seu texto *Carta de amor equívoca*, de que citamos o seguinte excerto “O grande amor que até agora te comuniquei é falso, e creio que a minha indiferença por ti cresce a cada dia. Quanto mais te vejo mais apareces a meus olhos como digna de desprezo, sinto que estou inteiramente disposto e determinado a odiar-te. Acredita que nunca tive intenção de conceder-te a minha mão (...). Sim, espero que fiques persuadida de que falo de forma sincera e far-me-ás o favor de ignorar-me”.⁴²

O mesmo fingimento aconteceu em relação ao relacionamento de Fernando Pessoa com Ofélia Queiroz, apesar deste relacionamento ser geralmente encarado de forma literal pela opinião pública, e portanto, como se tivesse sido um verdadeiro amor. Depois da publicação das cartas de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz, alguns investigadores analisaram essas cartas e mostraram a sua desconfiança de que tivesse sido realmente amor a atitude de Fernando Pessoa para com Ofélia Queiroz. Entre esses estudos, destacam-se por exemplo o posfácio de David Mourão-Ferreira à publicação dessas cartas,⁴³ um artigo de Yvette K. Centeno⁴⁴, e um estudo de José Augusto Seabra, onde afirma: “em termos de migração intertextual”, relacionam-se “os elementos paradigmaticamente dispersos de uma textualidade múltipla, nos seus discursos e sujeitos”, onde “o fingimento amoroso das cartas a Ofélia não seria mais do que uma metamorfose dos textos poéticos, ou estes daquele”, e onde “o discurso amoroso, bem como o seu sujeito, não são mais do que essa encenação infinita de significantes”.⁴⁵

O encontro de Ofélia Queiroz com Fernando Pessoa, no escritório onde este trabalhava, e onde ela foi em busca de trabalho como secretária, deu-se

⁴² *Eu sou uma antologia*, Lisboa, Ed. Tinta da China, 2016, p. 25.

⁴³ *Cartas de Amor. Fernando Pessoa*. (organização, posfácio e notas de David Mourão FERREIRA, Lisboa, Ed. Ática, 1978 (3ª ed. 1994).

⁴⁴ Yvette K. CENTENO, *Fernando Pessoa: Ophélia – bébézinbo ou o “horror do sexo”*, revista *Colóquio – Letras*, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Maio, 1979, pp. 11-19.

⁴⁵ José Augusto SEABRA, *O heterotexto pessoano*, Lisboa, Ed. Dinalivro, 1985, pp. 74-75.

de forma casual, e a suposta cena romântica impulsiva entre eles, em que se terão tocado e abraçado, aproveitando a súbita falta de eletricidade (cena essa que não se sabe se realmente aconteceu), parece uma encenação à maneira das obras de Shakespeare, que Fernando Pessoa tanto admirava, nomeadamente da obra *Hamlet*, onde existe também uma personagem com o nome de Ofélia. Conforme refere um outro investigador de Fernando Pessoa, a propósito dessa suposta cena romântica entre Ofélia e Fernando Pessoa, “todas as cenas de arrebatamento amoroso revelam um ímpeto inesperado, como se o *outro* se apoderasse de Fernando Pessoa, o tímido. A sua extrema permeabilidade à influência de Shakespeare levou-o a inventar Hamlet: “sentou-se na minha cadeira, pousou o candeeiro que trazia na mão e, vindo para mim, começou de repente a declarar-se, como Hamlet se declarou a Ofélia”.⁴⁶

“Esta cena, talvez verosímil entre *namorados* cultos e bem humorados Pessoa embirra com a palavra *namoro* e seus derivados), na circunstância adquire um sentido trágico. A súbita *paixão* de Pessoa assume traços de delírio, de paixão por uma personagem. Por outro lado, fingir de Hamlet é desresponsabilizar o cidadão Pessoa”.⁴⁷

Um outro investigador, Eduardo Lourenço, expressa também a sua descrença sobre o amor de Fernando Pessoa para com Ofélia Queiroz, dizendo que as cartas que Fernando Pessoa lhe escreveu foram “uma comédia de enganos, anverso de todo o fascínio amoroso, (...), um ostensivo erotismo adolescentemente brincalhão. (...) Se Ofélia tivesse lido o menor dos poemas do seu efêmero e improvável “namorado” (epíteto que apenas concebido lhe seria insuportável), onde nada se glosa senão a evidência de que a Vida é pura Ficção e a chamada Ficção a única e impensável “verdade” dela, não teria embarcado nessa travessia do coração para um porto que nunca existiu para o companheiro/fantasma dessa viagem sem viajante dentro”.⁴⁸

Ao contrário da maior parte dos namorados, que suplicam por declarações sinceras, e juras de verdadeiro amor, Fernando Pessoa dizia a Ofélia Queiroz: “Compreendo que uma pessoa doente é maçadora, e que é difícil ter carinhos por ela. Mas eu pedia-te apenas que fingisses esses carinhos, que simulasses algum interesse por mim (...), faz, ao menos, por o fingires bem” (carta de 20 de Março de 1920). Fernando Pessoa, embora carinhoso, chega a pedir a Ofélia para não dizer que se namoram (“Nunca digas a ninguém que nos “namoramos”), e coloca a palavra *namoramos* entre aspas.

⁴⁶ José Martins GARCIA, *Fernando Pessoa, coração despedaçado*, Ponta Delgada, Ed. Universidade dos Açores, 1985, p. 394.

⁴⁷ IDEM, *Ibidem*.

⁴⁸ Eduardo LOURENÇO, “Amor e Literatura”, *Jornal de Letras*, n.º 1112, Lisboa, 15/05/2013.

Portanto, Fernando Pessoa não levava esse relacionamento a sério, e pedia a Ofélia que não tornasse público esse relacionamento. Fernando Pessoa fazia mesmo ironia em relação à hipótese de casamento entre ele e Ofélia Queiroz, dizendo-lhe: “Quando me dizes que o que mais desejas é que eu case contigo, é pena que não me expliques que eu tenho ao mesmo tempo que casar com a tua irmã, o teu cunhado, o teu sobrinho, e não sei quantos fregueses da tua irmã” (carta de 31-7-1920).

Foi Ofélia Queiroz quem iniciou a troca de correspondência entre ela e Fernando Pessoa, tanto na primeira como na segunda fase do relacionamento. Por outro lado, as mensagens escritas de Fernando Pessoa para Ofélia Queiroz foram em número muito reduzido, em comparação com as que Ofélia lhe enviou. Enquanto Ofélia escreveu a Fernando Pessoa 289 mensagens (cartas, bilhetes, e cartões postais), recebeu em troca apenas 52, quase sempre mais curtas, e algumas de um tom esquivo e evasivo. Chegou uma ocasião em que enviar mensagens era uma tarefa de que se ocupava apenas Ofélia Queiroz, e em que ela lhe pedia para ele se encontrar com ela (e apenas ela pedia), mas Fernando Pessoa deixou de lhe responder, mostrando-se portanto desinteressado nela.

Apesar de Fernando Pessoa lhe ter escrito algumas cartas, conforme ele próprio afirma num poema sobre as cartas de amor, são cartas “ridículas”, nomeadamente a sua infantilidade. Ainda segundo Eduardo Lourenço, as suas cartas a Ofélia Queiroz não brilham como “eco ou reflexo de um amor ou uma ternura que o submergiu ao menos em certos momentos”, mas sim por uma espécie de “frieza”, ou reticência afetiva, que desde o início se manifesta”.⁴⁹ As cartas de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz são muito diferentes do caráter profundo da escrita habitual do poeta. Não há nessas cartas um desnudamento psicológico, um sentir profundo, ao contrário da escrita autobiográfica de Fernando Pessoa, ou das cartas que escreveu a Mário de Sá Carneiro. Em vez disso, há nessas cartas uma espécie de encaenação, uma relação literária com alguém que embora existisse na vida real, está presente em Fernando Pessoa como uma personagem dos seus contos e de outros textos de ficção. Fernando Pessoa representou, através das suas cartas a Ofélia Queiroz, o papel de um amante que pretendia eventualmente ter a experiência de amar uma mulher, mas não estava realmente apaixonado. Numa das suas últimas cartas, a propósito deste relacionamento não dar certo, Fernando Pessoa afirma: “reconheço que tudo isto é cómico e que a parte mais cómica disto tudo sou eu”. O heterónimo homossexual Álvaro de Campos intrometia-se no namoro, estorvava-o, e escreveu a Ofélia Queiroz avisando-a de que o relacionamento entre ela e Fernando Pessoa

⁴⁹ Eduardo LOURENÇO, o.c.

não devia ser levado a sério. A partir de 1930 Ofélia Queiroz fala sozinha, esforça-se para que Fernando Pessoa lhe dê atenção, envia-lhe cartas, pede-lhe encontros, mas não recebe resposta. Foi um experiência passageira, que durou pouco mais de um ano. Ofélia Queiroz perdeu Fernando Pessoa, o qual se rendeu às interferências do homossexual Álvaro de Campos.⁵⁰

Os contemporâneos de Fernando Pessoa (Moitinho de Almeida, Jorge de Sena, Agostinho da Silva, etc.), também viram com ceticismo o seu caso com Ofélia Queiroz. Há, por exemplo, um episódio relatado por Agostinho da Silva, que conheceu Fernando Pessoa pessoalmente, em Dezembro de 1934. Segundo Agostinho da Silva, Fernando Pessoa confiou-lhe, num tom envergonhado, que estava arrependido de ter escrito as cartas a Ofélia, e que apenas o fizera “movido pela sua irremediável fantasia heteronímica”. Quando se deu conta da “monstruosidade da coisa, pôs fim ao romance fictício, para não fazer sofrer uma mulher real e apaixonada”.⁵¹

Têm sido apontadas diversas razões para o facto de Fernando Pessoa ter terminado o seu relacionamento com Ofélia Queiroz, como por exemplo: porque era tímido, porque tinha dificuldades económicas, porque tinha que se dedicar à literatura, etc. Nenhuma dessas razões é suficientemente justificadora. Desde sempre houve, e continua a haver, muitos homens tímidos, outros com dificuldades económicas, e outros que se dedicaram à literatura, mas que se casaram, e muitos desses escritores, apesar de se terem casado e de terem tido filhos, escreveram muitos livros. Na verdade, uma coisa não impede a outra. No entanto, existe a tendência para apontar esses impedimentos em Fernando Pessoa, e não se aponta como impedimento a homossexualidade. O simples facto de Fernando Pessoa ter conhecido Ofélia Queiroz e de ter mantido com ela um relacionamento de cerca de um ano, leva muitas pessoas a negarem a homossexualidade em Fernando Pessoa.

Ora, existem e sempre existiram muitos homossexuais que numa determinada fase da sua vida tiveram uma experiência com uma mulher (e a quem também escreveram cartas), homossexuais esses que andavam confusos, ou na esperança disso os fazer esquecer ou apagar a sua homossexualidade, e alguns deles, tendo sido tão cortejados, acabaram por se deixar levar pelas solicitações de uma mulher. Há muitos homossexuais que casaram, e tiveram filhos, e continuaram casados ao longo de muitos anos, e alguns até mesmo até ao fim da sua vida, em consequência da pressão social, de modo a evitar suspeita da sociedade, que não olhava com bons olhos quem ficava

⁵⁰ Para uma abordagem mais pormenorizada sobre esta matéria, ver Yvette K. CENTENO, *Fernando Pessoa: Ophélia – bebézinho ou o “horror do sexo”*, o. c.

⁵¹ Fernando DACOSTA, “Agostinho da Silva revela confidências de Fernando Pessoa”, *Os mal amados*, Lisboa, Ed. Casa das Letras, 2010, p. 358.

solteiro, e portanto muitos homossexuais sentiram necessidade de ocultar a sua homossexualidade, através do casamento. Por outro lado, o casamento trazia outras vantagens para muitos homossexuais: a mulher cuidava-lhes do serviço doméstico, a mulher fazia-lhes companhia, algumas mulheres traziam-lhes vantagens económicas, e alguns desses homens, apesar de serem homossexuais, queriam ter filhos.

Ao longo da História houve muitos homossexuais célebres que para não mancharem a sua celebridade ou o seu protagonismo social, mantiveram casamentos de fachada.⁵² Em alguns casos foi não apenas para se salvaguardarem da crítica social, mas para assegurar a transmissão do nome e da herança familiar (do ponto de vista genealógico). No que diz respeito a essas mulheres, conforme refere Michel Larivière, confrontadas com a homossexualidade dos seus maridos, as atitudes delas variam: “a namorada desamparada que se sente sacrificada; a ciumenta que tenta *curar* o seu marido; a calculista que tenta vingar-se; a tolerante ou cúmplice que aceita mesmo os arranjos a três; a frágil, que perde a razão; a ressentida vingativa que quer ocultar a verdade a todo o preço até destruir a memória do seu marido”, etc.⁵³

Houve também muitos escritores homossexuais ao longo da História que numa determinada fase da sua vida tiveram uma namorada (ou um namorado, no caso das lésbicas), escritores esses que lhe escreveram cartas (assim como Fernando Pessoa), e que responderam às cartas que essa namorada lhes enviava, e em alguns desses escritores não foi apenas um caso passageiro, não foi apenas uma namorada, mas sim uma esposa, pois alguns desses escritores homossexuais foram mesmo casados e tiveram filhos. Um dos casos mais famosos, no que diz respeito à escrita de cartas, é o do escritor francês André Gide, que era homossexual, e que foi casado durante vários anos. Quando a sua esposa Madeleine descobriu que ele era homossexual, queimou as muitas cartas que ele lhe escreveu durante os anos de namoro, concluindo que todas aquelas cartas não passavam de literatura.

Antigamente havia uma certa pressão social e cultural, e muitos indivíduos, apesar de serem homossexuais, casavam-se. Alguns deles, devido ao facto de serem escritores famosos, casavam-se para evitarem que, no facto de ficarem solteiros, isso levantasse suspeitas. Eis vários exemplos de escritores e poetas homossexuais que foram casados: Safo, Shakespeare, Alfred

⁵² Sobre isso, pode ver-se por exemplo o livro devidamente documentado, de Michel LARIVIÈRE, *Les amours masculins de nos grands hommes célèbres* (“Os amores masculinos dos nossos grandes homens célebres”), Paris, Ed. Musardine, 2014.

⁵³ Para mais pormenores, ver o desenvolvido estudo dedicado a esta matéria, realizado por este autor, em: *Femmes d’homosexuels célèbres* (“Mulheres de homossexuais célebres”), Paris, Ed. La Musardine, 2016.

Tennyson, Shelley, Paul Verlaine, Óscar Wilde, André Gide, Jean Genet, Jean Cocteau, Louis Aragon, Thomas Mann, Edward Fitzgerald, Tennessee Williams, Somerset Maugham, Viginia Wolff, Yukio Mishima. Eis também vários exemplos de escritores homossexuais portugueses, que foram casados: Fialho de Almeida, António Botto, Judite Teixeira, Jorge de Sena, Teixeira Gomes, Pedro Homem de Melo, Luis Miguel Nava, Al Berto, Gastão Cruz, Guilherme de Melo.

Ora, Fernando Pessoa nem sequer chegou a casar, e o seu relacionamento com Ofélia Queiroz durou pouco mais de um ano, relacionamento esse que, conforme se pode ler nas suas cartas, ele não queria que se dissesse que era namoro, pois não o considerava como tal. Portanto, o facto de Fernando Pessoa ter tido um relacionamento com Ofélia Queiroz, não é motivo para negar a homossexualidade em Fernando Pessoa. Existem motivos mais que suficientes (e com tanta coincidência), para se perceber a sua personalidade homossexual: o facto de, nos seus *Escritos autobiográficos*, Fernando Pessoa falar “naquele que me amava”, e não “naquela”; a sua aversão afetiva pelas mulheres (expressa em alguns textos); os autores por ele preferidos e admirados, e que eram homossexuais (Shakespeare, Walt Whitman, Óscar Wilde, Tennyson, Verlaine, Rimbaud, etc.); a sua paixão pela Grécia antiga (onde a homossexualidade era aceite); o seu relacionamento com Mário de Sá Carneiro, que também reprimiu a sua homossexualidade; os muitos poemas homoeróticos que Fernando Pessoa escreveu, e não apenas numa determinada fase, mas ao longo da sua vida; o facto de muitos dos seus textos terem como tema frequente a impossibilidade de concretizar o amor; a sua tendência para abordar várias vezes o tema da homossexualidade e do homoerotismo, e para analisar as coisas sob essa perspectiva, mesmo que o tema do texto seja outro (por exemplo na sua crítica literária sobre o drama *Octávio*, de Vitoriano Braga, uma peça de teatro que retrata a homossexualidade, que foi contestada quando foi levada à cena, mas que Fernando Pessoa elogiou); o elogio que Fernando Pessoa fez à primeira obra literária homoerótica que apareceu em Portugal, *O Barão de Lavos*, chamando-lhe uma “obra prima”, apesar do seu autor (Abel Botelho) ser hoje desconhecido, e não ter ficado para a História, ao contrário do que acontece com as obras primas; as metáforas homoeróticas que Fernando Pessoa empregava (*decadentismo*, *histerismo*, *vício*, *perversão*, etc.); a presença nos seus textos de figuras cultivadas pelo imaginário homoerótico (marinheiro, príncipe, cavaleiro, imperador, pastor, etc.); o facto das biografias imaginárias que Fernando Pessoa atribuiu aos seus personagens, serem quase todas de homens solteiros, afastados da convivência feminina, e alguns deles sugeridos como homossexuais; a busca em Fernando Pessoa de um *amigo íntimo*, ou *impossível amigo*, referida em alguns dos seus textos; a repreensão feita a Fernando

Pessoa pelo espírito de uma pessoa já falecida, nos *Textos mediúnicos*, dizendo-lhe para não ter sexo com homens; o interesse manifestado por Fernando Pessoa nesses *Textos mediúnicos*, de comunicar com os namorados de Óscar Wilde; o ativismo intelectual de Fernando Pessoa em defesa dos escritores homossexuais António Botto e Raul Leal, através dos vários textos elogiosos que sobre eles escreveu, da amizade que tinha por eles, e com quem convivia; os testemunhos sobre Fernando Pessoa, nomeadamente de Jorge de Sena, que cita António Botto, segundo o qual Fernando Pessoa olhava de uma certa maneira para os indivíduos jovens do sexo masculino;⁵⁴ uma carta de Raul Leal a João Gaspar Simões, que faz uma referência, de passagem, à homossexualidade em Fernando Pessoa,⁵⁵ etc.

A homossexualidade presente ao longo da obra de Fernando Pessoa, não pode ser dissociado da personalidade do seu autor, pois é importante para compreender melhor a sua obra, assim como a sua obra é importante para compreender melhor a sua personalidade. O próprio Fernando Pessoa defende isso, por exemplo quando afirma: “Não podemos separar na personalidade de Shakespeare a intuição dramática de, por exemplo, a inversão sexual” (texto: *A imoralidade das biografias*, incluído no presente livro, no capítulo sobre arte e literatura). No *Livro do Desassossego*, no fragmento 193, Fernando Pessoa também afirma: “Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo”. Por outro lado, com frequência Fernando Pessoa se apresentava a amigos, a camaradas de letras, e a Ofélia Queiroz, identificando-se como Álvaro de Campos (o seu heterónimo homossexual), identificando portanto a sua personalidade com essa figura heteronímica e literária.

Uma boa parte das personagens das obras de Fernando Pessoa são um retrato indireto do seu autor, do ponto de vista biográfico. Veja-se por exemplo o heterónimo Marcos Alves, cujo problema principal é a sexualidade, e a sua dificuldade em lidar com mulheres. “As afinidades de Marcos Alves com Pessoa são flagrantes: (...) um tio morreu tuberculoso, a avó paterna sofre de alienação mental e na progénie do bisavô era essa senhora o único filho que sobreviveu”. Se trocarmos “tio” por “pai”, percebemos que Pessoa não faz mais do que ficcionar a sua própria situação. A indicação “do lado materno nada pode haver de anormal” também se aplica a Pessoa”.⁵⁶ Em suma, é impossível não confundirmos, neste como em muitos outros casos, o homem com a obra, e a obra com o homem.

⁵⁴ Jorge de SENA, *Fernando Pessoa e C.ª Heterónima*, Lisboa, Ed. 70, 2000, p. 360.

⁵⁵ “Uma carta de Raul Leal a João Gaspar Simões”, in Arnaldo SARAIVA, *Os órfãos do Orpheu*, Porto, Ed. Eng. António de Almeida, 2015, p. 194.

⁵⁶ Jerónimo PIZARRO, *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*, Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007, p. 140.

A atitude de Fernando Pessoa em relação à homossexualidade e ao homoerotismo

A tradição filosófica apresentou ao longo da História diversas justificações para defender a tolerância em relação às diferenças de opinião, de crença, e de sentimentos, e para criticar as atitudes de intolerância: a ética da reciprocidade (“não faças ao outro o que não queres que te façam a ti”), o ceticismo (há que tolerar, pois ninguém é dono da Verdade), o relativismo cultural (cada país ou cultura tem os seus costumes, por isso devem ser tolerados e respeitados), a prudência (há que ultrapassar o incômodo sofrido nas suas convicções, porque é a melhor maneira de evitar conflitos, e de manter um mínimo de paz e estabilidade social), etc. Estas justificações foram defendidas principalmente em relação às diferenças e às hostilidades religiosas surgidas no século XVII, na sequência da Reforma Protestante, que opuseram católicos e protestantes. Daí decorreu também, sucessivamente, a consciencialização sobre a necessidade de tolerância para com as diferentes doutrinas, quer religiosas, quer políticas (por exemplo o chamado *radicalismo de direita* e *radicalismo de esquerda*), que alcançou o seu auge no século XX, mas que continua atual.

Fernando Pessoa, num dos seus textos, falou também da necessidade de tolerância como princípio de vida, recomendando-a não em relação a nenhuma matéria específica, mas no geral, podendo portanto incluir diversas matérias, e apresentando como justificação o ceticismo em relação à verdade, afirmando o seguinte:”1. Não tenhas opiniões firmes, nem creias demasiadamente no valor de tuas opiniões. 2. Sê tolerante, porque não tens a certeza de nada. 3. Não julgues ninguém, porque não vês os motivos, mas só os atos.”⁵⁷

No nosso tempo, a defesa da tolerância alargou explicitamente o seu campo de referência, e as matérias em relação às quais se fala hoje de tolerância, têm a ver não apenas com as divergências religiosas e políticas, mas também morais, isto é, com os costumes que se manifestam por exemplo nas novas formas de viver as relações familiares, no concubinato, no poli-amor, nas relações abertas, nas relações adúlteras, no nudismo, na sexualidade, etc. Porém, no que diz respeito à sexualidade, os novos desafios do que se designa como matéria de tolerância, têm a ver principalmente com a homossexualidade, no sentido identitário (do indivíduo homossexual), e com as práticas homossexuais mesmo que o indivíduo envolvido não seja

⁵⁷ *Pessoa por Conhecer – Textos para um Novo Mapa*, org. Teresa Rita Lopes, vol. II, Lisboa, Ed. Estampa, 1990, p. 73.

homossexual, e ainda com as diversas expressões literárias e artísticas a propósito da homossexualidade, nomeadamente o homoerotismo.

No século XIX a Ciência, nomeadamente a Medicina, começou a interessar-se pela então chamada “inversão sexual”, e desempenhou um papel importante na tolerância em relação à homossexualidade, considerando-a como um fenómeno simplesmente representando uma variedade orgânica, e biológica, suscetível de um eventual tratamento, mas todavia digna de tolerância.⁵⁸ Esta nova forma de abordagem teve os seus reflexos também em Portugal, com a publicação em 1898 do livro de Adelino Pereira da Silva, intitulado: *A inversão sexual: estudos médico sociais*, e do livro de Arlindo Camilo Monteiro, em 1922, intitulado: *Amor sáfico e amor socrático*. Ambos procuraram justificar a homossexualidade à luz da Medicina. As teorias clínicas sobre aquilo que então se consideravam como *degenerescência* foram alvo de abordagem também por Fernando Pessoa, nomeadamente nos seus escritos a propósito de Nordau, que comentou e criticou.⁵⁹ Na sua obra mais célebre, intitulada *Degeneração*, publicada em 1892, Nordau critica a chamada *arte degenerada*, associando-a a uma personalidade perturbada sob o ponto de vista mental, e defendendo que, na base da grande criação artística e literária estariam pessoas degeneradas mentalmente e moralmente, associando portanto o génio à loucura.

A anormalidade mental, a loucura, e a degenerescência, passaram a poder justificar, de certo modo, a tolerância em relação à chamada *poesia maldita*, ou *decadentista*, na qual se incluía o homoerotismo. Da associação entre genialidade e loucura, feita por Nordau, resultam duas posições: ou a literatura (enquanto *degenerescência*) é justificada pela perspectiva psiquiátrica, e como tal deve ser tolerada, ou a *degenerescência* (enquanto literatura) é justificada pela perspectiva estética, e como tal deve ser tolerada. A perspectiva estética era a posição defendida por Fernando Pessoa, como veremos, o qual chega mesmo a empregar a expressão “tolerância estética”. Pode ver-se também o texto *Degenerescência e literatura*, incluído no presente livro, em que Fernando Pessoa afirma: “A crítica psiquiátrica nunca deve esquecer que é crítica psiquiátrica e não estética”.

Na sequência das abordagens clínicas, é importante salientar também o contributo de Sigmund Freud. As posições de Freud sobre a sexualidade foram fundamentais para que a homossexualidade deixasse, pouco a pouco,

⁵⁸ Ver por exemplo Julien CHEVALIER, *Une maladie de la personnalité: l'inversion sexuelle* (“Uma doença da personalidade: a inversão sexual”), Lyon/Paris, Ed. Storck/Masson, 1897.

⁵⁹ *Escritos sobre génio e loucura*, edição crítica de Fernando Pessoa, vol. VII, Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006, tomo I e II.

de ser considerada uma doença, e promoverem um questionamento da moral sexual da sua época. Os seus principais trabalhos sobre a homossexualidade são: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *O caso Schreber* (1911), *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1911), e *Psicogénese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920). Destas obras, Fernando Pessoa tinha na sua biblioteca a seguinte: *Un souvenir d'enfance de Leonard de Vinci* (“Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci”), Paris, Ed. Gallimard, 1927. Sobre Freud pode ver-se uma carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões (incluída no capítulo *Correspondência*, do presente livro), em que por um lado Fernando Pessoa reconhece o contributo deste autor, e por outro lado o critica, devido às suas interpretações, que considera serem exageradas.

Graças ao contributo de autores como Freud, e ao ambiente social e cultural que se vivia então em alguns países da Europa, apareceram pela primeira vez, no tempo de Fernando Pessoa, algumas revistas literárias homoeróticas, nomeadamente em França e na Alemanha, muito vocacionadas para as questões estéticas, mas que incluíam também uma vocação de intervenção política. No primeiro número da revista literária homoerótica francesa, a revista *Akademos*, de Julho de 1909, apareceu um artigo intitulado *O preconceito contra os costumes*, onde já aparecem os argumentos que são defendidos hoje pelos homossexuais. Esse artigo termina com conclusões como: “A homossexualidade não tem a ver com criminologia, nem mesmo com patologia, mas com o direito do ser humano ao amor livre”.

O discurso clínico perdeu pouco a pouco a sua importância como justificação da tolerância em relação à homossexualidade e às suas expressões literárias e artísticas, nomeadamente o homoerotismo, e atualmente apresenta-se como justificação a liberdade de expressão, a Democracia, a neutralidade do Estado em relação às convicções e aos sentimentos dos indivíduos, e sobretudo os Direitos do Homem, dos quais emanam os chamados *direitos sexuais*. Devido ao facto de os indivíduos serem hoje reconhecidos como sujeitos de direitos, deixou mesmo de falar-se de tolerância, passou a criticar-se esta atitude, preferindo-se antes falar de Direitos do Homem, inclusivamente para a homossexualidade, dado que, se os indivíduos têm direitos, não têm que ser tolerados (pois a tolerância implica poder tolerar ou não tolerar), mas sim respeitados, devido ao facto de terem direitos.⁶⁰

Fernando Pessoa tinha também consciência daquilo a que hoje chamamos *direitos*, como se pode ver por exemplo no seguinte texto que escreveu:

⁶⁰ Sobre a homossexualidade como um direito humano, ver por exemplo a obra de Ana Cristina SANTOS, *A Lei do Desejo: Direitos Humanos e Minorias Sexuais em Portugal*, Porto, Ed. Afrontamento, 2005.

“Por *liberalismo* legitimamente se entende aquele critério das relações sociais pelo qual cada homem é considerado como livre para pensar o que quiser e para exprimir como quiser, ou pôr em ação como entender, com o único limite de que essa ação não tolha diretamente os iguais direitos dos outros à mesma liberdade”.⁶¹ Num outro texto, Fernando Pessoa afirma algo semelhante: “O liberalismo é a doutrina que mantém que o indivíduo tem o direito de pensar o que quiser, de exprimir o que pensa como quiser, e de pôr em prática o que pensa como quiser, desde que essa expressão ou essa prática não infrinja diretamente a igual liberdade de qualquer outro indivíduo”.⁶²

No entanto, Fernando Pessoa não empregou esta justificação para o seu posicionamento em relação à homossexualidade, até porque Fernando Pessoa era crítico em relação ao liberalismo.⁶³ Na sua atitude perante a homossexualidade Fernando Pessoa andou perto da defesa de um dos Direitos do Homem, um direito que hoje se defende e que é também invocado para as questões da sexualidade: o direito à privacidade. Fernando Pessoa falou muito da necessidade de se guardar e respeitar a privacidade (uma forma indireta de se referir à homossexualidade), mas não o fez sob o ponto de vista político-jurídico, mas psicológico. Nas suas reflexões pessoais tem várias passagens que revelam essa sua preocupação, como por exemplo no texto *Regra de vida*, em que estabelece propósitos de conduta para a sua vida, afirmando: “Faz o menor número de confidências possível. É melhor não fazeres nenhuma, mas se fizeres algumas, fá-las falsas ou imprecisas”.⁶⁴ Também nas suas reflexões pessoais, escreveu o texto *Regras morais*, afirmando: “Não confessar nunca o que intimamente se passa convosco. Quem confessa é um débil”.⁶⁵

Essa preocupação também existe na sua obra literária, de que damos aqui alguns exemplos. No seu conto *O Eremita da Serra Negra* (transcrito no presente livro), em alguns parágrafos antes de falar do “amor unissexual”, que é uma das designações tradicionais para a homossexualidade, Fernando Pessoa afirma: “Nunca fales de ti. Guarda ao teu ser o seu segredo. Se o abrires nunca o poderás fechar. Não é que alguém te compreenderá, é que te descompreenderá; porque ninguém compreende os outros. Sentir-te-ás

⁶¹ Fernando Pessoa, *Da República*, org. Joel Serrão, Lisboa, Ed. Ática, 1979, p. 118.

⁶² *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, org. Joel Serrão, Lisboa, Ed. Ática, 1980, p. 83.

⁶³ *Idem*, p. 59.

⁶⁴ “Reflexões pessoais”, *Prosa íntima e de autoconhecimento*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, p. 413.

⁶⁵ *Idem*, p. 455.

traído a ti mesmo, de uma traição desproveitosa”. No poema *À la manière de António Botto*, incluído no presente livro, afirma: “(...) Devemos ser misteriosos,/ Dizes-me sempre o que sentes.../ Ah, esconde-me qualquer coisa!.../ No amor deve haver segredo”. No poema *Conselhos*, também incluído no presente livro, afirma: “Cerca de grande muros quem te sonhas (...) onde és teu, e nunca o vê ninguém”. Noutro texto, afirma: “As cousas que se amam, os sentimentos que se afagam, guardam-se com a chave daquilo a que chamamos *pudor* no cofre do coração. A eloquência profana-os. A arte, revelando-os, torna-os pequenos e vis. O próprio olhar não os deve revelar”.⁶⁶ Também no *Livro do Desassossego*, no fragmento 61, afirma: “Benditos os que não confiam avida a ninguém”, e no fragmento 470, Fernando Pessoa afirma: “Falar é ter demasiada consideração pelos outros. Pela boca morrem o peixe e Óscar Wilde” (alusão à condenação de Óscar Wilde, por homossexualidade, devido à sua falta de discrição nessa matéria).

Todavia, o recurso à privacidade como solução é hoje criticado, pois segundo alguns autores, isso significa defender, indiretamente, que os indivíduos se encerrem num “armário”, nomeadamente os homossexuais.⁶⁷ O posicionamento de hoje em relação à homossexualidade, vinda de dentro da própria *comunidade homossexual*, passou a ser a necessidade de “sair do armário”, considerando-se que por vezes a privacidade não é tanto um direito, mas sim uma necessidade que indiretamente é imposta àqueles que a ela recorrem, e uma forma de se esconderem. Assim, mais do que privacidade (em que as pessoas tenham que recorrer à justificação do direito à privacidade para serem toleradas ou aceites), reivindica-se hoje o direito ao espaço público das diferenças sexuais, e mais do que tolerância, reivindica-se reconhecimento.⁶⁸ Graças a esta reivindicação, a homossexualidade e o próprio homoerotismo (enquanto expressão artística que, como todas as artes, precisa de ter público), pode efetivamente exprimir-se e apresentar-se publicamente, em que uma pessoa possa dizer publicamente que é homossexual,

⁶⁶ Pessoa por Conhecer – *Textos para um Novo Mapa*, org. Teresa Rita Lopes, vol. II, Lisboa, Ed. Estampa, 1990, p. 76.

⁶⁷ Ver por exemplo Eve Kosofsky SEDGWICK, *A Epistemologia do Armário*, Lisboa, Ed. Angelus Novus (s/d).

⁶⁸ Ver por exemplo: Michel SEYMOUR, *De la tolérance à la reconnaissance* (“Da tolerância ao reconhecimento”), Montréal, Ed. Boreal, 2008; Axel HONNET, *La lutte pour la reconnaissance*, (“A luta pelo reconhecimento”), Paris, Ed. Cerf, 2000; Charles TAYLOR, “La politique de la reconnaissance”, (“A política do reconhecimento”), em *Multiculturalisme, différence, et démocratie*, (“Multiculturalismo, diferença, e democracia”), Paris, Ed. Aubier, 1994; Daniel BORRILLO, *Homosexualité et Droit – de la tolérance à la reconnaissance juridique*, (“Homossexualidade e Direito – da tolerância ao reconhecimento jurídico”), Paris, Ed. PUF, 1998.

e por outro lado em que a arte e a literatura homoerótica tenham efetivamente liberdade de expressão.

Porém, os princípios a que obedece esta e outras reivindicações a propósito da homossexualidade, tais como a Democracia, os Direitos do Homem, e os princípios revolucionários, não se coadunavam com as concepções de Fernando Pessoa, que tal como Óscar Wilde, tinha uma concepção aristocrática, elitista, refinada, e idealizada, sobre a homossexualidade, que segundo Fernando Pessoa não era para todos, não era para a “plebe”, como ele diria, de acordo com os termos que empregava, mas para as classes altas (como na realidade assim acontecia, pois historicamente era nas classes mais altas que a homossexualidade era mais tolerada). Sobre essa atitude de Fernando Pessoa pode ver-se, por exemplo, no presente livro, o texto “Requinte”, no capítulo *Textos e fragmentos genéricos*), ou os textos em que Fernando Pessoa fala de Óscar Wilde, ou de António Botto, e ainda por exemplo o texto *As repugnâncias instintivas*, em que Fernando Pessoa afirma que “não há manifestação de progresso de civilização que não cause repugnância ou terror ao instinto conservador (por vezes justo, por vezes injusto) das populações incultas”. O grande público, nomeadamente as classes populares, tendem a levar a homossexualidade para a banalização e a grosseria. Fernando Pessoa considerava o grande público ignorante e inculto, e por isso incapaz de compreender o significado estético, idealizado e esclarecido sobre a homossexualidade. Ora, Fernando Pessoa associava a homossexualidade também à estética, e portanto fazia dela homoerotismo, ao afirmar:

“Se, porém, o artista se propõe escrever para o grande público, que não é de artistas, isto é, se o artista se propõe, por esse mesmo propósito, deixar de ser artista, então a sua obra cai sob outra alçada, e deixa para ela de existir a tolerância estética. A sua obra é já propaganda, e não arte, por arte que contenha. Ora, as condições sociais da propaganda são diversas das condições sociais da arte.

O verdadeiro artista não deve inserir elementos perturbadores em obras destinadas ao grande público, porque o grande público é uma criança, e escrever obscenidades para o grande público é a mesma coisa que escrevê-las para crianças, o que só um louco moral se proporá fazer”.⁶⁹

Neste texto está explícita a defesa da *tolerância estética*, uma expressão que o próprio Fernando Pessoa emprega, e que pode ser encarada de duas maneiras, comparáveis ao conceito de *tolerância filosófica*: pode significar tolerar ideias filosóficas polémicas, ou tolerar determinadas atitudes (morais, políticas, ou religiosas), tendo como base princípios filosóficos justificativos.

⁶⁹ *Apreciações Literárias de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013 (anexos 1, 2, e 3), p. 355.

Por seu turno, a tolerância estética pode significar tolerar a chamada *arte imoral*, ou tolerar algo que seja considerado imoral, como por exemplo a homossexualidade, baseado em princípios estéticos (*a vida como uma obra de arte* – tal como defendia Óscar Wilde).

A reação de Fernando Pessoa perante a incompreensão em relação ao amor entre dois indivíduos do mesmo sexo, é expressa de forma literária, na sua poesia há um certo apelo à resistência perante as críticas, como por exemplo no seu poema *Mignon*: “Deixa-os desprezar-me (...) Deixa-os falar (...) Deixa-os falar”, o que significa que há que seguir em frente, e não se deixar render perante o falatório crítico. O emprego de palavras tradicionalmente negativas em relação à homossexualidade, obtém um tratamento literário em Fernando Pessoa, que lhes dá um caráter estético, e portanto homoerótico: “decadência”, “degenerescência”, “inversão”, “perversão”, “vício”. Por exemplo, a palavra *vício* era aplicada pejorativamente, em relação aos homossexuais, como se pode verificar por exemplo numa obra sobre homossexualidade, *Le vice à Paris*, de autoria de Pierre Delcourt, publicada em 1888, em Paris, na Editora Alphonse Piaget. Fernando Pessoa faz homoerotismo, ao dar à palavra *vício* um tratamento literário, por exemplo no *Livro do outro amor*: “O ser o nosso amor, lá entre o mundo/ Um crime douraria de ócio e vício”; no poema *Ó dia pesado, que nasce assim a brilhar*: “Sonhos de estranho vício na terra do coração”; no poema *Sei que desprezarias não somente*: “Porque vício da mente hei-de eu vergonha/ Em te cantar?”; no *Soneto Positivo*: “Ó Safo, negra sub-rameira, ronha/ Do vício em q’rer achar-se subtileza; No conto: *Elogio do charlatão*: “Um (a) vício oculto”. Também a palavra *decadência* era utilizada de forma clínica e pejorativa para a homossexualidade, e Fernando Pessoa transforma-a, dando-lhe um tratamento estético, como sucedeu aliás na geração literária do seu tempo.⁷⁰

Sobre a decadência, afirma por exemplo: “Há períodos de ordem em que tudo é vil, e períodos de desordem em que tudo é alto. As decadências são férteis em virilidade mental; as épocas de força em fraqueza de espírito. Tudo se mistura e se cruza, não há verdade senão no supô-la”.⁷¹ Esta esteti-

⁷⁰ Cf. Romain COURAPIED, *Le traitement esthétique de l’homosexualité dans les oeuvres décadentes face au système médical et légal: accords et désaccords sur une éthique de la sexualité* (“O tratamento estético da homossexualidade nas obras decadentes face ao sistema médico e legal: acordos e desacordos sobre uma ética da sexualidade”). Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Rennes, França, em 2014, publicada na Internet. Ver também: Roger BAUER, *La belle décadence. Histoire d’un paradoxe littéraire* (“A bela decadência. História de um paradoxo literário”), Paris. Ed. Honoré Champion, 2012; Jean PIERROT, *L’imaginaire décadente* (“O imaginário decadente”), Paris, Ed. Presses Universitaires de France, 1977.

⁷¹ *Livro do Desassossego*, fragmento 274, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2011.

cização da decadência é uma forma nova de a encarar, decadência essa que no início do século XX, aplicada à homossexualidade, passou de classificação negativa a algo positivo e assumido. Por isso Fernando Pessoa afirma:

“No campo político é imoral ser imparcial; no campo estético é imoral ser parcial. A moral é condição da existência superior de qualquer atividade humana. A imoralidade provém em grande parte da mistura da moral de uma coisa com a moral de outra. É *absolutamente imoral* procurar ter opiniões fixas em matéria estética.

Isto parece decadente e é-o. A arte é uma doença. Mas é uma doença em relação à não-arte, como a não-arte é feia em relação à arte, e doença perante a saúde equivale a feio perante o belo.

A moral é a doutrina dos valores no campo da *atividade social*. Como na arte, *como arte*, não há atividade social, a sua doutrina de valores é, não moral, mas outra. (...) Por isso o esteta agudo é em geral invertido sexualmente”.⁷² Não existe imoralidade onde existe arte, logo o homoerotismo fica justificado. No entanto, Fernando Pessoa também se propunha defender a homossexualidade independentemente de justificações de ordem estética, como se pode ver no seu projeto de texto, *Proponho-me demonstrar que a homossexualidade não é imoral*. Tratava-se de uma obra que Fernando Pessoa pretendia escrever sobre a homossexualidade, conforme se pode ver nesse texto incluído no presente livro, onde Fernando Pessoa empregaria diversas justificações de caráter filosófico, para justificar a homossexualidade, mas que não chegou a desenvolver, como sucedeu com muitos outros projetos seus.

Segundo o heterónimo Álvaro de Campos, mesmo que não existam justificações estéticas para o homoerotismo, e passando então a arte a ser considerada “imoral”, mesmo assim também deveria ser tolerada e aceite. Na carta de Álvaro de Campos à revista *Contemporânea*, diferentemente do que sucede com os textos que escreveu sobre António Botto e Raul Leal, em que Fernando Pessoa apresenta a Filosofia esteticista como justificação da literatura destes autores, e que como tal deveria ser compreendida e aceite, Fernando Pessoa nessa carta, através de Álvaro de Campos, critica a justificação estética, defendendo que António Botto, mesmo que seja imoral, deve ser compreendido e aceite:

“(...) A beleza começou por ser uma explicação que a sexualidade deu a si-própria de preferências provavelmente de origem magnética. Tudo é um jogo de forças, e na obra da arte não temos que procurar “beleza” ou coisa que possa andar no gozo desse nome. Em toda a obra humana, ou não humana, procuramos só duas coisas, força e equilíbrio de força – energia e

⁷² *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2014, p. 379.

harmonia, se Você quiser. (...) Louvo nas *Canções* a força que lhes encontro. Essa força não vejo que tenha que ver com ideais nem com estéticas. Tem que ver com imoralidade. É a imoralidade absoluta, despida de dúvidas. Assim há direção absoluta – força portanto; e há harmonia em não admitir condições a essa imoralidade. O Botto tende com uma energia tenaz para todo o imoral; e tem a harmonia de não tender para mais coisa alguma”.⁷³

No entanto, conforme se conclui da generalidade dos seus textos, as justificações apresentadas por Fernando Pessoa em defesa do homoerotismo, giram em torno da necessidade da separação entre arte e moral, baseado no princípio de que à luz de justificações estéticas, não existe imoralidade, e por isso o próprio homoerotismo, enquanto arte, deve ser permitido. Este posicionamento de Fernando Pessoa vinha na sequência de outros autores, nomeadamente Walter Horatio Pater, e Óscar Wilde, representantes do decadentismo em Inglaterra, designado por *esteticismo*. Defendiam que a arte tem valor em si mesma, e como tal o artista deve preocupar-se apenas com as exigências estéticas, afastando-se de qualquer outro fim, seja moral, político, ideológico, religioso, etc. No âmbito desta teoria, conhecida como teoria da *arte pela arte*, também designada por *esteticismo*, as propriedades formais são valorizadas, em detrimento do conteúdo ou da mensagem que as obras transmitem. A arte existe para exaltação da beleza, e devia elevar-se acima de preocupações morais e de temas sociais. O homoerotismo é antes de tudo arte, e como tal deve ser justificado, conforme defendia Óscar Wilde, no prefácio da sua obra *O retrato de Dorian Gray*, ao afirmar que “nenhum artista tem simpatias éticas.”

A arte pela arte, e o amor pelo amor. Há uma analogia entre esta conceção de arte, que não deveria estar submetida às obrigações de uma transmissão de valores morais, e as relações amorosas, que também não deveriam estar submetidas às lógicas do casamento e da procriação. Esta conceção de arte é uma forma implícita de defender o homoerotismo, e influenciou Fernando Pessoa, que defendeu o homoerotismo, nomeadamente nos vários textos que escreveu sobre a obra de António Botto, e Raul Leal, justificando a sua “anormalidade” por princípios estéticos. Apresentar a “anormalidade artística” como justificação do homoerotismo, é uma forma indireta de justificação da própria “anormalidade sexual”, e portanto, defender o homoerotismo, através de justificações estéticas, acaba por ser indiretamente uma forma de defender também a própria homossexualidade.

⁷³ *Obra Completa de Álvaro de Campos*, Lisboa, ed. Tinta da China, 2014, pp. 544-545.

A crítica e o desprezo de Fernando em relação ao casamento

Nos tempos de hoje, em vários países, existe o casamento entre indivíduos do mesmo sexo, mas no tempo de Fernando Pessoa o casamento significava a ligação entre indivíduos de sexo diferente, e portanto a ligação a uma mulher. Ora, desde sempre Fernando Pessoa recusou o casamento, fez-lhe críticas e apreciações depreciativas, desprezando-o nos mais variados sentidos.

Ao longo da sua obra literária existem vários textos em que Fernando Pessoa revela o seu desinteresse pelo casamento, e não apenas pelo casamento, como também o seu desinteresse de constituir família e de ter filhos, e essa atitude acontece desde muito cedo no escritos de Fernando Pessoa. Aos dezoito anos de idade, numa passagem do seu diário de 1906, de 13 a 17 de Abril, Fernando Pessoa afirma: “planeei panfleto contra o casamento – a instituição toda, tanto civil como religiosa” (pode-se confirmar em *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2014, p. 37). Fernando Pessoa deixou dois esboços desse projeto (*On the institution of marriage* (“Contra a instituição do casamento”), fragmento 23/13 v., e *Dissertation against Marriage* (“Dissertação contra o Casamento”), fragmento 134 B/28 v. do seu espólio).

No ano seguinte, com dezanove anos de idade, através do seu heterónimo Alexander Search, Fernando Pessoa escreveu o poema *Na rua*, em que mostra também o seu desinteresse em ter um lar, mulher, e filhos, afirmando por exemplo: “Um lar, repouso, filhos e mulher – /Nenhuma destas coisas é pra quem/ Algo para além desta vida quer/Numa constante luta no seu ser/ sabendo já que vitória não tem./ Ai de mim! E saber que ninguém entende/ este desejo que tudo transcende/.⁷⁴ Em vários poemas Fernando Pessoa recusa ter um lar e contrair família, como por exemplo quando afirma: “No lar que nunca terei/ ‘Stá a paz de todo o mundo./ Ali o carinho é rei,/ O amor é bom e profundo/ Sem que seja (...)”⁷⁵ / Eu só o encontrarei/ No lar que nunca terei”.⁷⁶

Ao longo da sua obra há recusas mais fortes, e algumas delas aparecem associadas à sua crítica e ao seu desinteresse pelas mulheres, conforme se pode confirmar nos seus textos sobre as mulheres, que incluímos no presente livro (ver o capítulo *Textos sobre as mulheres*). Essas críticas às mulheres falam também sobre homossexualidade, textos esses em que Fernando

⁷⁴ *Poesia Inglesa*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2007, p. 99.

⁷⁵ Espaço deixado em branco pelo autor.

⁷⁶ *Poesia 1918-1930*, o. c., p. 280.

Pessoa defende a homossexualidade nos homens, aos quais reconhece o direito de buscar o prazer sexual, mas critica-a nas mulheres. Para Fernando Pessoa, as mulheres devem ter como objetivo não dispersarem-se na busca do prazer sexual, mas sim concentrarem-se na sua missão de mulheres, ficando em casa a cuidar dos filhos. Segundo Fernando Pessoa, conforme ele afirma num texto incluído no presente livro, o texto *Porque é que as mulheres se detestam tanto umas às outras*, “o que não existe na mulher normal é o que existe no homem normal – a divisão de interesses, a dispersão de interesses por várias coisas que têm, é verdade, um centro comum, mas esse não é a mulher, como seria de esperar se as atividades mentais dos dois sexos fossem correlativas – não é a mulher mas o próprio homem, ele próprio, através do prazer que dá a si próprio ou da busca do meio (como o dinheiro ou a posição social) que lhe pode dar esse prazer”, pelo que a ligação a uma mulher, através do casamento, tem um objetivo social, e não sexual.

Os textos em que Fernando Pessoa mais associa à homossexualidade o seu desprezo pelas mulheres e pelo casamento são os *Textos mediúnicos*, em que o espírito (ou uma personagem, conforme a interpretação desses textos), critica Fernando Pessoa e repreendendo-o por ele não se casar, e procura encontrar-lhe uma rapariga. Essa crítica a Fernando Pessoa (uma crítica a si próprio, através de uma personagem que ele encarna, isto é, um “espírito”), é feita devido a razões sexuais, pois o tema desses textos, e que incluímos no presente livro, gira em torno da sexualidade, em que o espírito critica Fernando Pessoa, dizendo-lhe mesmo para não ter sexo com homens. Os *textos mediúnicos*, além de criticarem o desinteresse de Fernando Pessoa pelo casamento, são casamenteiros, isto é, revelam uma preocupação do espírito que fala com Fernando Pessoa, em encontrar uma mulher para ele se relacionar e casar, conforme se pode confirmar no capítulo *Textos mediúnicos* inserido no presente livro. Uma das mais ferozes críticas desses textos dirigidas a Fernando Pessoa (ou, melhor dizendo, de Fernando Pessoa a si próprio, autocensurando-se), devido ao facto de não ter mulheres nem se casar, é explícito, e está carregado de exclamações: “Masturbador! Masoquista! Homem sem virilidade! (...) Homem sem pénis de homem! Homem com clitóris em vez de pénis! Homem com moralidade de mulher em relação ao casamento. Verme! Besta! Verme brilhante”.

Existem mais textos em que Fernando Pessoa revela o seu desprezo pelo casamento. Até mesmo no seu extenso poema *Epitalâmio* (um cântico tradicional sobre as núpcias), não existe o louvor do casamento, não há nenhuma admiração pelo casal comprometido, e nenhum preceito moralizador. Pelo contrário, o que encontramos nesse poema sobre as núpcias entre um homem e uma mulher, é a sexualidade. A instituição do matrimónio, nesse longo poema, não se apresenta como um sacramento sagrado, mas sim

como uma falsidade. O objetivo do poema *Epitalâmio* é mostrar a hipocrisia social do casamento, hipocrisia essa que se revela na diferença entre os valores defendidos publicamente, e as atitudes privadas, que pouco têm que ver com a castidade. Nesse poema de Fernando Pessoa a noiva não é propriedade exclusiva do seu esposo, e a sua desfloração converte-se num ato público através da fantasia coletiva. O amor do casamento é considerado uma falsidade, e portanto acentua-se nesse poema a condição natural dos instintos sexuais, contraposta à condição social e artificial do casamento.

Existe também em alguns contos de Fernando Pessoa a crítica ao casamento e à família, como por exemplo no seu conto *Manuel Fontoura*, que é uma crítica à relação entre marido e mulher, conto esse que conclui afirmando que a família é defendida “para a ordem social, por duas grandes virtudes sociais que a Humanidade em geral possui: a ausência de imaginação, e o medo da polícia verbal”.⁷⁷ Existe também uma entrevista concedida pelo heterónimo Álvaro de Campos, em que este defende que se deve “desintegrar a família no seu sentimento tradicional” (Pode-se confirmar em *Páginas Íntimas e de autointerpretação*, pp. 415 e seguintes). A crítica ao casamento foi também feita num texto de 1905 (BNP/E3, 15-19 – inédito), em que Fernando Pessoa defende o amor livre. Existe também um fragmento do seu espólio, em que Fernando Pessoa afirma: “O casamento é uma instituição social e não sexual” (publicado em *Escritos sobre génio e loucura*, tomo II, p. 643). Portanto, trata-se de uma crítica que tem a ver com a sexualidade. A crítica ao casamento considerando-o como uma mera instituição social e não natural, está também presente no conto de Fernando Pessoa *O banqueiro anarquista*, quando o narrador se descreve a si próprio dizendo-se ser: “quem não crê na vida eterna, quem não admite lei senão a Natureza, quem se opõe ao Estado porque ele não é natural, ao casamento porque ele não é natural, ao dinheiro porque ele não é natural, a todas as ficções sociais porque elas não são naturais”.⁷⁸

Num outro texto de ficção, um texto do heterónimo Barão de Teive, também este critica o casamento, dizendo sobre si próprio o seguinte: “Tive um dia a ocasião de casar, porventura de ser feliz, com uma rapariga muito simples, mas entre mim e ela ergueram-se-me na indecisão da alma catorze gerações de barões, a visão da vila sorridente do meu casamento, o sarcasmo dos amigos nunca íntimos, um vasto desconforto feito de mesquinhez, mas de tantas mesquinhez que me pesava como a comissão de um crime”.⁷⁹

⁷⁷ *A estrada do esquecimento e outros contos*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2015, p. 112

⁷⁸ *O banqueiro anarquista*, Lisboa, Ed. Antígona, 2010, p. 14.

⁷⁹ *Ficção e Teatro*, Mem Martins, Ed. Europa-América, 1986, p. 47.

O poema *Lisbon revisited*, do heterónimo homossexual Álvaro de Campos, é também um dos exemplos em que Fernando Pessoa critica e despreza o casamento, afirmando por exemplo: Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? / Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa? / Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade. / Assim, como sou, tenham paciência! / Vão para o diabo sem mim, / Ou deixem-me ir sozinho para o diabo! / Para que havemos de ir juntos?⁸⁰

Isto parece ser também uma crítica a Ofélia Queiroz, que o mesmo Álvaro de Campos ridiculariza num dos seus textos inseridos no presente livro (*Álvaro de Campos critica Ofélia Queiroz*), e contra a qual Álvaro de Campos se insurgia algumas vezes (pois ela insistia com Fernando Pessoa para ele se casar com ela), levando Ofélia de Queiroz, numa das suas cartas, a manifestar o seu desgosto em relação a Álvaro de Campos, que se intrometia naquilo que ela queria que fosse uma namoro, e um futuro casamento. Numa carta a Ofélia Queiroz, em que termina o seu relacionamento com ela, recusando as suas pretensões casamenteiras, Fernando Pessoa diz-lhe:

“Resta saber se o casamento, o lar, (ou o que lhe queiram chamar), são coisas que se coadunam com o meu pensamento. Duvido. (...) É preciso que todos os que lidam comigo se convençam de que sou assim, e que exigir-me os sentimentos (...) de um homem vulgar e banal, é como exigir-me que tenha os olhos azuis e cabelo louro. E estar a tratar-me como se eu fosse outra pessoa não é a melhor maneira de manter a minha afeição”.⁸¹ Esta crítica em relação ao casamento será compreendida melhor no capítulo seguinte, em que falamos da aversão de Fernando Pessoa em relação à mulheres (aversão do ponto de vista afetivo).

A aversão de Fernando Pessoa em relação às mulheres

A palavra “aversão” não é nossa, mas sim do próprio Fernando Pessoa, empregue por ele nos seus *Textos mediúnicos*, através de um espírito que com ele fala, ou seja, de Fernando Pessoa falando consigo mesmo, e sobre si mesmo, através de uma outra personagem (exceto para os que acreditem em comunicações com “almas do outro mundo”, e portanto que acreditem que era mesmo o espírito de um morto falando com Fernando Pessoa). Mas mesmo que essa “alma do outro mundo” existisse, isso reforçaria a ideia da aversão de Fernando Pessoa pelas mulheres, pois não seria ele próprio a

⁸⁰ *Obra Completa de Álvaro de Campos*, Lisboa, Ed. Tinta da China, 2014, pp. 175-176.

⁸¹ *Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz*, ed. Richard Zenith, Rio de Janeiro, Ed. Capivara, 2015, p. 445 (carta de 29 de Setembro de 1929).

dizer-nos isso sobre si, mas sim um ser do “além”, um ser que agora vive no outro mundo, que tem uma identidade sobrenatural, e que tudo vê, e tudo sabe. Porém o que importa aqui salientar é a palavra *aversão*. Esse “espírito”, numa dessas comunicações, ao falar com Fernando Pessoa diz-lhe exatamente o seguinte: “um homem informará outro da tua aversão pelas mulheres”.

A aversão pelas mulheres não é necessariamente sinónimo de homossexualidade, mas no caso de Fernando Pessoa sim, conforme se pode verificar, como já referimos, nos seus *Textos mediúnicos*, que se podem ler no presente livro, em que por um lado se fala de aversão pelas mulheres, e por outro lado se fala de homossexualidade. A forma de sentir e de viver a homossexualidade masculina é, em relação às mulheres, a atitude de desinteresse sob o ponto de vista afetivo e sexual, e em alguns casos significa não ver nelas mais do que uma função biológica, como se pode constatar em algumas das afirmações de Fernando Pessoa sobre as mulheres, como por exemplo quando um dos seus heterónimos (António Mora) diz que a mulher é “necessária à Humanidade para o facto essencial mas biológico *apenas* da sua continuação” (sublinhamos a palavra: *apenas*). O heterónimo Bernardo Soares diz também que a mulher é “o sexo sujo”, o que implica que há um sexo que não é sujo (o dos homens). Como se poderá verificar ao longo do presente livro, existem mais afirmações em que Fernando Pessoa exprime o seu desinteresse pelas mulheres do ponto de vista afetivo, e isso tanto se encontra nos seus textos autobiográficos, como nos poemas e textos em prosa. Nos textos autobiográficos, no seu diário de 27 de Fevereiro de 1914, queixa-se do desconforto que lhe causava uma presença feminina, e é mais explícito nas passagens do seu diário de 1915, em que foi a um hotel em Lisboa, encontrar-se com a sua tia Lisbela, e por acaso encontrou lá uma rapariga que gostou dele (“pareceu gostar de mim. Senti que lhe era agradável”), situação essa que o deixou inquieto e sem saber o que fazer. Segundo conta, acabou por procurar ser agradável, fazendo-lhe “olhinhos”, representando portanto o papel de homem, mas conforme Fernando Pessoa refere no mesmo diário, o encontro com essa rapariga causou-lhe uma “agitação angustiante”, e uma “depressão muito forte”.

A homossexualidade masculina está associada não apenas ao desinteresse pelas mulheres sob o ponto de vista afetivo, mas também, por vezes, à aversão por elas (aversão essa que se designa pela palavra *misoginia*), e por outro lado a aversão pelas mulheres está também associada, frequentemente, à homossexualidade. Para Fernando Pessoa a mulher, a ser por ele aceite, tem que ser uma mulher de uma forma diferente, e sendo mulher, pode-o interessar mas não pelo sexo. Fernando Pessoa idealiza a mulher assexuada, e não a mulher com quem pudesse ter sexo, por isso afirma no *Livro do*

Desassossego, em “Nossa Senhora do Silêncio”: “O meu horror às mulheres reais que têm sexo é a estrada por onde eu fui ao teu encontro”. Repare-se na palavra empregue por Fernando Pessoa: *horror*. Segundo Freud, uma das características do homossexual é o *horror* da mulher como parceira sexual. Freud explicita essa horror ao sexo feminino, existente no homossexual, da seguinte maneira: “A mulher real, tal como será conhecida mais tarde, permanece para ele impossível como objeto sexual, pois lhe falta o excitante sexual essencial e, até mesmo, em relação com outra impressão da infância, pode tornar-se para ele objeto de aversão. (...) Quando mais tarde as partes genitais da mulher são percebidas e concebidas como inúteis, evocam essa ameaça (de castração) e, por esta razão, provocam no homossexual *horror* em lugar de prazer.”⁸² Além de Freud, mais autores têm sublinhado a relação que existe entre a aversão pelas mulheres e a homossexualidade.⁸³

O decadentismo *fin de siècle*, muito ligado à homossexualidade, defendia a possibilidade do indivíduo ter também as características consideradas do outro sexo, mas defendia-o apenas para os indivíduos do sexo masculino, significando isso que ter uma personalidade feminina era algo bem vindo para uma pessoa do sexo masculino, mas não a personalidade masculina para indivíduos do sexo feminino, ou seja, só os homens tinham direito à androginia, ou à transsexualidade, o que implicava portanto a discriminação das mulheres e a misoginia. No *decadentismo*, corrente estética muito associada também às questões da identidade de género, a união masculino/feminino, em que o mesmo indivíduo reúne em si próprio estas duas características, como era o caso dos *dandys*, era aceite para os homens, mas não para as mulheres.⁸⁴ Fernando Pessoa é um exemplo significativo desta atitude, pois aceita a feminização nos homens, mas critica a masculinização nas mulheres. As mulheres não podem ser nem transsexuais, nem masculinas, e muito menos homossexuais. Sobre esta matéria pode ver-se os textos de Fernando Pessoa sobre as mulheres, incluídos no presente livro, ou poemas seus (do ortónimo), como por exemplo o poema dedicado a Safo, em que Fernando Pessoa critica o lesbianismo.

⁸² Sigmund FREUD, *La vie sexuelle* (“A vida sexual”), tradução do alemão por Anne Berman, 3.^a edição, Paris, Ed. PUF, p. 20.

⁸³ Ver por exemplo o desenvolvido estudo (com muitos casos exemplificativos), de autoria de Philippe ARIÑO, “Destruction des femmes – Mysogynie homosexuelle” (Destrução das mulheres – Misoginia homossexual), no seu *Dictionnaire des codes homosexuels* (Dicionários dos códigos homossexuais), Paris, Ed. L’Harmattan, 2008.

⁸⁴ Para mais pormenores, ver o estudo sobre este tema, de autoria de Frédéric MONNEYRON, *De l’androgynie au misogynie: l’infernale dialectique des decadentes*, Paris, *Les Cahiers du GRIF*, “Misogynies”, n.º 47, 1993, pp. 75-86.

A aversão pelas mulheres é algo que existe em alguns escritores homossexuais famosos, como por exemplo Hans Christian Andersen, Óscar Wilde, Henry de Montherland, Yukio Mishima, André Gide, Jean Cocteau, Somerset Maugham, Julien Green, etc. Um dos casos mais significativos, por se tratar de um dos autores que Fernando Pessoa mais admirava, é o de Óscar Wilde, que por exemplo no seu livro *Uma mulher sem importância* tem várias passagens em que exprime o seu desprezo pelas mulheres, assim como no *Retrato de Dorian Gray*. Por outro lado, também algumas das personagens dos romances destes escritores homossexuais, têm conteúdos misóginos, como sucede por exemplo no romance de Yukio Mishima, *Cores Proibidas*, que tem como personagem principal Shunsuke, que era um escritor homossexual misógino.⁸⁵

Estes escritores homossexuais misóginos são o exemplo daquilo que acontece com alguns homossexuais, que do ponto de vista psicológico e afetivo antipatizam com as mulheres, pois estas significariam para eles um *martírio*, as mulheres levá-los-iam a representar perante elas e a sociedade um papel, provocando por isso, em alguns casos, uma aversão e uma revolta interior, que constitui um mecanismo instintivo de resistência. Esta aversão pelas mulheres tem consigo uma angústia pela diferença dos sexos, e o facto do indivíduo implicado não saber comportar-se perante essa diferença. A aversão pelas mulheres é uma atitude que existe em alguns homossexuais, nuns mais e noutros menos, e com diversos significados: a repulsa pelo corpo feminino; o facto de sentirem no corpo feminino o oposto e a negação daquilo de que eles gostam e que desejam; o facto das mulheres lhes “roubarem” os homens, sendo portanto encaradas como uma espécie de rivais; o facto da presença física da mulher “obrigar” os homossexuais a terem perante elas um comportamento e um desempenho que não são capazes de ter, e portanto não conseguirem corresponder à expectativa das mulheres em relação a eles, como por exemplo quando Fernando Pessoa diz no *Livro do Desassossego*: “Sou daquelas almas que as mulheres dizem que amam, e não reconhecem quando as encontram”.

Fernando Pessoa também era misógino, conforme se pode verificar em alguns dos seus textos, incluídos no presente livro, e através de alguns estudos importantes sobre isso também publicados.⁸⁶ Em Fernando Pessoa

⁸⁵ Sobre a relação entre misoginia e homossexualidade em poetas e escritores, ver por exemplo o seguinte estudo: James S. CAMPBELL, “For You May Touch Them Not”: *Misogyny, Homosexuality, and the Ethics of Passivity in First World War Poetry*, Baltimore, Maryland, Ed. The Johns Hopkins University Press, *ELH*, vol. 64, N.º 3, 1997, pp. 823-842.

⁸⁶ Sobre isso, veja-se por exemplo o livro de José BARRETO, *Misoginia e antifeminismo em Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Ática, 2011.

a misoginia também está relacionada com a sua homossexualidade, nomeadamente com uma certa forma de encarar a homossexualidade, conforme se pode constatar por exemplo numa carta de Raul Leal a João Gaspar Simões. Raul Leal, depois de, entre outras coisas, se ter referido, de passagem, à homossexualidade em Fernando Pessoa, diz o seguinte: “(...) a teoria de que acabo de dar uma breve indicação, é minha e não de outros homossexuais superiores, mas todos eles sentem a inferioridade ingénita – que Platão já reconhecia – do sexo feminino”.⁸⁷

A misoginia em Fernando Pessoa existe em alguns dos seus textos associada à homossexualidade, como se pode ver por exemplo nos seus *Textos mediúnicos*, em que um espírito (a alma de uma pessoa falecida) por um lado critica Fernando Pessoa devido à sua aversão pelas mulheres, e em que lhe chama mesmo misógino,⁸⁸ e por outro lado repreende-o, dizendo-lhe para não ter sexo com homens. Além da admiração e do amor de Fernando Pessoa pelo sexo masculino, conforme se pode ver nos muitos poemas reunidos neste livro, o seu desprezo pelo sexo feminino também está expresso claramente em alguns desses poemas, como por exemplo o poema *Amem outros a graça feminina*, o poema *Oração (Súplica) aos novos deuses*, o poema *Conselhos*, etc.

A mulher aparece com frequência como alguém com quem antipatiza, que lhe merece crítica, também na sua obra em prosa, como em *Quaresma Decifrador* onde diz que “as mulheres detestam os homens absolutamente fortes, os homens que elas sentem que as podem dispensar sentimentalmente”. Para um outros dos seus heterónimos, Thomas Crosse, “a abusiva libertação do espírito naturalmente servo da mulher e do plebeu dá sempre resultados desastrosos para a moral e para a ordem social”. Segundo um outro heterónimo, António Mora, “as três classes mais profundamente viciadas na sua missão social, pelo influxo das ideias modernas, são as mulheres, o povo, e os políticos. A mulher, na nossa época, supõe-se com direito a ter uma personalidade, o que pode parecer *justo e lógico*, e outras coisas parecidas; mas que infelizmente foi de outro modo disposto pela Natureza”. Pode-se ver mais frases destas no capítulo *Sobre as mulheres*, do presente livro.

Também “nas biografias imaginárias que Pessoa atribui aos seus personagens, o elemento feminino rareia ou está ausente. Desde Alberto Caeiro, que teria vivido no campo com uma tia velha (embora tenha amado uma

⁸⁷ “Uma carta de Raul Leal a João Gaspar Simões”, in Arnaldo SARAIVA, *Os órfãos do Orpheu*, Porto, Ed. Eng. António de Almeida, 2015, p. 194.

⁸⁸ *Escritos autobiográficos, automáticos, e de reflexão pessoal*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2003, p.225.

mulher anónima que, segundo Campos, “teve o descaramento de ser amada por ele”), até Vicente Guedes, e Bernardo Soares, passando por Alexander Search, Álvaro de Campos, António Mora, Ricardo Reis, o Barão de Teive, e outros, deparamo-nos sempre com homens solteiros (o heterónimo francófono Jean Seul exhibe essa condição até no nome), sempre arredios da convivência feminina, alguns deles sugeridos como homossexuais, até mesmo quando escreviam *Odes* pagãs a uma *Lydia* ou *Chloe*.⁸⁹ nomes estes que, conforme Álvaro de Campos afirma, são disfarces dirigidos a indivíduos do sexo masculino (confirmar nos textos em prosa de Álvaro de Campos, incluídos no presente livro).

Ter uma aversão sexual pelas mulheres, e criticá-las de forma direta ou indireta, e até mesmo quando se buscam outras justificações sem serem as afetivas, é algo que está ligado à homossexualidade em Fernando Pessoa, conforme se pode verificar também nos textos extraídos do *Livro do Desassossego*, onde Fernando Pessoa afirma explicitamente que a mulher é o “sexo sujo” (são palavras dele), e onde existem textos relacionados com a homossexualidade, e por outro lado onde existem textos a recusar a mulher do ponto de vista afetivo, conforme se pode constatar nos textos reunidos no presente livro. Isso acontece não apenas no *Livro do Desassossego*, mas também na poesia de Fernando Pessoa, conforme já referimos, como por exemplo no pequeno poema *Conselhos*, em que Fernando Pessoa rejeita as mulheres, afirmando: “Sê generoso e puro./Não é cantando seios de donzelas/ Que se é o futuro.” Conforme se poderá verificar no presente livro, a rejeição das mulheres encontra-se ao longo da vasta obra de Fernando Pessoa: na poesia, nos diários, nos textos em prosa sobre as mulheres, nos textos sobre arte e literatura, nos textos e fragmentos genéricos, nos textos mediúnicos, no *Livro do Desassossego*, e surge junto com textos em que Fernando Pessoa exalta a beleza masculina e exprime sentimentos homossexuais. Se já por si a rejeição da mulher leva a pensar na homossexualidade, o facto de existirem muitos textos em Fernando Pessoa que exprimem sentimentos homossexuais, contribui também para se compreender melhor essa rejeição.

Por conseguinte, a rejeição das mulheres, e mais do que rejeição, aversão, conforme se pode ver em alguns textos de Fernando Pessoa, de que citámos acima alguns exemplos, é uma das características da homossexualidade em Fernando Pessoa (o que não significa que todos os homossexuais tenham aversão pelas mulheres), por isso incluímos também esses textos no presente livro. Assim como não existe apenas um tipo de sexualidade mas vários

⁸⁹ José Barreto, *Misoginia e antifeminismo em Fernando Pessoa, organização de José Barreto, Lisboa, Ed. Ática, 2013*, p. 33.

tipos de sexualidade, também não existe apenas um tipo de homossexualidade, mas vários tipos de homossexualidade. Em Fernando Pessoa existe misoginia, assim como outras formas de sentir e de viver a homossexualidade, nele existe homossexualidade de todas as maneiras, conforme se pode verificar neste livro. Uma das diversas maneiras de sentir e de viver a homossexualidade está ligada ao problema da identidade de género, de que falaremos no capítulo seguinte.

O problema da identidade de género na obra de Fernando Pessoa e a sua relação com a homossexualidade

A homossexualidade na obra de Fernando Pessoa encontra-se expressa de várias maneiras: a paixão; o amor romântico; o enamoramento; o amor platónico; o amor físico; o sexo ocasional; a exaltação da beleza masculina; a paixão por indivíduos mais jovens; a paixão por indivíduos mais velhos; a exaltação de figuras representativas da masculinidade (o marinheiro, o cavaleiro, o guerreiro, os piratas, o príncipe, etc.); a grande admiração de Fernando Pessoa por escritores homossexuais famosos (Shakespeare, Walt Whitman, Verlaine, Rimbaud, Óscar Wilde, etc.); a sua grande admiração pela Grécia antiga, onde a homossexualidade era aceite; a exaltação de figuras homoeróticas da mitologia grega (Ganimedes, Apolo, Ádónis, Pã, etc.); a defesa da literatura homoerótica e dos autores que no seu tempo sofreram perseguição devido a essa literatura (António Botto, e Raul Leal); o emprego simbólico e estético de determinada linguagem erótica (*masturbação, orgia*, etc.); o emprego de determinadas metáforas para falar de homossexualidade (*às avessas, histerismo, narcisismo*, etc.); o emprego de determinadas metáforas literárias que tradicionalmente têm a ver com homossexualidade (*decadentismo, degenerescência*, etc.); os papéis de homossexual ativo e passivo; os fetiches de sadomasoquismo; a androginia; a feminização do masculino; o problema da identidade de género; etc. Algumas destas formas de viver e sentir a homossexualidade estão mais presentes do que outras, algumas são explícitas, enquanto outras estão disfarçadas com eufemismos e metáforas, como por exemplo quando Fernando Pessoa emprega a expressão *temperamento feminino*. Não cabe aqui, neste curto espaço de tempo, fazer a lista de todos os textos onde cada uma delas existe, citá-las, e analisá-las, mas o leitor atento poderá ir encontrando essas diferentes formas de sentir e viver a homossexualidade.

Destacamos aqui uma delas: a da identidade de género (a dualidade masculino-feminino), nomeadamente a feminização do masculino, devido ao facto da mesma, por vezes, estar ligada à homossexualidade, e do próprio

Fernando Pessoa também fazer essa ligação. Existe a tendência para ligar frequentemente as pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) ao problema da identidade de gênero, ligação essa que é feita tanto a nível do senso comum, como a nível oficial, como se pode ver por exemplo na designação de um documento da *Organização das Nações Unidas* (ONU): a *Declaração sobre os direitos LGBT e a identidade de gênero*. O problema da identidade de gênero, da sua dualidade, da sua multiplicidade, e da sua ambiguidade, ultrapassando portanto as rígidas barreiras entre os gêneros, tem muito a ver com a junção do masculino e do feminino, isto é, com a feminilidade de um indivíduo do gênero masculino e a masculinidade de um indivíduo do gênero feminino. No tempo de Fernando Pessoa, e ainda hoje, a presença da feminilidade num indivíduo do gênero masculino, e a presença da masculinidade num indivíduo do gênero feminino, eram conotadas com a homossexualidade, e por seu turno a homossexualidade também era conotada com a feminilidade num indivíduo do gênero masculino, e a masculinidade num indivíduo do gênero feminino, embora se trate de um estereótipo, que não corresponda à realidade, pois por um lado a grande parte dos homossexuais masculinos não são efeminados, e muitos são até mais masculinos que muitos heterossexuais, e por outro lado há homens efeminados, e mulheres masculinizadas, que não são homossexuais.

Apesar de tudo, o estereótipo em que se associa a homossexualidade masculina à feminilidade, é um estereótipo muito antigo. Por exemplo, quando o historiador Suetónio escreveu que “César era o homem de todas as mulheres, e a mulher de todas as mulheres”, aplicou a palavra “mulher” para se referir ao comportamento homossexual desse imperador romano, mas como é sabido, César era um homem masculino fisicamente, e nada tinha de efeminado. A ideia de associar a feminilidade à homossexualidade masculina não provém apenas da opinião pública, mas de alguns homossexuais, que acabam por encarnar esse ideia, como por exemplo Mário de Sá Carneiro, quando no seu poema *Feminina* diz o seguinte: “Eu queria ser mulher para ter muitos amantes /E enganá-los a todos – mesmo ao predileto” (apesar de poder ser homem na mesma, para ter muitos amantes), a não ser como estratégia para os enganar, como se diz nestes versos, fazendo-lhes sentir que era uma mulher, no caso deles gostarem apenas de mulheres.

O estereótipo em que se associa a feminilidade aos homossexuais masculinos existe também nos autores que no século XIX se começaram a interessar pela homossexualidade, do ponto de vista do seu estudo académico. Karl Heinrich Ulrichs descreveu assim a homossexualidade: “uma alma feminina num corpo de um homem, que expressa paixão apenas por homens viris”. A designação da homossexualidade como *inversão sexual* apontava também nesse sentido, pois 1897, Havelock Ellis empregou pela primeira

vez essa designação para referir-se à chamada alma ou sensibilidade feminina dos homens ditos “invertidos”. O próprio Fernando Pessoa fez também a ligação entre uma coisa e outra, quando num dos seus textos autobiográficos afirma: “Sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. A minha sensibilidade e os movimentos que dela procedem são de mulher. (...) É uma inversão sexual fruste”.⁹⁰

As leituras realizadas por Fernando Pessoa revelam também a sua tendência para a ligação entre homossexualidade masculina e feminilidade. As anotações das leituras de Fernando Pessoa, feitas por ele nos seus livros, revelam aquilo para o qual pretende chamar a atenção, e pelo qual mostra particular interesse, ao sublinhar e anotar determinadas passagens que pretende destacar. Um exemplo em como Fernando Pessoa põe em relevo à ligação entre homossexualidade masculina e feminização, encontra-se nos sublinhados e nas suas anotações a uma obra que Fernando Pessoa tinha na sua biblioteca, de autoria W.C. Rivers: *Walt Whitman's anomaly* (“A anomalia de Walt Whitman”), nomeadamente o capítulo *Whitman's femininity* (“A feminilidade de Whitman”), capítulo esse cujas frases mais significativas Fernando Pessoa sublinhou com a sua caneta, e ao lado das quais escreveu por vezes as letras: *N*, ou *N.B.* (“Note-se”, ou “Note Bem”).⁹¹

Há também textos escritos pelo próprio Fernando Pessoa onde existe a homossexualidade masculina associada ao problema da identidade de género, nomeadamente a indefinição desta, ou a sua dualidade, assim como a feminilidade associada à homossexualidade masculina, e esta associada àquela, ou textos nos quais se pode fazer essa associação. Vejamos alguns breves exemplos dessa atitude em Fernando Pessoa, apresentando na sequência dos exemplos que se seguem, primeiro o nome do texto respetivo, e depois uma pequena citação escolhida, pois cada texto tem, por vezes, mais frases em que Fernando Pessoa faz a associação entre a homossexualidade masculina e a feminilidade.

Na poesia temos, no poema *Antínoo*: “Ó corpo viril de feminino ar”. No poema *O outro amor*: “Todo o fêmea em teu corpo de mancebo”. No poema *Livro do outro amor*: “Se eu vivesse contigo, dia a dia,/ Eu seria mulher, trabalharia/ Seria só formosa, satisfeito”. No poema *Ó dia pesado que nasce assim a brilhar*: “Minhas mãos estendo em sua direção,/ Mas ele não vem./ Parece uma mulher e o gesto da mão/ De mais fez nascer/ Sonhos de estranho vício na terra do coração”. No poema *Meu coração é uma princesa morta*:

⁹⁰ *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2003, p. 186-187.

⁹¹ W. C. RIVERS, *Walt Whitman's anomaly*, London, Ed. George Allen & Co., 1913, pp. 20, 21, 22, 64, 65.

“Entrou a paz longínqua do eleito/ Dentro de mim”. No poema *Amem outros a graça feminina*: “O Vénus masculina!”, etc.

Nos textos em prosa aparece também o masculino e o feminino no mesmo indivíduo, e em alguns deles a natureza feminina de um homem aparece ligada à homossexualidade, como por exemplo no texto sobre a novela *António* de António Botto (texto II), em que Fernando Pessoa afirma o seguinte: “No amor de António por Duarte a emoção transparece, com os seus pudores, os seus receios, os seus movimentos errados, a sua natureza feminina”. Na novela policial *Quaresma Decifrador*, no texto aqui incluído intitulado *A alma do assassino*, Fernando Pessoa afirma também: “(...) Isto vê-se nos elementos surpreendentemente femininos que há em Frederico o Grande” (que era homossexual).

A ligação do feminino com o masculino no mesmo indivíduo, nomeadamente a feminização de uma personagem do sexo masculino, existe em vários outros textos de Fernando Pessoa: *Às vezes, em sonhos distraídos, que me surgem das esquinas*: “Às vezes sou costureira masculina, e tenho príncipes, que são princesas”; *Elogio do charlatão*: “Um (a) vício oculto”; *Sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina*: “É uma inversão sexual fruste”; nos *Textos mediúnicos*, cujo tema é o amor e a sexualidade, em que o espírito diz a Fernando Pessoa para não ter sexo com homens, temos por exemplo o texto *Sim, mulheres e rapazes*: “rapazes de forma feminina”; no heterónimo Álvaro de Campos, na *Ode Triunfal*: “A graça feminina e falsa dos pederastas que passam, lentos”; na *Ode Marítima*: “Ser no meu corpo passivo a mulher – todas-as-mulheres (...) Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles”; na *Passagem das Horas*: “Os braços de todos os atletas apertaram-me subitamente feminino/ E eu só de pensar nisso desmaiei entre músculos supostos”; no texto *Uma aventura amorosa*: “Aproximou-se de mim uma rapariga, por assim dizer – aluno, segundo depois soube, do liceu local”. Nas *Odes* de Ricardo Reis, que segundo Álvaro de Campos são dirigidas a rapazes, os nomes deles são nomes femininos (Lídia e Chloe). No *Livro do Desassossego*, no fragmento 84: “Aquela rapaz”; no fragmento 123: “A mulher que sou quando me conheço”; no fragmento 343: “Não ter sido madame de harém!”; no fragmento 370: “A minha melhor amiga – uma (deliciosa) rapaz que eu inventei”; no fragmento 394: “Outrora eu fui tua princesa”; na *Declaração de Diferença*: “Aqueles de nós que não são pederastas desejariam ter a coragem de o ser. Toda a inapetência para a ação inevitavelmente feminiza”. No texto de um heterónimo ou personagem não identificado, que critica a revista *Orpheu* chamando-lhes “invertidos”, diz-se que o *Orpheu* era uma revista de mulheres. Existe também uma frase escrita por Fernando Pessoa em francês e em inglês, que diz assim: *Une allemand (sic) / jock on inversion* (“Uma alemão _ (sic) / brincadeira sobre a inversão”). Esta frase encontra-se por

baixo do seu poema de amor escrito em língua francesa: *Boire ton âme dans la coupe de ton corps* (“Beber a tua alma na taça do teu corpo”).⁹² Mesmo nos seus textos esotéricos, o próprio *Quinto Império* é, para Fernando Pessoa, a união do masculino e do feminino: “Criemos um Imperialismo andrógino, reunidor das qualidades masculinas e femininas: imperialismo que seja cheio de todas as subtilezas do domínio feminino e de todas as forças e estruturas do domínio masculino. Realizemos Apolo espiritualmente”.⁹³ (Apolo é uma divindade homoerótica, conforme explicamos na anotação sobre o poema de Ricardo Reis *Neste dia em que os campos são de Apolo*).

Alguns destes textos, embora não sejam textos em que Fernando Pessoa fala sobre homossexualidade, ou nos quais exprime sentimentos amorosos, mas textos em que Fernando Pessoa expressa a feminilidade do masculino, podem-se considerar no entanto como uma forma implícita, uma metáfora ou um eufemismo, em referência à homossexualidade, conforme Fernando Pessoa faz nos textos em que essa referência é explícita. Não incluímos neste livro todos os textos, fizemos uma seleção, pois há mais textos em que Fernando Pessoa faz isso, e se refere a si próprio no feminino, como por exemplo quando diz: “Eu a mulher legítima e triste do conjunto, / Eu sofro ser eu através disto tudo como ter sede sem ser de água”,⁹⁴ ou: “Meu coração a mulher do forçado, / A estalajadeira dos mortos da noite”,⁹⁵ e que também poderão ser interpretados do ponto de vista homossexual, dado que são poemas do heterónimo homossexual Álvaro de Campos, e dado o facto de, como dissemos, Fernando Pessoa em alguns dos seus poemas associar a homossexualidade masculina à feminilidade do homem, e vice-versa.

Fernando Pessoa desconstrói o binarismo do género, e apresenta a componente feminina do homem, e a componente masculina da mulher, quer seja essa componente física ou psicológica, e que existe afinal em todos os seres humano, embora mais desenvolvida nuns do que noutros. Fernando Pessoa procura ultrapassar a rígida dicotomia masculino-feminino. Essa atitude pode ver-se na sua poesia, onde também há poemas em que Fernando Pessoa não se vê nem como homem nem como mulher, e em que se situa para além da dicotomia masculino-feminino. São poemas em que Fernando Pessoa expressa a ambiguidade e a indefinição dessa dicotomia, como por exemplo no poema: *Quando se está cansado*, em que fala de “Uma

⁹² *Poèmes Français*, Paris, Ed. La Différence, 2014, p. 358.

⁹³ *Sobre Portugal – Introdução ao Problema Nacional*, org. Maria Isabel Rocheta, e Maria Paula Morão, Lisboa, Ed. Ática, 1979, p. 77.

⁹⁴ *Idem*, p. 113

⁹⁵ Álvaro de Campos, *Livro de versos*, “Costa do sol”, org. Teresa Rita Lopes, Lisboa, Ed. Estampa, 1993, p. 189.

coisa indecisa que não é/ Masculina ou feminina”, ou no poema *Deus te livre de estar onde estás*, em que Fernando Pessoa afirma: “Deus te livre de que te tomem/ Por mulher e também por homem”. Há também alguns textos em prosa, em que Fernando Pessoa fala de uma outra identidade de gênero, que supera o binarismo tradicional masculino-feminino, e a separação entre um e outro, como por exemplo quando no texto *Às vezes em sonhos distraídos que me surgem das esquinas* afirma: “sou costureira masculina”, ou ainda por exemplo no heterónimo Maria José, a *Carta da corcunda para o serralheiro*, quando Maria José afirma: “Eu não sou mulher nem homem”, ou por exemplo quando no *Livro do Desassossego* diz sobre alguém: “aquela rapaz”, ou neste mesmo livro a totalidade dos textos: *O mesmo sexo que não existe*, e: *Sonhar que sou o homem e a mulher*, etc.

Fernando Pessoa ao exprimir a ambiguidade da identidade gênero, em alguns desses textos nem sempre fala em homossexualidade, assim como ao exprimir sentimentos homossexuais ou ao referir-se à homossexualidade, nem sempre fala da ambiguidade da identidade de gênero, uma coisa não implica necessariamente a outra, pois o masculino e o feminino são categorias não apenas sexuais mas também sociais. Assim como não existe um único significado para a palavra *homossexual*, também não existe um único significado para as palavras *homem* e *mulher*. No entanto, a homossexualidade é uma das formas de sentir e viver a dualidade da identidade de gênero, a sua pluralidade, ou ambiguidade, assim como a dualidade da identidade de gênero, a sua pluralidade, ou ambiguidade, é também uma das formas de sentir e viver a homossexualidade. Alguns homossexuais sentem e vivem a feminilidade, e através da sua homossexualidade ficam envolvidos também num problema com a sua identidade de gênero. Por outro lado, há determinados homens que gostam de mulheres mas que também têm um problema com a sua identidade de gênero, pois têm um problema em relação ao seu corpo, com o qual não se identificam. Apesar de fisicamente serem homens, ao sentirem-se mulheres, ou desejando ser mulheres, assumindo comportamentos de mulheres, ou transformando-se em mulheres (como hoje é possível através de intervenções cirúrgicas), e continuando no entanto a gostar de mulheres, esses heterossexuais masculinos transformam-se em lésbicas. Também há algumas mulheres que, apesar de gostarem de homens, têm um problema com a sua identidade de gênero, e portanto têm também um problema em relação ao seu corpo, com o qual não se identificam. Sentindo-se homens, ou desejando ser fisicamente homens, assumindo comportamentos de homens, e transformando-se em homens (também através de uma intervenção cirúrgica), e continuando no entanto a gostar de homens, essas mulheres transformam-se em homossexuais masculinos. Tanto no primeiro como no segundo caso, através de um problema deriva-

do da sua identidade de género, tornam-se homossexuais. Mesmo que um homem goste de mulheres mas se sinta mulher, e se diga mulher, ele torna-se numa lésbica, assim como uma mulher que goste de homens, mas se sinta homem, e se diga homem, e gostando na mesma de homens, ambos tornam-se indiretamente num homossexual.

Por isso, assim como incluímos neste livro textos de conteúdo homossexual em que Fernando Pessoa não fala propriamente do problema da identidade de género, incluímos também textos em que Fernando Pessoa apresenta o problema da identidade de género, mesmo que não fale propriamente de homossexualidade. Dado que em alguns textos, frases e fragmentos, Fernando Pessoa é omissivo no que diz respeito à ligação de uma coisa com a outra, deixamos ao leitor a liberdade de interpretar, e de portanto fazer ou não essa ligação. No entanto, embora em Fernando Pessoa por vezes não esteja explícita a ligação da dualidade e da ambiguidade da identidade de género com a homossexualidade, tendemos a fazer essa ligação, devido ao facto do próprio Fernando Pessoa fazer essa ligação em vários dos seus textos que expressam sentimentos homoeróticos ou que falam sobre homossexualidade, apresentando a dualidade ou a ambiguidade da identidade de género como uma das especificidades da homossexualidade. Em todo o caso, como já referimos, mesmo que seja um homem a dizer-se mulher, e esse homem gostar de mulheres, passa indiretamente a estar ligado ao lesbianismo, pois diz-se mulher, sente-se mulher, e gosta de mulheres. Portanto, o problema da identidade de género, tanto para os homens que gostam de homens e se sentem mulheres, como para os homens que gostam de mulheres e se sentem mulheres, está ligado, direta ou indiretamente, à homossexualidade, por isso incluímos neste livro também textos em que Fernando Pessoa se refere a si próprio no género feminino, e textos em que uma personagem apesar de ser homem se diz e se sente mulher.

Assim como não existe apenas uma sexualidade mas vários tipos de sexualidade, também não existe apenas uma homossexualidade mas vários tipos de homossexualidade, por isso o melhor seria falar em homossexualidades, e não em homossexualidade. Desde logo, existem dois grandes tipos bem distintos de homossexualidade: a masculina e a feminina. No entanto, referimo-nos neste livro à homossexualidade masculina, dado ser essa a que está presente na generalidade dos textos de Fernando Pessoa aqui reunidos. Ora, dentro da homossexualidade masculina existem muitas variedades, há diversos tipos de vivência, incluindo a feminilidade como uma das suas componentes, e dentro da feminilidade há ainda que distinguir diversas formas: feminilidade física, psicológica, e estética. Por outro lado, há homossexuais que se situam, do ponto de vista da sua identidade de género, e da sua sexualidade, para além do masculino e do feminino, e que portanto

não se identificam nem com um nem com outro, não se identificam com o masculino, nem com o feminino, mas que também não se identificam nem com o masculino feminizado, e nem com o feminino masculinizado.

Estes conceitos são muito vagos e relativos, pois a feminilidade do homem, e a masculinidade da mulher, não têm a ver apenas com o corpo, não têm a ver apenas com o físico da pessoa, nem com os papéis sexuais desempenhados intimamente. A feminilidade e a masculinidade tem também muito a ver ou com os papéis sociais, e com as características psicológicas, ou ainda com os *estados de espírito*, conforme se pode ver por exemplo, neste último caso, em certas correntes místicas e esotéricas, que fundem a sexualidade com a espiritualidade, assim como fazem a fusão do masculino com o feminino, como sucede por exemplo na doutrina rosacruz, sobre a qual o próprio Fernando Pessoa escreveu.

Vem aqui a propósito referir *O Banquete*, de Platão, um das obras em que este filósofo fala sobre a homossexualidade, e em que fala da lenda dos andróginos, seres completos que continham em si o masculino e o feminino. Terrivelmente fortes, ousaram desafiar a própria Divindade, escalando os céus. Zeus, para puni-los, dividiu-os em dois, separando assim o masculino do feminino, gerando incompletude e carência. Geralmente as narrativas mitológicas consideram a homossexualidade, a bissexualidade, e o transgénero, como um símbolo de experiências sagradas, e como uma forma de restabelecer a unidade perdida. Também em Raul Leal, na sua obra *Sodoma Divinizada*, que Fernando Pessoa admirava e que defendeu, o homoerotismo é a forma de restabelecer a união entre o masculino e o feminino, contra a divisão entre os dois sexos, Existem também alguns textos de Fernando Pessoa que falam de androginia, tanto textos em verso como em prosa. Alguns desses textos, mesmo quando falam sobre outros temas, como por exemplo o esoterismo ou o misticismo, utilizam figuras homoeróticas, fazendo uma ligação entre homoerotismo e espiritualidade, e espiritualidade e homoerotismo.

Por conseguinte, a feminização do indivíduo do sexo masculino, ou a masculinização do indivíduo do sexo feminino, encontra no homoerotismo um dos veículos privilegiados dessa interligação, e tem também um significado místico e esotérico. A feminização do homem, e a masculinização da mulher, é uma busca de completude, de união do todo na mesma pessoa, e é também um estado de espírito, tem a ver com um sentir interior, com uma atitude não apenas física mas também psicológica, mesmo que o corpo do indivíduo, e os papéis desempenhados sexualmente, ou socialmente, não o expressem.

Do ponto de vista da sexualidade, há homossexuais que são efeminados, e há outros que o não são (e uns são-no fisicamente, enquanto outros são-

-no apenas psicologicamente). Há muitas especificidades que revelam que a homossexualidade, assim como a feminilidade e a masculinidade, são conceitos com diversos significados: há homens homossexuais fisicamente homens mas psicologicamente mulheres, fisicamente mulheres e psicologicamente homens, e fisicamente homens e psicologicamente homens. Há ainda a salientar os papéis sexuais, que podem também não corresponder ao que seria de esperar do seu físico e da sua psicologia: há homens homossexuais masculinos física e/ou psicologicamente, mas que têm um papel sexual dito feminino, assim como há homens homossexuais ditos femininos física e/ou psicologicamente, mas que têm um papel sexual dito masculino. Há ainda outras especificidades, do ponto de vista da homossexualidade e da identidade de género, tendo em conta a pessoa de quem se gosta fisicamente e psicologicamente: há homossexuais não efeminados que gostam de homens não efeminados; há homossexuais não efeminados que gostam de homens efeminados; há homossexuais efeminados que gostam de homens não efeminados; há homossexuais efeminados que gostam de homens efeminados. Há também homens que gostam de mulheres, mas que são psicologicamente mulheres, e mulheres que gostam de homens, mas que são psicologicamente homens. E há também homens que gostam de mulheres mas que são em parte fisicamente mulheres, e mulheres que gostam de homens, mas que são em parte fisicamente homens. Finalmente, há ainda a considerar os chamados papéis sociais, sobretudo os papéis profissionais, que podem ou não corresponder à identidade de género e à sexualidade a eles geralmente associadas. No entanto, em todos estes casos surge o problema da identidade de género e da sua pluralidade, a indefinição sobre o que significa ser masculino ou feminino, assim como a indefinição sobre o que significa ser heterossexual ou homossexual.

Conforme mostra hoje a *teoria queer*, a orientação sexual e a identidade de género elaboram-se de forma muito complexa, pela interseção de múltiplos grupos, critérios e possibilidades. Não existem papéis sexuais essencialmente ou biologicamente inscritos na natureza humana, mas antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais, assim como identidades de género. Encontramos nos textos de Fernando Pessoa várias dessas possibilidades, que destroem os estereótipos tradicionais sobre o que significa ser masculino e feminino, e sobre o que significa gostar do masculino e do feminino. Fernando Pessoa desconstrói também a rígida dicotomia masculino-feminino, em que ao homem estaria associado um determinado papel fixo na identidade de género, assim como no amor e na sexualidade, e à mulher outro papel, também fixo. Pode ver-se isso em alguns dos poemas aqui reunidos, assim como em alguns dos textos do *Livro do Desassossego*, também reunidos neste livro.

A fusão e a interconexão entre o masculino e o feminino, a masculinização do feminino, e a feminização do masculino, um terceiro sexo, um terceiro género, ou como lhe queiram chamar, por um lado pode não ser apenas algo físico (pode não ter a ver com o corpo da pessoa), e por outro lado pode não ser apenas algo psicológico (pode não ter a ver com o temperamento da pessoa), pois pode ser antes um jogo, uma representação, uma fantasia sexual, um *fetiche*. De qualquer das formas, a indefinição da identidade de género, isto é, a sua dualidade ou a sua multiplicidade, pode contribuir também para ampliar o imaginário homoerótico, pode funcionar como uma das suas componentes, e portanto a feminilidade do homem, enquanto fantasia, pode fazer parte das vivências da homossexualidade, e ser uma das suas várias modalidades, do ponto de vista físico, psicológico, ou estético.

O caso de Mário de Sá Carneiro

O problema da identidade de género (a sua dualidade, a sua multiplicidade, a sua ambiguidade), está também muito presente na obra de Mário de Sá Carneiro, que como é sabido foi o indivíduo mais ligado a Fernando Pessoa, que foi muito marcado por Sá Carneiro, sobre quem escreveu, com quem se correspondeu intensamente, e a quem dedicou o seu poema “Sá Carneiro”, que chora a sua morte, e que se encontra incluído no presente livro.

A imagem estereotipada da feminilidade está presente na caracterização de muitas das figuras masculinas criadas por Sá Carneiro na sua obra literária, dotando-as de traços *efeminados*. Em alguns dos seus poemas o próprio Sá Carneiro expressa também o seu desejo de encarnar a feminilidade, como por exemplo no seu poema *Feminina*, em que Sá Carneiro afirma: “(...) Eu queria ser mulher para ter muitos amantes/ E enganá-los a todos – mesmo ao predileto/ Como eu gostava de enganar o meu amante loiro, o mais esbelto/ (...)”. Esta aspiração é tributária do imaginário decadente, sobretudo da feminização *dandy*, com a sua estetização da aparência física, visível tanto nas obras literárias *decadentistas*, de que Óscar Wilde foi um dos melhores exemplos, como na forma como os respetivos autores se apresentavam, isto é, exuberantes e pedantes, e que aliás era uma das características dos homossexuais. Numa das cartas a Fernando Pessoa, Sá Carneiro explicita a encarnação da feminilidade em certas personagens literárias que cria, e que Sá Carneiro associa à sua própria personalidade: “Passei na vida literária, creio, uma rapariga estrangeira, esguia, pintada, viciosa, com muito gosto para se vestir bizarramente – pelo menos – e para dispor orquídeas em jarras misteriosas, em esquisitas talhas do Japão – gulosa de morangos e champanhe, fumando ópios, debochada – ardendo loucamente. E se assim é, se não me engano: eu fui o que quis: a minha obra representa zebrada-

mente entre luas amarelas aquilo que eu quisera ser fisicamente: essa rapariga estrangeira, de unhas polidas, doida e milionária ...”⁹⁶

Esta identificação com a feminilidade, de que resulta a ambiguidade da identidade de alguém do sexo masculino, e portanto a diversidade dos sexos, está também expressa numa outra carta para Fernando Pessoa, em que Sá Carneiro lhe revela que andava a escrever o conto *O homem dos sonhos*, e lhe diz: “O homem dos sonhos está em meio. Mas ultimamente não tenho mexido nele. Há lá uma frase nova. Diga-me o que pensa dela: *Decididamente na vida anda tudo aos pares, como os sexos. Diga-me: conhece alguma coisa mais desoladora do que isto de só haver dois sexos? Depois o homem descobrirá a voluptuosidade dum país em que haverá um número infinito de sexos, podendo possuir “ao mesmo tempo” os vários corpos. Por todo este mês terminá-lo-ei. Rogo-lhe porém que me diga se devo incluir esta nova ideia da diversidade dos sexos ou não*”.⁹⁷ Como é sabido, a quase totalidade das cartas de Fernando Pessoa a Sá Carneiro perderam-se, mas numa carta de Sá Carneiro a Luís de Montalvor, Sá Carneiro revela qual foi a resposta de Fernando Pessoa: “O Fernando Pessoa, segundo me escreveu, acha muito bela esta ideia”.⁹⁸ Por outro lado, Fernando Pessoa não só achou muito bela esta ideia, como foi exatamente a ele que Sá Carneiro dedicou esse mesmo conto.

Ao todo, conhecem-se 217 cartas e postais de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa. As cartas de Fernando Pessoa a Sá-Carneiro perderam-se quase todas, com exceção de três delas. Em algumas das cartas enviadas por Sá Carneiro a Fernando Pessoa, nota-se que havia uma grande intimidade entre eles dois. Nessas cartas existem mesmo várias expressões afetuosas de Sá Carneiro dirigidas a Fernando Pessoa, como por exemplo: “confesso-lhe de todo o meu coração”, “o seu muito seu”; “o seu seu”; “um abraço d’alma e ouro”, “gosto muito de si”, “esperá-lo-ei em ânsia dourada”, etc., o que revela um grande grau de sentimentos entre ambos. Embora quase todas as cartas de Fernando Pessoa para Sá Carneiro se tivessem perdido, algumas cartas são suficientes para se perceber o grau de intimidade entre Fernando Pessoa e Sá Carneiro, em que confessam um ao outro os seus sentimentos mais profundos. Veja-se o seguinte excerto duma das cartas de Sá Carneiro a Fernando Pessoa, que é muito significativo: “(..) Isto não são declarações de amor, mas

⁹⁶ *Cartas de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2001, p. 101. Ver o artigo de Matheus Nogueira SCHAWARTZMANN: “Polindo as unhas: a feminilidade como forma de vida nas cartas de Sá Carneiro”, in *Discurso e linguagens, objetos de análise e perspectivas teóricas*, obra coletiva, vol. 6, 2011, Franca, São Paulo, Ed. Unifran, pp. 143-164.

⁹⁷ *Idem*, p. 27.

⁹⁸ *Cartas de Mário de Sá Carneiro a Luís de Montalvor*, Porto, Ed. Limiar, 1977, p. 51.

tudo isto, toda esta sumptuosidade, e depois a grande alma que você é, fazem-me ser tão seu amigo como eu posso ser de alguém: encher-me de ternuras, gostar de si como ao meu pai, encostar a minha cabeça ao seu braço, e de o ter aqui ao seu braço, como eu gostaria de ter o meu pai, a minha ama, ou qualquer objeto, qualquer bicho querido da minha infância”.⁹⁹

Nesta carta Sá Carneiro começa por se desculpar, negando que seja uma declaração de amor, mas acaba por entrar numa declaração de intimidade, muito semelhante a uma declaração de amor, em que o mais significativo é o desejo de Sá Carneiro reclinar a sua cabeça nos braços de Fernando Pessoa. Mesmo chamando-se a isso amizade, não é uma amizade como qualquer outra, mas sim aquilo que alguns autores chamam “amizade de caráter homossexual”. Conforme esses autores sublinham, existem diversos tipos de amizade, incluindo as suas articulações com a homossexualidade: a amizade como forma de transfiguração de um desejo não realizado, e a amizade como forma disfarçada de apresentação da homossexualidade num contexto social adverso, ou o “amor de amigos”, em que o desejo é sublimado espiritualmente, e seria uma configuração intermediária entre a mera amizade e a homossexualidade propriamente dita. Sobre a amizade íntima entre dois homens como forma inconfessada de amor, e as suas relações com a homossexualidade, e sobre aquilo a que alguns autores, conforme já referimos, chamam “amizade de caráter homossexual”, existem importantes estudos editados.¹⁰⁰

As cartas entre Sá Carneiro e Fernando Pessoa revelam entre eles uma amizade muito íntima, e uma grande cumplicidade. Durante mais de quatro anos consecutivos esses dois jovens do sexo masculino escreveram cartas íntimas um ao outro, todas as semanas. Nas suas cartas Mário de Sá Carneiro revela que conversava com muita gente em Paris. Sendo assim, porquê esta tão grande necessidade de ter um indivíduo, do mesmo sexo, e jovem como ele, com quem falar com tanta frequência, e através de cartas tão sentimentais? não se tratou de uma relação epistolar meramente intelectual

⁹⁹ *Cartas de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2001, pp. 127-128.

¹⁰⁰ Robert BRAIN, *Friends and Lovers*, (“Amigos e amantes”), Glasgow, Ed. Hart-Davis MacGibbon, 1976; Anthony ROTUNDO, *Romantic Friendship* (“Amizade romântica”), *Journal of the History of Sexuality* (“Revista da História da Sexualidade”), Texas, Ed. University of Texas Press, n.º 23, 1985, pp. 1-25. Jacqueline KELEN, *Aimer d'amitié*, (“Amar de amizade”), Paris, Ed. Robert Laffont, 2002; Stuart MILLER, *Hommes et amitiés*, (“Homens e amizades”) Paris, Ed. Robert Laffont, 1984; Peter M. NARD, *Gay Men's Friendships*, (“Amizades de Homens Gays”), Chicago, Ed. The University of Chicago Press, 1999; Jean-Luc HENNING, *De l'extrême amitié*, (“Sobre a extrema amizade”), Paris, Ed. Gallimard, 2015.

ou literária, mas sim de uma relação muito forte em que confessavam um ao outro os seus sentimentos mais pessoais. Não é a qualquer indivíduo que se confessam determinadas coisas, não é a qualquer indivíduo que se dizem coisas tão íntimas, mas sim a alguém que aquele que as confessa sente que é capaz de também as compreender e sentir, como por exemplo quando Sá Carneiro confessa a Fernando Pessoa numa carta escrita em 6 de Agosto de 1914: “Eu sinto-me em verdade a amante pequenina dum rapaz loiro de vinte anos que partiu para a guerra e não voltou... Doutra forma não posso explicar porque a esta hora sinto uma tristeza de beijos que nunca dei... uma saudade de mãos que não enlaçaram as minhas”.¹⁰¹

Ao longo dessas cartas Sá Carneiro revela a Fernando Pessoa determinadas coisas, que são significativas em relação à sua personalidade, aos seus afetos, e aos problemas com isso ligados, umas implícitas, e outras explícitas. Por exemplo, numa dessas cartas queixa-se das ironias de Santa-Rita Pintor, que também se encontrava a viver em Paris, tal como Sá Carneiro, ironias essas em relação a si, no que diz respeito à homossexualidade, afirmando: “Tenho continuado a andar com ele, mas vou procurar afastar-me, porque se vai tornando cada vez mais intolerável em pequeninas coisas que só de boca se podem esmiuçar. (...) Apresenta-me uma polaca horrivelmente feia e diz-lhe que sou homossexualista. A polaca replica que simpatiza muito com os degenerados!”¹⁰²

Mário de Sá Carneiro tinha sido estudante em Coimbra, no curso de Direito. Porque razão foi viver para Paris? Não foi para trabalhar, pois Sá Carneiro era de famílias abastadas economicamente, e o pai sempre o sustentou. Foi viver em Paris para estudar Direito? mas era isso o que ele já se encontrava a fazer em Portugal, numa das mais prestigiadas Universidades europeias, e num dos cursos mais bem reputados, como o de Direito, na centenária academia de Coimbra, que teve sempre os melhores professores nesta matéria. As pessoas costumam ir estudar para o estrangeiro, quando não têm uma Universidade ou um determinado curso que pretendem, no seu país, ou vão em busca de uma melhor Universidade, para terem melhores professores, e eventualmente seguirem a carreira académica. Será que Sá Carneiro estava preocupado em prosseguir uma carreira académica, em ter um melhor curso de Direito, e melhores professores em Paris? Sá Carneiro, em Paris, faltava às aulas, não fazia as disciplinas do curso, não fazia os exames, e não concluiu nenhum ano académico. Também não se pode dizer que Sá Carneiro tivesse ido para Paris em busca da vida boémia, pois vida boémia tinha-a em Coimbra, que desde sempre, na Europa, foi uma das

¹⁰¹ *Cartas de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa*, o.c., p. 24.

¹⁰² *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, o.c., p. 17.

idades onde houve mais boémia estudantil, e com uma forte vida académica. Ir estudar foi apenas um pretexto para o pai de Sá Carneiro lhe dar dinheiro, e poder partir. Mas se Sá Carneiro não foi viver para Paris para trabalhar, nem para seguir a carreira académica, nem por causa da vida boémia estudantil, então porque razão foi viver para Paris?

Era para Berlim, Londres, e Paris, que partiam os homossexuais, onde já haviam cafés, bares, e associações culturais para homossexuais, que assim podiam manifestar mais livremente a sua sexualidade, conforme se pode confirmar em documentos sobre a época, e na investigação dos historiadores.¹⁰³ Mário de Sá Carneiro não sabia falar Alemão nem Inglês, mas sabia falar Francês, por isso escolheu Paris. Esta cidade era o alvo de Sá Carneiro, que esperava preencher uma falta, a da realização das suas necessidades afetivas, nessa cidade que era o símbolo da liberdade sexual, e de se sentir mais à vontade num ambiente de abertura, ao contrário da Lisboa muito fechada e conservadora do seu tempo. Poucos anos antes de Sá Carneiro ter ido viver para Paris, tinha sido fundada nesta cidade a primeira revista literária, em todo o mundo, para homossexuais (a revista *Akademos*), que foi fundada por um casal de homossexuais. Nesta cidade a homossexualidade não era reprimida, e era frequentada por muitos homossexuais, como uma das cidades mais tolerantes da Europa em relação à homossexualidade. A França foi pioneira na abertura para com a homossexualidade (o sexo entre homens era legal à luz do código napoleónico). Segundo os historiadores, Paris era mesmo a cidade mais procurada pelos homossexuais em todo o mundo,¹⁰⁴ cidade essa que estava no seu auge, em relação à homossexualidade, precisamente na época em que Mário de Sá Carneiro foi para lá viver.¹⁰⁵ Fernando Pessoa retrata bem a liberdade sexual de França, e de Paris, através do seu heterónimo Jean Seul, de quem apresentamos neste livro o texto *A França em 1950*, no qual Fernando Pessoa afirma o seguinte: “Aqui não há pessoas normais, o que há são pessoas duas vezes anormais, sexuais duas vezes *invertidos*, que estão de volta à normalidade.”¹⁰⁶

¹⁰³ Confirmar em Florence TAMAGNE, *Histoire de l'homosexualité en Europe. Berlin, Londres, Paris, 1909-1939*, (“História da homossexualidade na Europa. Berlim, Londres, Paris”), Paris, Ed. Seuil, 2000.

¹⁰⁴ François BUOT, *Gay Paris: une histoire du Paris interpole entre 1900 et 1940* (“Paris Gay: uma história de Paris entre 1900 e 1940”), Paris, Ed. Fayard, 2013.

¹⁰⁵ Régis REVENIN, *Homosexualité et prostitution masculines à Paris, 1870-1918* (“Homossexualidade e prostituição masculinas em Paris, 1870-1918”), Paris, Ed. L'Harmattan, 2005.

¹⁰⁶ *Pessoa por conhecer. Textos para um novo mapa.*, vol. II, pp. 206-207, Lisboa, Ed. Estampa, 1990, 155 a. Texto escrito e publicado em Francês. Tradução de Victor Correia.

Em Paris, Mário de Sá Carneiro frequentava o *Café de la Paix* (“Café da Paz”), conforme ele próprio refere nas suas cartas a Fernando Pessoa.¹⁰⁷ Atualmente existe mesmo uma placa na parede desse edifício, em memória do facto de Mário de Sá-Carneiro ter sido frequentador desse café. Justino de Montalvão, um português que viveu em Paris nessa época, refere-se a esse café como “o pedantíssimo Café de la Paix”,¹⁰⁸ apresentando a palavra “pedantíssimo” cheia de subentendidos. Esse café era conhecido como café frequentado por homossexuais, e foi frequentado por escritores homossexuais famosos, tais como Marcel Proust, e Óscar Wilde. Com o passar do tempo os homossexuais passaram a ter um espaço próprio, mais discreto, o terraço desse café, virado para a Ópera de Paris, de tal modo que esse terraço passou a ser chamado “o terraço das damas”. Esse café, chamado *Café da Guerra* pelos homossexuais, ironizando com o nome do café, encontra-se descrito no romance homoerótico *Les Fellatores* (“Os Feladores”), de Paul Delvaux (1888),¹⁰⁹ e sobretudo no seu romance homoerótico *Côté des dames* (“O espaço das damas”), de 1887, em que este autor fala das *rainhas* de Paris, afirmando: “A clientela do *Café da Guerra* compõe-se em grande parte de clientes habituais, que nessa qualidade têm as suas horas fixas e os seus lugares consagrados. (...) O lado da segunda fachada do edifício recebeu dos clientes habituais a designação de *espaço das damas*, porque é aí que existe em permanência o mercado das *rainhas*,¹¹⁰ a maior parte aí volta frequentemente, e outros abandonam-no”.¹¹¹

Ao longo dos anos, esse espaço em Paris foi sendo frequentado por homossexuais. No entanto, Sá Carneiro não foi bem sucedido em Paris, pois davam-lhe pouca ou nenhuma atenção. Os homossexuais dão muita importância à beleza física, e Sá Carneiro, como ele próprio afirma sobre si, era gordo e feio. No poema *Feminina*, em que ele diz que queria ser mulher para ter muitos amantes, afirma a esse propósito: “eu gostava de enganar o meu amante loiro, o mais esbelto/ com um rapaz gordo e feio de modos extravagantes”. Num outro poema, intitulado *Aqueloutro*, Sá Carneiro refere-se a

¹⁰⁷ *Cartas de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa*, o. c., carta de 8 de Novembro de 1915, p. 236.

¹⁰⁸ Justino de MONTALVÃO, *Poeira de Paris*, (1908), Paris. Ed. Garnier, 1928, p. 47.

¹⁰⁹ Paul DEVAUX, *Les fellatores – mœurs de la décadence*, (“Os feladores – costumes da decadência”), seguido de *Côté des dames* (“O espaço das damas”), Paris, Ed. Gaykitchamp, 2011.

¹¹⁰ Termo calão, que significa *homossexual*, que tem como origem a palavra inglesa *queen*, de que se originaram outras designações atuais internacionalizadas, como por exemplo *drag queen*.

¹¹¹ Paul DEVAUX, o. c., p. 115

si como sendo uma “esfinge gorda”, e nesse poema refere-se também a si através da expressão “um laçao invertido” (repare-se na palavra “invertido”). Os estudiosos de Mário de Sá Carneiro costumam salientar a expressão “o esfinge gorda”, e o poema onde vem inserida, como um auto retrato de Mário de Sá Carneiro, mas ignoram essa outra expressão, ou não falam dela, apesar de também existir nesse poema, em que se trata do mesmo indivíduo a falar sobre si próprio, dizendo-se “um laçao invertido”. Conforme já referimos neste prefácio, a palavra “invertido” foi desde sempre uma conotação de “homossexual”, e o próprio Sá Carneiro, tão pessimista nesse seu poema, também a aplica. Ainda hoje a palavra “invertido”, referindo-se a um indivíduo, tem essa conotação, e o próprio Fernando Pessoa aplica também essa palavra com essa conotação, em alguns dos seus textos.

Há quem afirme que Sá Carneiro se suicidou devido a problemas económicos. Apesar de ter problemas económicos, pois era muito esbanjador de dinheiro nos bares e cafés de Paris, numa carta a Fernando Pessoa, pouco tempo antes de suicidar, afirma o seguinte: “o dinheiro não é tudo. Hoje, por exemplo, tenho dinheiro”,¹¹² e no entanto suicidou-se. Nesta carta Sá Carneiro fala naquilo a que ele chama a sua “doença moral”, certamente empregando a palavra “moral” como um eufemismo para se referir à homossexualidade. Depois de transcrever as quadras de um poema incompleto, em que faz o retrato de uma mulher de passado sombrio e duvidoso, Sá Carneiro afirma: “pois bem: previram misteriosamente a personagem real da minha vida de hoje estes versos”,¹¹³ identificando-se com essa mulher de passado sombrio e duvidoso.

Numa outra das suas cartas a Fernando Pessoa, referindo-se a uma ida sua a Lisboa, onde permaneceu durante algum tempo, e onde nunca mais regressou, Sá Carneiro refere-se a algo que aconteceu consigo em Lisboa, que o perturbou, mas sem entrar em pormenores. Sá Carneiro partiu precipitadamente de Lisboa a 11 de Julho de 1915, sem quaisquer explicações, sem se despedir de ninguém, como se quisesse fugir. Apesar de tencionar permanecer em Lisboa durante mais tempo, regressou de repente a Paris, e passados alguns dias (no dia 16 do mesmo mês), escreveu a Fernando Pessoa uma carta dizendo-lhe o seguinte: “o que se possa ter aí passado com questões da minha vida privada, comunico-lhe que não quero saber coisa nenhuma, tenha havido o que houver. Suplico-lhe como um dos maiores obséquios que se porventura sabe alguma coisa a esse respeito, se o foram mesmo procurar – o que é muito natural – me não diga nada, nem faça de

¹¹² *Cartas de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa*, o. c., carta de 17 de Abril de 1916, p. 284.

¹¹³ *Idem*, *Ibidem*, p. 286.

longe referências. Não quero saber nada, absolutamente nada. E peço-lhe que não se refira sequer nas suas cartas a estas minhas linhas. Faça como se nenhuma dessas trapalhadas tivesse existido”.¹¹⁴

Certamente que Sá Carneiro se referia nesta carta a problemas que teve em Lisboa com a sua homossexualidade, em que foi encontrado em alguma situação embaraçosa, ou em que foi denunciado ou interrogado na Polícia, a propósito disso, o que o fez partir precipitadamente de Lisboa, onde tencionava permanecer durante mais tempo. Existem duas fotos de Mário de Sá Carneiro no *Museu e Arquivo da Polícia Judiciária de Lisboa*. Não são fotos apenas de frente, pois existe também uma foto tirada de perfil (de lado), como se fazia para os suspeitos e criminosos (a homossexualidade era considerada crime, no tempo de Mário de Sá Carneiro). Se fosse uma foto simplesmente para colocar no Bilhete de Identidade, no passaporte, ou para oferecer aos amigos, não ia tirá-la à Polícia Judiciária, pois em Lisboa, nesse tempo, já existiam muitas casas para se tirar fotografias, sobretudo na baixa lisbonense, e que era muito frequentada por Sá Carneiro. Após a invenção da fotografia, Lisboa foi uma das cidades europeias que mais cedo aderiu a essa invenção, conforme se pode verificar no *Arquivo Municipal de Lisboa – Arquivo Fotográfico*. Sá Carneiro não trabalhava na Polícia Judiciária. Porque razão teria lá ido de propósito para tirar uma fotografia? A expressão do rosto de Sá Carneiro, nessa fotografia, é bastante elucidativa: trata-se de uma expressão nada contraída, uma expressão sem qualquer sorriso, ao contrário das outras fotografias que conhecemos dele. Mesmo que não esboçasse um sorriso conforme faz noutras fotografias, pelo menos podia não mostrar o contrário, mas em vez disso Sá Carneiro tem nessa fotografia um ar carregado, uma expressão constrangedora, um rosto de desagrado e de mau estar, certamente por ter sido tirada na Polícia Judiciária, relacionado com algo de que era suspeito, questionado, ou importunado. Sá Carneiro não era ladrão, nem assassino, portanto só poderia ter a ver com homossexualidade.

A perseguição aos homossexuais prolongou-se nos anos seguintes, e Almada Negreiros, num dos números da revista *Sempre Fixe*, onde Almada Negreiros publicou ilustrações que fazem alusão à homossexualidade, como por exemplo um desenho de dois jovens do sexo masculino, de mãos dadas. No número de 23 de Setembro de 1926 Almada Negreiros publicou um outro desenho de sua autoria, que representa um casal de lésbicas, e um casal de homossexuais masculinos, e que tem um agente da Polícia de Segurança Pública ao lado, a fazer ronda pelas ruas, olhando-os com ar desconfiado, ilustração essa como caricatura à perseguição dos homossexuais, e onde Almada Negreiros coloca a seguinte legenda: “Salvemos os rapazes!”.

¹¹⁴ Idem, *ibidem*, pp. 172-173.

Esse desenho é importante devido ao facto de ser de autoria de um dos membros da *Geração de Orpheu*, e faz alusão à suspeição e à perseguição de que os homossexuais eram vítimas, e de que Sá Carneiro terá também sofrido as consequências.

Numa das suas cartas a Fernando Pessoa, datada de 24 de Agosto de 1915, Sá Carneiro fala uma vez mais sobre si próprio, referindo-se ao seu ideal de beleza: “Para mim basta-me a beleza – e mesmo a errada – fundamentalmente a errada. (...) Foi esta a mira da minha obra”. De facto, na sua obra a atração pela “beleza errada” está presente, tanto a atração pelos indivíduos do sexo masculino, como o problema da identidade de género, em alguns dos seus poemas, de forma subentendida, e também na sua obra em prosa, de forma implícita e explícita (*Ressurreição; Asas; O fixador de instantes; Céu em Fogo; A Confissão de Lúcio*). Não cabe aqui, neste curto espaço de tempo, fazer um levantamento exaustivo desse tema na obra literária de Sá Carneiro, citar essas passagens que surgem ao longo da sua obra, e comentá-las. Chamamos apenas a atenção para a obra onde esse tema está mais presente, apesar dos seus entreditos, em que uma das personagens, Ricardo, se vai abrindo pouco a pouco ao seu amigo Lúcio, lhe vai desvendando a sua intimidade, e revelando-lhe a sua homossexualidade.¹¹⁵ Trata-se de um triângulo amoroso, em que uma mulher (Marta) não é desejada senão pelo amante (Lúcio), ele próprio objeto de desejo do seu marido (Ricardo), que se casou apenas para entrar na esfera da normalidade social, e em que Ricardo afirma sobre Marta que “ao possui-la tinha a sensação de possuir também o corpo masculino desse amante”¹¹⁶, e em que Ricardo diz a Lúcio: “Ai como eu sofri (...) eu queria vibrar esse teu afeto (...) e era-me impossível! (...) Só se te beijasse, se te enlaçasse, se te possuísse (...) mas como possuir uma criatura do nosso sexo?”¹¹⁷. Por seu turno, o outro personagem masculino, Lúcio, ao receber um beijo de Ricardo para que ele aprendesse a beijar melhor, percebe uma semelhança entre Marta e Ricardo, dizendo que ambos têm os mesmos gostos, e até o mesmo sabor do beijo: “O beijo de

¹¹⁵ Ver Frédéric MONNEYRON, *Écrire la passion homosexuelle: A Confissão de Lúcio de Mário de Sá Carneiro*, (“Escrever a paixão homossexual: A *Confissão de Lúcio* de Mário de Sá Carneiro), in *Tira*, Université Stendhal-Grenoble III, CRELIT, n.º 7, 1995, pp. 115-127. Pode ver-se também a obra de Fernando CUROPOS, *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise* (“A emergência da homossexualidade na literatura portuguesa”), (1875-1915), Paris, Ed. L'Harmattan, 2016, o capítulo “O entre dito de *A Confissão de Lúcio*,” páginas 207-222, que faz uma exaustiva análise sobre a homossexualidade nesta obra de Mário de Sá Carneiro.

¹¹⁶ Mário de SÁ-CARNEIRO, *A Confissão de Lúcio*, Mem Martins, Ed. Publicações Europa-América, 2009, p. 118.

¹¹⁷ Idem, p. 137.

Ricardo fora igual, exatamente igual, tivera a mesma cor, a mesma perturbação que os beijos da minha amante. Eu sentira-o da mesma maneira”.¹¹⁸

Fernando Pessoa, ao comentar esta obra, afirma: “A *Confissão de Lúcio* é apenas a Confissão do sr. Mário de Sá Carneiro. Com característica ingenuidade, mal sabe o autor quanto confessa de si, especialmente para quem, como um psiquiatra batido em aplicações da sua ciência à literatura, (...)”¹¹⁹ Quanto mais sexualmente nos fala, mas sexual nos revela”.¹²⁰ Por seu turno, ao estar tão ligado a Sá Carneiro, ao escrever alguns textos sobre ele, ao dedicar-lhe alguma da sua poesia, ao corresponder-se tão intimamente com ele, ao receber dele tantas cartas, ao responder-lhe, e ao chorá-lo aquando da sua morte, deixando-o deprimido, Fernando Pessoa também revela muito sobre si próprio. No seu poema sobre Sá Carneiro, incluído no presente livro, Fernando Pessoa expressa a sua amargura pela sua perda, e confessa a sua identificação com ele, dizendo a determinada altura o seguinte: “Hoje, falho de ti, sou dois a sós./ (...) Como eramos só um, falando!/ (...) nunca mais /Na paisagem sepulta desta vida/ Encontrarei uma alma tão querida/ Às coisas que em meu ser são as reais”.

Organização da presente obra e seus critérios

A presente obra têm como fio condutor, além do tema, o conceito de *lista*, que tem como sinónimos as palavras: coletânea, conjunto, coleção, taxinomia, classificação, categorização, divisão, elenco, catálogo, enumeração. Cada uma destas palavras não significa exatamente a mesma coisa, cada uma das mesmas é problemática enquanto sinónimo da outra. Elaborar uma lista, só por si, é também algo problemático, devido ao facto de uma lista ser um conjunto de algo, e de cada um dos elementos desse conjunto se pressupor como atribuível ao objeto que se pretende classificar e enumerar. Uma lista constitui uma reunião de elementos, uma inclusão. Pode-se elaborar uma lista ordenando uma matéria por subtemas, conceitos, ou períodos. Porém, uma lista com um conjunto de textos não é apenas uma série empírica de dados, pois é também uma interpretação sobre aquilo que deve ser incluído nessa lista.

Esta tarefa, como sublinha Umberto Eco, faz-nos experimentar “um acesso de vertigem devido a uma pluralidade que poderia ser incompleta”¹²¹.

¹¹⁸ Idem, capítulo V, p. 110.

¹¹⁹ Espaço deixado em branco pelo autor.

¹²⁰ *Apreciações Literárias de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013, p. 232.

¹²¹ UMBERTO ECO, *A vertigem das listas*, Lisboa, Ed. Difel, 2009, p. 34.

Conforme afirma este autor, “na *Ilíada* aparecem dois modos de representação. O primeiro depara-se-nos quando Homero descreve o escudo de Aquiles: é uma forma acabada e concluída, na qual Hefesto representou tudo aquilo que ele sabia e que nós sabemos acerca de uma cidade, do seu território, das suas guerras, dos seus ritos pacíficos. O outro modo manifesta-se quando o poeta não consegue dizer quem ou quantos eram todos os guerreiros Aqueus: pede auxílio às musas, mas tem de se limitar ao assim chamado e enorme, catálogo dos navios, que se conclui idealmente com um *et caetera*. Este segundo modo de representação é a lista ou o elenco. Há listas que têm fins práticos e são finitas, como a lista de todos os livros de uma biblioteca; mas há outras que querem sugerir grandezas inumeráveis e que nos fazem sentir a vertigem do infinito”.¹²²

Uma lista contém um conjunto de características, que por sua vez inclui ou pode incluir outro conjunto de características, e dentro de uma lista pode haver outras listas, explícitas e implícitas, e levar-nos para mais longe do que aquilo que a primeira lista apresenta. Fernando Pessoa é disso um dos melhores exemplos, pois fez muitas listas de textos que pretendia escrever, elaborou vários projetos de textos, que por sua vez incluíam outros projetos de textos, em que uns projetos se misturavam com outros projetos de textos, que se repetiam noutras listas, ou que se sobrepunham. Como era de esperar, nesta tarefa inesgotável, com tantas listas de textos que pretendia escrever, com tantos projetos, enumerados, classificados, e reclassificados, uma grande parte não chegou a ser concretizada. No entanto, o fio condutor da presente obra sobre a homossexualidade e o homoerotismo em Fernando Pessoa é também uma lista de textos, não a escrever mas escritos, embora alguns destes textos tenham ficado por acabar. O inacabado desta lista não está apenas nos textos que ela contém, mas também no inacabado da própria lista, pois há alguns textos que eventualmente faltam, ou que o leitor poderá achar que também deveriam fazer parte desta lista. Por outro lado, os textos inéditos de Fernando Pessoa que ainda existem por publicar, fazem também com que esta seja uma lista inacabada.

Todavia, o nosso objetivo não é dizer tudo, pôr tudo, e conseguir apresentar tudo, exaustivamente. É impossível colocar aqui tudo, devido à vastidão da obra de Fernando Pessoa, apesar do conteúdo deste livro ser um vasto conjunto de textos que tem como objetivo ser o mais completo possível. Embora procurando que seja uma lista de textos tão completa quanto possível, o nosso objetivo é apresentar uma panorâmica muito significativa sobre a homossexualidade e homoerotismo ao longo da vasta obra de Fernando Pessoa, através dos textos que sobre isso, ou relacionados com

¹²² IDEM, *Ibidem*, apresentação da obra.

isso, ele escreveu. Dado que as interpretações dos textos são uma tarefa inesgotável e indeterminada, este livro poderia conter mais (ou menos) textos. A leitura e a interpretação de um texto não pode pressupor uma análise pré-definida do mesmo, mas implica antes uma importante liberdade por parte do leitor. Daí o conceito de *obra aberta*, de que fala Umberto Eco, segundo o qual a produção literária não se encontra plenamente definida, enquanto estrutura finita, mas pelo contrário possibilita diversas interpretações.¹²³ Com a noção de *obra aberta* estamos na presença de uma grande possibilidade de interpretações, de um campo inesgotável de significados, sobretudo num autor como Fernando Pessoa, cuja obra remete para uma imensidão de significados e de ambiguidades, que cabe ao leitor interpretar. Levando a tarefa da interpretação até às últimas consequências, mais textos da obra de Fernando Pessoa poderiam fazer parte desta lista, ao interpretar-se a sua obra sob o ponto de vista do homoerotismo, tendo então que incluir-se até mesmo, por exemplo, os poemas de Alberto Caeiro, que à partida não parecem ter a ver com o homoerotismo. Ora, na História da Literatura Universal, a poesia pastoral tem muito a ver com a tradição literária homoerótica, e no caso de Alberto Caeiro, o falhado pastor amoroso, que perdeu o cajado (o que, seguindo as interpretações psicanalíticas, é encarado como um símbolo fálico), pode ser também interpretado como uma metáfora, uma personificação do amor falhado em Fernando Pessoa, e que tem implicitamente como causa a homossexualidade. Existe mesmo uma passagem dos *Textos mediúnicos*, que criticam a homossexualidade em Fernando Pessoa, em que Wardour diz a Fernando Pessoa: “Luis de Montalvor quer fazer-te mal tornando público que és muitas vezes outro, para que não possas ter sucesso com Caeiro” (pois Caeiro dizia amar uma mulher).

Em resultado da nossa investigação, no que diz respeito a poesia, incluímos aqui sessenta e seis poesias de Fernando Pessoa (ortónimo), quinze poesias do heterónimo Álvaro de Campos, dez poesias do heterónimo Ricardo Reis, e uma poesia do heterónimo Joaquim Moura Costa. Incluímos também dezassete contos e outros textos de ficção, quatro textos autobiográficos, nove textos mediúnicos, dois textos astrológicos, doze cartas, dezasseis textos sobre arte e literatura, quatro textos sobre as mulheres, quinze textos sobre António Botto e Raul Leal, treze textos e fragmentos genéricos, dez listas de projetos, dois poemas traduzidos e recriados, onze textos em prosa de Álvaro de Campos, dois textos em prosa de Ricardo Reis, vinte e oito textos de Bernardo Soares, oito textos de outros heterónimos, e cinco textos de heterónimos e personagens não identificados.

¹²³ UMBERTO ECO, *Obra Aberta*, Lisboa, Ed. Difel, 1989.

Esta investigação não tem como objetivo utilizar Fernando Pessoa como pano de fundo de uma determinada teoria sobre a homossexualidade e o homoerotismo. Não se trata de uma obra de estudo psicanalítico, de análise literária, ou de outro tipo de abordagem. O objetivo desta obra é reunir os textos relacionados com o tema da homossexualidade e os textos homoeróticos em Fernando Pessoa, e mostrar as formas variadas como esse tema aparece na vasta obra de Fernando Pessoa, não se recorrendo a uma determinada perspetiva teórica, mas procurando antes mostrar o que sobre isso, ou relacionado com isso, ele escreveu, direta e indiretamente. O objetivo é apresentar textos referentes à homossexualidade, ou que fazem alusões sobre esse tema, e textos homoeróticos, como por exemplo os muitos poemas sentimentais e amorosos dirigidos a indivíduos do sexo masculino, e ainda outros textos que, segundo a nossa interpretação, têm a ver com a homossexualidade, ou que consideramos que são homoeróticos. Na maior parte dos textos, principalmente na poesia, está explícito o conteúdo homoerótico, ou as suas ligações ao homoerotismo e à homossexualidade, mas também há textos em que isso não acontece, e há que interpretá-los. Por isso, sempre que achámos necessário, fizemos algumas anotações ao fundo da página, em notas de rodapé, chamando a atenção para determinado pormenor do texto, para que se possa perceber porque razão o incluímos. É importante ler essas notas de rodapé, pois nelas mostramos determinados pormenores que podem passar despercebidos, como por exemplo no poema francês *Os lagos*, que tem uma variante de um verso, em que Fernando Pessoa afirma: “O que foi a nossa vida a partir de então? És feliz?” Em Português, a palavra “feliz” tanto pode ser para homem como para mulher, mas em Francês não é assim. Neste verso Fernando Pessoa escreveu a palavra “heureux”, que significa “feliz” no género masculino. Se fosse no género feminino deveria ter escrito: “heureuse”.

No que diz respeito aos critérios que utilizámos para incluir estes textos, consideramos que o homoerotismo não existe apenas quando encontramos textos de amor, ou de erotismo, especificamente em relação a duas pessoas do mesmo sexo, mas também quando se canta ou idealiza a beleza masculina, feita por uma pessoa do sexo masculino, quando se faz uma exaltação dessa beleza no sentido geral, sem ser apenas dirigida a uma pessoa específica, mesmo que essa pessoa seja fictícia, como no caso da generalidade dos poemas. O homoerotismo existe nos textos de Fernando Pessoa também quando se canta e/ou idealiza no sexo masculino a sua beleza. Isto não tem a ver com a quantidade das referências homoeróticas do texto (que até pode tratar também de outros temas, como por exemplo a *Ode Marítima*), mas com o facto de no texto estarem contidas algumas passagens que expressam homoerotismo, ou que falam também, direta ou indiretamente, sobre homossexualidade.

Um texto homoerótico, ou um texto que fala de homossexualidade, não é apenas o texto que o faz de forma explícita e direta, mas também quando faz alusões, ou quando emprega metáforas, mesmo que sejam metáforas tradicionalmente negativas, mas que Fernando Pessoa transforma, e às quais confere um caráter literário e não negativo, como por exemplo as palavras *decadência*, *degenerescência*, *perversão*, *inversão*, *vício*, etc. Estas e outras metáforas devem ser interpretadas e compreendidas, incluindo os eufemismos, ou determinadas passagens obscuras. Faz parte da própria natureza da linguagem o duplo pensar, e neste sentido toda a literatura é uma grande metáfora, um tensão entre possíveis mundos e a nossa habilidade enquanto leitores, que consiste precisamente em viver esta tensão. Todo o texto verdadeiramente literário e poético sugere muito mais do que dizer exatamente algo. A ambiguidade e as alusões consistem num jogo de linguagem capaz de permitir ultrapassar os limites da própria linguagem. O mais difícil na leitura de um poema não é apenas reconstruir o seu sentido, mas a sua sensibilidade. A comunhão necessária e as motivações emocionais do autor, assim como a sua contextualização, constituem um dos mais difíceis problemas a serem enfrentados, ao apresentar determinado texto como homoerótico, ou como estando ligado à homossexualidade.

Nesta nossa tarefa incluímos também textos de alguns heterónimos e personagens não identificados, que encarnam o papel de personagens literárias em textos de ficção, personagens essas que criticam a homossexualidade. A própria atitude de criticar a homossexualidade, através de personagens literárias, é também uma forma de falar sobre ela. Por outro lado, ter uma aversão sexual pelas mulheres, e criticá-las de forma direta, sob o ponto de vista afetivo, ou de forma indireta buscando justificações políticas, psicológicas, ou outras, é algo que também está ligado à homossexualidade em Fernando Pessoa, conforme se pode ver na lista de textos extraídos do *Livro do Desassossego*, por exemplo, em que por um lado existem textos com referências à homossexualidade, e por outro lado existem textos a rejeitar a mulher do ponto de vista afetivo. Isto está presente não apenas no *Livro do Desassossego*, mas também na poesia de Fernando Pessoa (por exemplo no pequeno poema *Conselhos*, em que Fernando Pessoa afirma: “Sê generoso e puro./Não é cantando seios de donzelas/ Que se é o futuro.”). Esta rejeição da mulher está presente ao longo da obra de Fernando Pessoa: na poesia, nos diários, nos textos em prosa sobre as mulheres, nos textos sobre arte e literatura, nos textos mediúnicos, no *Livro do Desassossego*, e nos pequenos heterónimos, e surge juntamente com textos em que se exalta a beleza masculina, e o homoerotismo. Se por si mesma essa rejeição leva a pensar na homossexualidade como polo de preferência, o facto de haver textos homoeróticos em Fernando Pessoa em que se faz essa rejeição, contribui também para, na tarefa interpretativa, compreender melhor essa rejeição.

Apresentamos neste livro textos homoeróticos, atendendo ao significado da palavra grega *eros*, que significa amor, e os conceitos a ela associados (paixão, romantismo, enamoramento, desejo, atração sensual, sexualidade), da qual provém o palavra *erotismo*, e que tem hoje a ver com uma estética da sexualidade, conforme já referimos no capítulo sobre o conceito de *homoerotismo*. Consideramos portanto como textos homoeróticos e sobre o homoerotismo, tendo em conta o conceito de *erotismo* no significado amplo do termo, os texto que não se referem apenas à sexualidade em sentido estrito, mas também ao amor, de acordo aliás com o significado originário da palavra *eros*. Naturalmente que, conforme se pode ver em alguns dos textos aqui reunidos, a sexualidade independentemente do amor, também está presente.

Quanto à sua forma de apresentação neste livro, incluímos textos de diversos tipos: textos onde o homoerotismo e a homossexualidade estão presentes totalmente; textos onde estão presentes parcialmente (em que existem algumas passagens sobre isso); textos onde estão explícitos e diretos; textos onde estão implícitos e indiretos; textos que embora não sejam homoeróticos, ou que não abordem propositadamente o homoerotismo e a homossexualidade, estão relacionados com o homoerotismo e a homossexualidade; textos que embora sejam sobre outros assuntos, falam também do homoerotismo e da homossexualidade; textos em que se critica e despreza as mulheres, do ponto de vista afetivo; textos em que se critica e despreza o casamento; textos emotivos e intimistas, nomeadamente poemas sentimentais sobre alguém do sexo masculino, ou a ele dirigidos; textos poéticos que falam de um “amigo”, palavra esta que, como já referimos atrás, tem uma tradição na literatura, que significa também “amor”, e por outro lado porque a palavra “amigo” aparece em alguns poemas homoeróticos de Fernando Pessoa; textos de amor e de sensualidade onde o emissor e o destinatário são ambos do sexo masculino; textos de amor e de sensualidade onde o emissor e o destinatário são ambos do sexo feminino; textos onde o emissor, embora seja do sexo masculino, se refere à homossexualidade feminina (nomeadamente nos textos de Fernando Pessoa sobre as mulheres), ou à poetisa lésbica Safo; textos onde o homoerotismo e a homossexualidade são referidos não em relação a ninguém em particular, mas no geral; textos em que se mistura a identidade de género (masculino-feminino), nomeadamente a feminização de um indivíduo do género masculino, devido ao facto da mesma, por vezes, se encontrar ligada à homossexualidade masculina, e do próprio Fernando Pessoa também fazer essa ligação, como por exemplo quando fala da novela homoerótica *António*, escrita por António Botto, em que Fernando Pessoa afirma: “No amor de António por Duarte a emoção transparece, com os seus pudores, os seus receios, os seus movimentos errados, a sua natureza feminina”, ou quando fala de uma

estadista homossexual, Frederico o Grande: “(...) Mas aqueles que têm sido, propriamente, grandes estratégicos, têm sido nitidamente histéricos também. Isto vê-se nos elementos surpreendentemente femininos que há em Frederico o Grande”.¹²⁴

No tempo de Fernando Pessoa, e ainda hoje, a feminilidade de uma pessoa do sexo masculino era conotada com a homossexualidade, e esta com a feminilidade. Uma das expressões que pode ter essa conotação é: “temperamento feminino de um homem”, e em Fernando Pessoa também existe essa expressão, podendo significar que um homem é homossexual por ter um temperamento feminino, ou que tem um temperamento feminino por ser homossexual (apesar de uma coisa não implicar necessariamente a outra). Em alguns casos Fernando Pessoa apresenta a feminilidade do homem como uma metáfora da homossexualidade masculina, e noutros casos apresenta a homossexualidade masculina como uma metáfora da feminilidade. Em alguns casos sugere uma coisa e não necessariamente outra, e noutros casos sugere as duas coisas, e noutros casos o texto é um pouco ambíguo, sendo necessário interpretá-lo, como por exemplo num diálogo de Fernando Pessoa com um contabilista, em que Fernando Pessoa lhe diz: “– Há em todos nós uma tragédia enorme, interrompi eu inesperadamente... Também tenho a minha. Tenho um pensamento masculino e uma sensibilidade feminina, e não consegui ainda o casamento entre eles, isto é, entre ele e ela”.¹²⁵

Ora, num texto autobiográfico, transcrito no presente livro, Fernando Pessoa afirma sobre si próprio algo muito parecido: “Sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. (...) Agradava-me a passividade. De atividade, só me aprazia o bastante para estimular, para não deixar esquecer-me, a atividade de amar daquele que me amava. Reconheço sem ilusão a natureza do fenómeno. É uma inversão sexual fruste”.¹²⁶ Ora, dado que no diálogo com o contabilista, acima transcrito, se trata de um diálogo em que Fernando Pessoa dialoga ele próprio com uma personagem, e fala de si mesmo ao dizer isso, somos levados a interpretar nesse sentido essas e outras afirmações sobre a feminilidade do homem (neste caso, a sua).

Há também alguns casos em que, como já referimos, o narrador dos textos de Fernando Pessoa não se vê nem como homem nem como mulher,

¹²⁴ *Quaresma decifrador*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2014, pp. 86-90

¹²⁵ Texto incluído no *Livro do Desassossego*, vol. I, organizado por Teresa Sobral Cunha, Coimbra, Ed. Presença, 1990, pp. 23-26. Não existe nas edições do Livro do Desassossego feitas por outros organizadores, por isso o incluímos no capítulo dos contos e outros textos de ficção, do presente livro.

¹²⁶ *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2003, p. 186-187

mas em que se situa para além da dicotomia masculino-feminino. São textos em que Fernando Pessoa expressa a ambiguidade e a indefinição dessa separação, como por exemplo nos seguintes textos: *Quando se está cansado*: “Uma coisa indecisa que não é/ Masculina ou feminina”. *Deus te livre de estar onde estás*: “Deus te livre de que te tomem/ Por mulher e também por homem”. Heterónimo Maria José, *Carta da corcunda para o serralheiro*: “Eu não sou mulher nem homem”. Embora a feminização do masculino, e a masculinização do feminino, não sejam sinónimos de homossexualidade, por vezes estão ligados à homossexualidade, assim como a homossexualidade por vezes também está ligada à feminização do masculino, e à masculinização do feminino, por isso incluímos também neste livro textos onde isso está presente, devido ao facto do próprio Fernando Pessoa, conforme já referimos atrás, fazer em alguns textos a ligação entre uma coisa e a outra.

No que diz respeito ao modo de disposição dos textos presentes neste livro, à sua sequência, começamos por Fernando Pessoa ortónimo, passamos depois para os heterónimos principais, e terminamos com os heterónimos menos conhecidos, incluindo heterónimos e personagens não identificados (que consideramos como heterónimos ou personagens devido ao facto de falarem sobre Fernando Pessoa, numa terceira pessoa, ou de contestarem por exemplo a revista *Orpheu*). Apresentamos textos independentemente do tamanho, por isso também demos atenção aos pequenos fragmentos, e até mesmo a simples frases isoladas que Fernando Pessoa escreveu, nomeadamente os incluídos neste livro no capítulo *Textos e fragmentos genéricos*. Fernando Pessoa deixou muita coisa escrita em fragmentos, e alguns deles são pequenos fragmentos. Mas um fragmento não é apenas algo que resta, ou que não chegou a ser terminado. Um fragmento pode ser também um modo específico de escrita, um estilo, uma forma própria de escrever, concisa e terminada, utilizada por alguns escritores, de que são exemplo alguns poetas românticos alemães, como Novalis, August Schlegel, e Friedrich Schlegel. A escrita em forma de fragmento foi também utilizada por alguns filósofos, como por exemplo Pascal, Nietzsche, e Walter Benjamin. Nestes autores, assim como noutros, a concisão ou a descontinuidade, o dizer muito em poucas palavras, fazem parte da própria técnica literária. Fernando Pessoa também se incluí nessa técnica literária, por isso inserimos neste livro tanto os textos desenvolvidos, como os pequenos fragmentos, pois Fernando Pessoa cultivou ambos os estilos.

No caso dos textos muito extensos, em que o homoerotismo não é o tema central do texto, mas que tem partes significativas onde existe homoerotismo, como por exemplo na *Ode Marítima*, ou na *Ode Triunfal*, não incluímos esses textos na sua totalidade, mas sim transcrições das partes onde estão presentes as referências homoeróticas. Procurámos aqui o meio termo:

não transcrever esses textos na sua totalidade (quando são muito extensos), e também não transcrever apenas os versos homoeróticos, mas sim as partes dos poemas onde esses versos aparecem. O mesmo fizemos com os textos em prosa, como por exemplo o conto *O Eremita da Serra Negra*, um extenso conto, que não é um conto homoerótico, mas onde existem algumas passagens que falam sobre a homossexualidade. Quando o tema do texto é o homoerotismo, como por exemplo os textos sobre António Botto e Raul Leal, embora extensos, colocámo-los na sua totalidade.

A sequência de apresentação dos textos é onomástica, seguindo portanto os nomes dos autores que têm textos homoeróticos ou que escreveram textos a propósito da homossexualidade: o ortónimo (Fernando Pessoa), os heterónimos principais (Álvaro de Campos, Ricardo Reis, e Bernardo Soares), e outros heterónimos (Frei Maurice, Vicente Guedes, Jean Seul, António Mora, Barão de Teive, Maria José, Thomas Crosse, e heterónimos não identificados). Dentro do ortónimo, assim como em cada heterónimo, colocámos primeiro a poesia, e depois a prosa. Em Fernando Pessoa (ortónimo) seguimos uma sequência temática, dado o facto de haver no ortónimo uma variedade de temas: textos autobiográficos, textos mediúnicos, textos astrológicos, correspondência, textos sobre arte e literatura, textos sobre as mulheres, textos sobre António Botto e Raul Leal, textos e fragmentos genéricos, listas de projetos, poemas traduzidos e recriados.

Em alguns casos, o que está num tema ou num capítulo, também poderia estar noutra. Por exemplo, há mais textos que poderão ser considerados como textos autobiográficos, e deveriam ser então incluídos no capítulo *Textos autobiográficos*, como por exemplo os *Textos mediúnicos*, ou algumas das cartas a João Gaspar Simões. Esta divisão pormenorizada teve como objetivo uma maior arrumação dos textos, dado que existem diferenças entre eles. Uma coisa são os textos em que Fernando Pessoa escreve sobre si, sem ter um destinatário concreto, outra coisa são os textos mediúnicos em que Fernando Pessoa “fala” com espíritos, e em que estes nos transmitem muito sobre a vida sexual de Fernando Pessoa, e outra coisa são as cartas a João Gaspar Simões, como por exemplo a carta em que afirma “Sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina”. Levada a classificação *autobiográfica* ao extremo, então muita da poesia de Fernando Pessoa também pode ser considerada como autobiográfica.

Eis um outro exemplo da possibilidade de colocação de textos num capítulo ou noutra: fizemos um capítulo com os textos de Fernando Pessoa sobre arte e literatura, em que ele fala sobre o homoerotismo, ou em que há referências a esse tema. Os textos sobre António Botto e Raul Leal também se poderiam incluir nesse capítulo, mas devido ao caráter particular desses textos, devido à sua extensão, e sobretudo à sua importância na obra

de Fernando Pessoa, colocámo-los num capítulo específico. Enquanto os textos sobre literatura não tratam especificamente do homoerotismo, mas apenas o referem, os textos sobre António Botto e Raul Leal têm um tratamento exclusivo sobre o homoerotismo, por isso os destacámos dos outros textos que Fernando Pessoa escreveu sobre literatura. O capítulo dos textos sobre as mulheres, em que Fernando Pessoa as critica, e mostra a sua rejeição em relação a elas, poderia também conter mais textos, como por exemplo os textos do *Livro do Desassossego*, onde isso também acontece. Mas estes textos pertencem ao heterónimo Bernardo Soares, por isso estão no capítulo dos textos de Bernardo Soares.

Também o capítulo com algumas das cartas escritas por Fernando Pessoa, poderia ser mais extenso. Existem em Fernando Pessoa cartas reais (dirigidas a pessoas que realmente existiram, como por exemplo João Gaspar Simões), cartas fictícias (por exemplo a carta do heterónimo Maria José ao serralheiro), e cartas semifictícias (as cartas do heterónimo Álvaro de Campos a Ofélia Queirós). Consideramo-las como semifictícias, porque embora Álvaro de Campos não tenha existido, e seja portanto uma figura fictícia, Ofélia Queiroz existiu. No entanto, não basta que a pessoa tenha existido realmente, para que um determinado texto possa ser incluído desde logo no capítulo das cartas reais, como por exemplo o texto de Fernando Pessoa *Carta ao Bispo de Beja por um antigo admirador seu*. Trata-se de um texto sobre um bispo que realmente existiu, e que foi criticado no seu tempo, devido ao facto de ser homossexual, e de não apenas ser, mas também praticá-la. Neste texto, de difícil decifração, Fernando Pessoa, que se confessa ser um antigo admirador do bispo, afirma ironicamente, jogando com as palavras: “O sr. é um amigo de Peniche, mas mais amigo de pénis”.¹²⁷

O texto intitula-se *carta*, mas não seria uma carta para mandar ao bispo, sendo antes uma ironia de Fernando Pessoa, cultivando o seu habitual anticlericalismo, pois tratava-se de um bispo. Esse texto deveria ser incluído nos textos de ficção de Fernando Pessoa. Porém, nos textos de ficção de Fernando Pessoa as personagens são imaginárias, não existiram. Poderia ser colocado então no capítulo dos heterónimos e personagens não identificados, mas não se trata de um heterónimo, mas do próprio Fernando Pessoa (ortónimo). Ora, Fernando Pessoa não era assim tão direto como se apresenta nessa carta ao bispo de Beja homossexual, apesar de se dizer admirador do bispo, e de se dizer um seu admirador de longa data, e além disso Fernando Pessoa não conhecia o bispo pessoalmente, por isso é mais correto considerá-la uma carta para não enviar, e portanto um texto fictício. Sendo assim, consideramos que na secção das cartas devem ficar não sim-

¹²⁷ Espólio de Fernando Pessoa, Biblioteca Nacional, cota: E3, 1141 -23v.

plesmente aquelas que foram dirigidas a indivíduos que realmente existiram (se não, teríamos que incluir também a carta ao bispo de Beja), mas as cartas para indivíduos com quem Fernando Pessoa trocou realmente correspondência, como por exemplo as cartas a João Gaspar Simões.

Além das dificuldades de colocação dos textos num ou noutra capítulo, como esta aqui exemplificada, há outro problema que se surge com a sequência dos capítulos, isto é, qual o capítulo que se deve seguir a outro, e qual o capítulo que deve ficar primeiro. Toda a interpretação de um texto, assim como a sua classificação e a sua ordenação, é sempre algo subjetivo, e faz também parte do conceito de *obra aberta*, referido mais atrás. A sequência dos textos aqui reunidos tanto pode ser esta como outra. Nenhum texto tem necessariamente que pertencer apenas a um determinado capítulo, assim como nenhum capítulo tem necessariamente que seguir-se apenas a um determinado capítulo. Tivemos no entanto uma preocupação de diferenciação, tanto quanto possível, e aquilo que entendemos ser uma maior arrumação dos textos.

Dentro de cada um dos temas do ortónimo, assim como nos heterónimos, a sequência foi cronológica, terminando com os textos não datados. No caso dos *Textos mediúnicas*, estes textos não estão datados, por isso a sequência pela qual os colocamos é a sequência que está no livro de onde os citamos. Em relação aos textos não datados sobre António Botto, deduzimos qual o ano exato ou aproximado em que Fernando Pessoa os escreveu, a partir da referência às obras sobre António Botto que Fernando Pessoa escreveu, nomeadamente ao ano em que elas foram publicadas (e que Fernando Pessoa comentou).

Embora os textos tenham uma sequência cronológica, nomeadamente a poesia do ortónimo e dos heterónimos, a sequência cronológica nem sempre pode existir, pois Fernando Pessoa ia escrevendo textos em datas diferentes para os diferentes heterónimos, e assim, pela ordem cronológica, passaríamos do texto de um heterónimo, para o texto de outro heterónimo. Não seguimos também a sequência cronológica por exemplo na *Correspondência*. As duas cartas a João Gaspar Simões, e as duas cartas a Armando Cortes Rodrigues, foram aqui colocadas uma a seguir à outra, embora as datas sejam diferentes. Se a sequência fosse apenas cronológica, então teríamos uma carta a João Gaspar Simões, e mais à frente, depois das outras cartas, teríamos novamente outra carta a João Gaspar Simões (tendo em conta a data em que foi escrita).

Neste, como em alguns outros casos, não estamos presos ao critério cronológico, a sequência dos textos, e a sua ordem de apresentação, obedeceu a um critério de interpretação e arrumação pessoal, tendo em conta o que consideramos ser o seu grau de importância. Na sequência dos capítu-

los, começamos por aquilo que consideramos ser mais importante (a poesia e os contos), e que aliás pensamos que todos os leitores consideram, nomeadamente a poesia, e terminamos com o que consideramos ser menos importante (as listas de projetos, e os textos traduzidos), assim como nos heterónimos começamos pelos heterónimos principais (Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares), seguindo-se os menos conhecidos e considerados menos importantes.

Em relação aos títulos dos textos, os critérios foram os seguintes: sempre que o próprio Fernando Pessoa deu um título ao texto, o título que colocámos é aquele que ele deu ao texto. Quando Fernando Pessoa não deu título ao texto (dado que deixou muitos textos por acabar), colocámos como título a primeira frase do texto. Noutros casos ainda, quando extraímos uma parte de um texto grande, que tem uma frase central para a compreensão do texto, nomeadamente para se entender porque razão o consideramos como fazendo parte do tema do presente livro, colocámos essa frase central, como por exemplo nos textos do *Livro do Desassossego*, pois nas edições que existem desta obra, salvo raras exceções, os textos não têm título, estando apenas divididos pela numeração dos fragmentos. Os textos a que Fernando Pessoa não deu título, e que não têm como título a primeira frase, e que achámos que ficavam melhor com o título que lhe demos, tendo em conta o conteúdo do texto, além de alguns dos textos do *Livro do Desassossego*, são os seguintes: *Ortónimo, poesia*: “O cavaleiro”; *Textos sobre arte e literatura*, os textos: “A arte e a sensualidade”, “A genialidade”, “Correntes literárias e decadentismo”, “Degenerescência e literatura”, os textos sobre os escritores, dando-lhes o nome do escritor sobre o qual esses textos falam). No capítulo *Textos e fragmentos genéricos*, os textos: “O conceito de *homossexualidade*. No capítulo *Álvaro de Campos*, o texto: “Álvaro de Campos critica Ofélia Queiroz”. Resta acrescentar que, em relação à fonte dos textos aqui reunidos, as referências são os livros de Fernando Pessoa, que têm sido publicados ao longo dos últimos anos, onde investigámos e encontrámos estes textos, assim como o espólio de Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional, onde também investigámos e encontrámos alguns textos, alguns deles inéditos.